

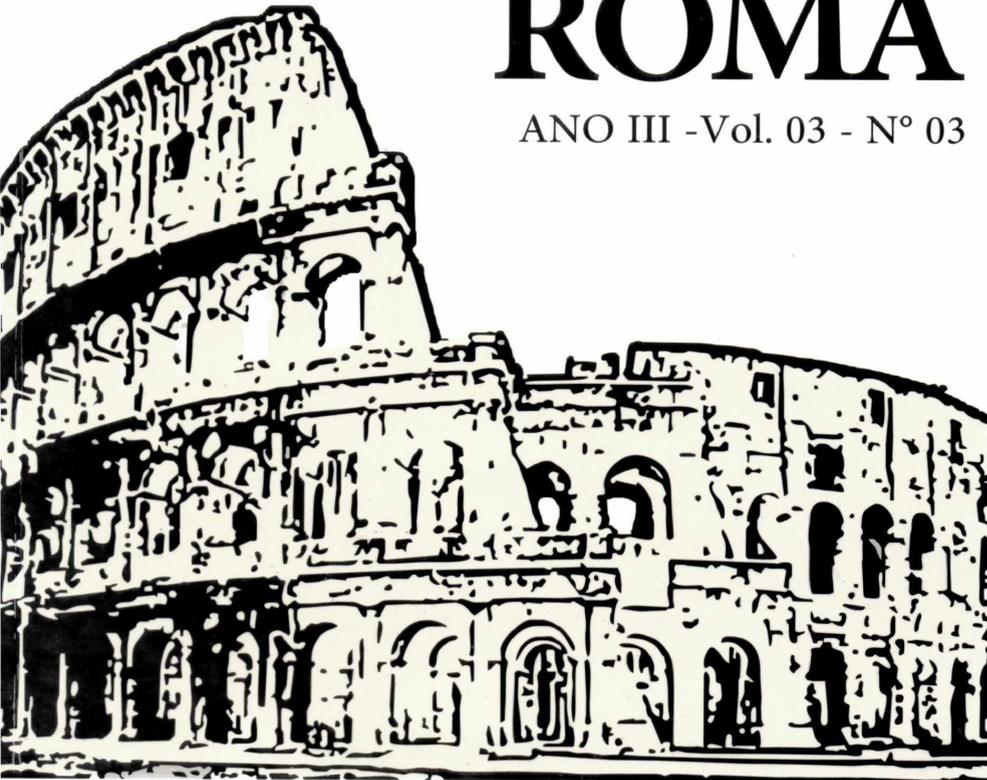
série  
**textos  
didáticos**

ISSN 1980-5292

# ESTUDOS CLÁSSICOS

## ROMA

ANO III - Vol. 03 - Nº 03



Marinalva Vilar De Lima

Michelly Pereira de Sousa Cordão

Organizadoras

**EDUFCG**

**EDUFCG**

ESTUDOS CLÁSICOS  
ROMA

SÉRIE TEXTOS DIDÁTICOS

ANO III—VOL. 03—N° 03

MARINALVA VILAR DE LIMA

MICHELY PEREIRA DE SOUSA CORDÃO

(ORGANIZADORAS)

# ESTUDOS CLÁSSICOS

## ROMA

SÉRIE TEXTOS DIDÁTICOS

ANO III—VOL. 03—Nº 03



CAMPINA GRANDE- PB

2013

© RESERVADOS AOS AUTORES/ORGANIZADORES  
TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À EDUFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

E82 Estudos Clássicos Roma / Marinalva Vilar de Lima, Michelly Pereira de Sousa Cordão (Organizadoras). – Campina Grande: EDUFCG, 2013.  
174 p. : il. – (Série Textos Didáticos ; Ano 3, Vol. 3, n.3)

ISSN 1980-5292

1. História Antiga. 2. Estudos Clássicos. 3. Roma. I. Marinalva Vilar de Lima. II. Michelly Pereira de Sousa Cordão. III. Título. IV. Série.

CDU 94(37)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG**

**EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG**

**editora@ufcg.edu.br**

**Prof. Dr. José Edílson Amorim**  
**Reitor**

**Prof. Vicemário Simões**  
**Vice-Reitor**

**Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves**  
**Diretor Administrativo da Editora da UFCG**

**Yasmine L. F. de Lima**  
**Editoreção Eletrônica/Capa**

**CONSELHO EDITORIAL**

**Antônia Arisdélia Fonseca Matias Aguiar Feitosa (CFP)**

**Benedito Antônio Luciano (CEEI)**

**Consuelo Padilha Vilar (CCBS)**

**Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)**

**Janiro da Costa Rego (CTRN)**

**Leonardo Cavalcanti de Araújo (CES)**

**Marcelo Bezerra Grilo (CCT)**

**Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)**

**Rogério Humberto Zeferino (CH)**

**Valéria Andrade (CDSS)**

Aqueles que desprezam no mundo, exceto a riqueza, e acreditam que a honra e o mérito só existem no seio da opulência, deveriam meditar sobre o exemplo que se segue. À margem direita do tigre, exatamente em frente onde hoje se encontram os estaleiros navais, Lúcio Quíncio, única esperança do povo romano, cultivava quatro jeiras de terra, a que se dava o nome de Prado de Quíncio. Lá o foram encontrar os emissários do Senado, curvado sobre sua enxada ou ao cabo da charrua, a cavar a terra. Seja como for, o fato é que estava entregue ao trabalho da lavoura quando a delegação, após a troca de saudações, pediu-lhe que vestisse a toga para ouvir, em seu próprio benefício e em benefício da república, uma comunicação do Senado. Assustado, Quíncio perguntou "tudo vai bem" e pediu a Racília, sua mulher, que fosse depressa buscar a toga na choupana. Limpou-se da poeira e do suor e apresentou-se vestido com a toga. Imediatamente os delegados proclamaram-no ditador, felicitaram-no e pediram-lhe que viesse a Roma, informando-o do pânico que reinava no exército.

(TITO LÍVIO, Livro III, Cap. 26)

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>09</b>
NORBERTO LUIZ GUARINELLO	
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>11</b>
MARINALVA VILAR DE LIMA	
<b>PARTE I</b>	
<b>1 O DESTINO DE ROMA, O DESTINO DOS HOMENS: EXEMPLA EDIFICANTES EM TITO LÍVIO</b> .....	<b>17</b>
MARINALVA VILAR DE LIMA	
<b>2 LABOR COMO VIRTUDE, OTIUM COMO VÍCIO: REPRESENTAÇÕES DE TITO LÍVIO</b> .....	<b>31</b>
MICHELLY PEREIRA DE SOUSA CORDÃO & MARINALVA VILAR DE LIMA	
<b>3 TÁTICAS FEMININAS: A PERSPECTIVA LIVIANA</b> .....	<b>45</b>
LAURICÉIA GALDINO DOS SANTOS	
<b>PARTE II</b>	
<b>4 A REFLEXÃO SENEQUEANA DA MORTE: UM DIÁLOGO FILOSÓFICO ENTRE O “BEM VIVER, PARA O SABER MORRER”</b> .....	<b>59</b>
ANDRÉ LUIZ ALMEIDA OURIQUES	
<b>5 SÊNECA COMO O PROPAGADOR E PONSOLIDADOR DO ESTOICISMO EM ROMA</b> .....	<b>71</b>
CAMILA B. NOGUEIRA	
<b>6 O ÓCIO EM SÊNECA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CONCEPÇÕES DO ÓCIO NA ANTIGUIDADE E NA ATUALIDADE</b> .....	<b>83</b>
GABRIELA BARBOSA DE SOUTO	
<b>PARTE III</b>	
<b>7 POLÍBIO E A HISTÓRIA PRAGMÁTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A RELIGIÃO, OS RITUAIS E OS COSTUMES ROMANOS</b> .....	<b>95</b>
MURIEL OLIVEIRA DINIZ	
<b>8 DA GUERRA CIVIL À “PAX ROMANA”: UMA ANÁLISE DA GENS JÚLIO-CLÁUDIA</b> .....	<b>107</b>
ANDREY WILLY CARVALHO	

<b>9 A VISÃO DO FEMININO EM OVÍDIO .....</b>	<b>119</b>
HARRIET KAROLINA GALDINO DOS SANTOS	
<b>10 AMOR E CASAMENTO: UM ESTUDO COMPARATIVO NA ROMA IMPERIAL .....</b>	<b>135</b>
GUAÍRA MOREIRA CAMILO DE MELO	
<b>11 O ADVENTO DO CRISTIANISMO: A GÊNESE DA NOVA RELIGIÃO NA PROVÍNCIA DA PALESTINA.....</b>	<b>147</b>
GUSTAVO HENRIQUE SILVA	
<b>12 FACES DA ANTIGA GERMÂNIA: O COTIDIANO NA VISÃO DE TÁCITO.....</b>	<b>159</b>
JEAN PAUL GOUVEIA MEIRA	
<b>SOBRE OS AUTORES .....</b>	<b>171</b>

## PREFÁCIO

O mundo acadêmico, no Brasil como em outros países, é cada vez mais hierarquizado. E de uma maneira perversa: ao invés da criatividade e da originalidade das pesquisas, prevalecem a titulo-cracia e a necessidade de produzir em grande quantidade, não importa bem o quê. Há vinte e cinco anos atrás, quando comecei minha carreira como docente na Universidade de São Paulo, não possuía título nenhum. Havia deixado a graduação há pouco e era apenas uma aposta num jovem com muita vontade, mas sem títulos, nem publicações, como então se podia fazer. Hoje em dia a carreira começa, em muitos lugares, com o título de Doutor e as vozes 'autorizadas' para pensar e produzir História, para falar em público ou para escrever dependem, não mais do vigor próprio das ideias de cada um, mas dos pomposos diplomas que as sustentam.

Tendo em vista o crescimento exponencial de nossa área nos últimos vinte anos, esse processo talvez seja necessário e inevitável e devemos nos conformar com isso. Mas talvez não! Talvez seja possível, mais uma vez, abrir o espaço para vozes hoje desautorizadas, para que as avaliemos apenas pelo que elas valem, e não pelos títulos e posições que as sustentam. O livro que o leitor tem em mãos é um exemplo da riqueza de ideias originais que se pode obter quando se incentivam alunos de graduação a pensar por si próprios, a formular questões que lhes são pertinentes e a buscar as respostas, ou aprofundar suas questões, estudando as próprias fontes históricas, não apenas resumindo autores consagrados.

Este livro convida o leitor a um passeio pela Roma antiga através do estudo de autores antigos fundamentais: Tito Lívio, Sêneca, Políbio, Ovídio e muitos outros, explorando problemáticas plenamente atuais: a memória, os estudos de gênero, as relações familiares, as identidades religiosas, os modos de viver e morrer entre o final da Roma republicana e os inícios da Roma imperial

Produzidos por estudantes de História da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, mostram, igualmente, a expansão notável da História Antiga em nosso país, fenômeno dos últimos vinte anos. Durante muitos anos, o estudo e a pesquisa em

História antiga foram duramente combatidos em nosso país, como inúteis e impossíveis de serem realizados aqui. Valia mais a pena importar conhecimento produzido nos países ricos e centrar-se na História do Brasil e, nos centros menores, nas Histórias locais. O panorama mudou aos poucos, a História Antiga fortaleceu-se enormemente, primeiro no sudeste brasileiro e, agora, em boa parte do território nacional. Campina Grande, que há poucos anos era um lugar do qual não se podia falar com autoridade sobre essa História, representa, precisamente, essa expansão.

Os trabalhos aqui reunidos são fruto de ousadia e de esforço sério e competente. Trata-se de estudos muito bem articulados e de grande interesse, não apenas para alunos de graduação, que são seu público alvo, mas para especialistas e para o público em geral. Eles nos revelam um mundo que, através das reviravoltas do tempo, faz parte indelével de nossa própria História e do modo como nos vemos hoje, como brasileiros num mundo em processo de globalização. São um instrumento precioso para pensarmos e criticarmos uma das facetas de nossa origem, nossa 'ocidentalidade' e para repensarmos nossa posição e nossa identidade frente ao Ocidente, do qual somos um ramo periférico e mestiço, razão talvez de nossas misérias, mas esperança ainda grande de nossa originalidade e de nossa potencialidade no mundo multipolar e multicultural contemporâneo.

Norberto Luiz Guarinello  
Departamento de História/USP  
São Paulo, 2008

## APRESENTAÇÃO

Poder disponibilizar ao público uma coletânea de artigos que têm como eixo problematizador a sociedade romana antiga alimenta e renova antigas expectativas para com a área no Nordeste. Demarca um passo no sentido de fomentar a pesquisa sobre o Velho continente no contexto da UFCG. Experiência que só foi possível pelo compromisso com que se aplicaram os autores nas pesquisas aqui sistematizadas em forma de artigos; e empenho da Editora da UFCG, na pessoa do Prof. Antônio Clarindo que nos instigou a erguer o empreendimento.

Já há algum tempo tenho ministrado a disciplina História Antiga Ocidental para os públicos de graduação em História. Experiência que iniciei no curso de História da UFPB em 1996. Incomodava-me, sobremaneira, os programas de curso em que os professores optavam por desenvolver debates sobre a história antiga a partir, pura e simplesmente, dos comentadores dos autores antigos. Perspectiva que retira do graduando, neófito no mundo acadêmico, a possibilidade de manipular as obras e construir suas próprias compreensões das ideias aí veiculadas. Além do que, a depender dos comentadores acessados, pode-se promover um completo desinteresse com a área de estudos, haja vista tratar-se de experiências narrativas “apanhadas” em segunda mão.

Certamente que o acessar das produções antigas tem, na contemporaneidade, um grau de dificuldade maior, em virtude do enfraquecimento do estudo do latim e do grego, tendo sido retirado seu caráter de obrigatoriedade, quase que completamente, mesmo nos cursos de graduação em Letras. Entretanto, por outro lado, houve um investimento no âmbito da produção de traduções e de sua conseqüente publicação nos idiomas modernos que permitem maior acessibilidade aos textos antigos, estando, muitos deles disponíveis em sites especializados.

Dito isso, apresentamos o resultado dos esforços de professores e alunos do curso de Graduação em História da UFCG, para o fomento da pesquisa sobre a sociedade romana na referida institui-

ção. Iniciativa que teve seu início em 2004 e que se consolidou em 2007.

Os ensaios foram organizados em três partes, estando elas articuladas a partir das pertinências discursivas dos textos e temas de que tratam. Dessa forma, a primeira parte constitui-se pelos ensaios que analisam a obra do historiador latino Tito Lívio, a partir de duas preocupações centrais: sua compreensão de história e o lugar que destina ao feminino; a segunda parte tem como questão fundante a compreensão de vida, morte e ócio no estoicismo senequiano; e a terceira foi destinada aos ensaios que se dedicaram aos aspectos cotidianos da experiência histórica romana de entre a República até o Império, considerando-se, especialmente os sécs. II a.C. e II d.C. Recorte temporal em que a sociedade romana expande-se para além do Lácio e contata outras experiências de sociedades que, ao passo em que tem suas populações submetidas pelo poder bélico romano, altera suas instituições, costumes, tradições, etc. Donde resulta uma “Roma mosaico” em que múltiplos sentimentos de pertença passam a tonificar o que se vai denominar de Império romano.

Os artigos aportam em dois níveis de análises, um que procura estabelecer uma leitura pontual das obras de Tito Lívio e de Sêneca; outro que dá visibilidade aos aspectos da experiência cotidiana romana, tais como a política, as instituições, o amor, o casamento, o feminino, a guerra, o ócio, a religião, etc., respaldando-se em fontes latinas e/ou gregas e em obras de comentadores. Por fim, como toda obra que vem a público, essa se destina a leitura. Assim,

Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos. Deixe que o mundo a sua volta se dissolva no indefinido. É melhor fechar a porta; do outro lado há sempre um televisor ligado. Diga logo aos outros ‘não, não quero ver televisão!’. (...). Escolha a posição mais cômoda: sentado, estendido, encolhido, deitado. Deitado de costas, de lado, de bruços. Numa poltrona, num sofá, numa cadeira de balanço, numa espreguiçadeira, num pufe. Numa rede, se tiver uma. Na cama, naturalmente, ou até debaixo das cobertas. Pode também fi-

car de cabeça para baixo, em posição de ioga. Com o livro virado, é claro. (...)  
(Ítalo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*, 1999:11)

Marinalva Vilar de Lima  
Campina Grande, junho de 2008

# PARTE I

---

# 1 O DESTINO DE ROMA, O DESTINO DOS HOMENS: EXEMPLA EDIFICANTES EM TITO LÍVIO

Marinalva Vilar de Lima

Da articulação que constrói entre o destino de Roma e o destino dos homens é que percebemos resultar o mosaico discursivo exemplar de Tito Lívio. Escrita que projeta a edificação de modelos cívicos para os quais seus contemporâneos devem direcionar o olhar e a eles promover eco sonante no cenário da Roma augustana. Com esse intuito elabora uma obra que retroage aos tempos de fundação da cidade e vai até o início da era imperial, tomando os modelos de *virtus* como fios de ligação. Eixo discursivo articulado com tamanha força retórica que leva o leitor moderno a perder de vista as perspectivas espaço-temporal a que destina grande importância.

É em meio a um momento de grande turbulência da história romana à época republicana, em que a ameaça do retorno eminente de mais um enfrentamento entre Roma e Veios, cidade com quem é alimentada uma antiga contenda, que Lívio localiza a entrada em cena de Marco Fúrio Camilo, então vejamos:

Em Roma os boatos eram ainda mais alarmantes, acreditando-se que o acampamento de Veios já fora tomado e uma parte dos inimigos avançava em fileiras cerradas em direção à cidade. Todos se precipitaram para as muralhas. (...)

(...) deveria cumprir-se o destino dos veioses. O chefe indicado pelo destino para destruir aquela cidade e salvar sua pátria foi o ditador Marco Fúrio Camilo (...). A mudança de general modificava toda a situação: renovaram-se as esperanças, renovou-se o estado de espírito dos soldados. Em Roma também a sorte parecia ter mudado. Camilo começou por punir, segundo as leis militares, todos aqueles que haviam desertado de Veios. Fez ver aos soldados a existência de algo mais temível do que o inimigo. Após ter fixado a data para o recrutamento, voltou a Veios para reavivar a coragem das tropas, e de regresso a Roma realizou o alistamento

do novo exército sem que ninguém se recusasse a prestar serviço. Até mesmo a juventude estrangeira – latinos e hérnicos – veio oferecer sua ajuda naquela guerra. O ditador agradeceu-lhes em pleno Senado e concluiu todos os preparativos para a campanha. Por um senadoconsulta fez o voto de celebrar grandes jogos quando Veios fosse capturada, e de restaurar e consagrar o templo de Mater Matuta, consagrado outrora por Sêrvio Túlio<sup>1</sup>.

Situação discursiva em que Lívio vai articular em um mesmo homem grandeza de liderança e respeito à tradição religiosa no cumprimento de seu próprio destino e, por conseguinte, dos destinos de Veios e de Roma. Cidades cujos destinos se cruzam, necessariamente, pela via da oposição: *“Assim se deu a queda de Veios, uma das mais opulentas cidades etruscas, cuja grandeza se evidenciou mesmo em sua última derrota”*<sup>2</sup>. O ditador é apresentado em completa consonância com as atitudes das matronas, dadas a conhecer por Lívio como mantenedoras da purificação da cidade, conforme descrição que faz da situação e da participação dessas:

As mães de família, que o pânico generalizado arrancara de suas casas, faziam súplicas nos templos e dirigiam preces aos deuses para que afastassem a desgraça de suas casas, dos templos, das muralhas, e que fizessem recair sobre Veios aquela ameaça, uma vez que as cerimônias religiosas haviam sido restabelecidas em conformidade com os ritos, e os prodígios, expiados<sup>3</sup>.

A edificação de valores que Lívio enxerga enquanto relegados ao desuso por seus contemporâneos é o que, ao nosso ver, tonifica as muitas narrativas que constrói em sua interferência no passado, fazendo (re)empregos e deslocamentos de histórias

---

<sup>1</sup> TITO LÍVIO. História de Roma (ab urbe condita libri), trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989, LIVRO V, caps.18 e 19..

Todas as citações a obra de Tito Lívio foram retiradas da tradução de Paulo Matos Peixoto. Além dessa tradução, também, foi consultada a tradução da Gredos, constante nas referências bibliográficas.

<sup>2</sup> TITO LÍVIO, LIVRO V, cap. 22.

<sup>3</sup> TITO LÍVIO, LIVRO V, cap.18.

conservadas pela tradição na costura discursiva que cinge para seus contemporâneos. Discurso que resulta de cortes, escolhas e recusas de modelos de comportamentos e costumes, adotados pelos ancestrais romanos desses que vivem a Roma augustana.

É para os cidadãos de uma Roma expandida<sup>4</sup>, com graves dificuldades em manter os fios de ligação entre mundos extremamente distintos, que Lívio endereça uma escritura que pretende fazer eco, não apenas no centro do império, mas até onde se diga existir Roma.

Dessa Roma da experiência escriturística e histórica do historiador oriundo da cidade de Pádua, então província romana, Tito Lívio, Pierre Grimal<sup>5</sup> nos informa que era posto em prática um movimento restaurador enfeixado por Otávio Augusto. Momento da história romana que diz ter a particularidade de merecer ser nomeado de “o século de Augusto” pela forma como o *princeps* vai se colocar e ser visualizado:

Octávio, filho de César e adoptado como Júlio César Octaviano, adorado pela arraia miúda como um deus, era o seu herdeiro, tinha que ser forçosamente um deus. Não diziam os mitos que Eneias, príncipe troiano, aportara às costas do Lavínio e se estabelecera no Lácio? Não fora Iúlo, filho de Eneias, o antepassado da gens Iulia? Não descendia também Rômulo, filho de um deus, de Iúlo? E não fora o próprio Eneias filho de uma deusa, Vênus, amada pelos romanos? E os augúrios e um cometa do céu não haviam dado o sinal? Não era convicção generalizada entre as forças vivas da sociedade e da cultura de então que uma nova era estaria

---

<sup>4</sup> Acerca dos movimentos de expansão territorial, das conquistas realizadas pelos romanos e para outras informações sobre a sociedade romana de fins da república e da época imperial, aqui veiculadas, consultar: PETIT, Paul. A paz romana, trad.: João Pedro Mendes, São Paulo: Pioneira; EDUSP, 1989; CORASSIN, Maria Luiza. Sociedade e política na Roma Antiga, São Paulo: Atual, 2001; CANFORA, Luciano. Júlio César: o ditador democrático, trad.: Antônio da Silveira Mendonça, São Paulo: Estação liberdade, 2002; GRIMAL, Pierre. A civilização romana, Lisboa: Edições 70, 1993; GRIMAL, Pierre. O século de agosto, Lisboa: edições 70, 1997; dentre outras indicações constantes nas referências bibliográficas.

<sup>5</sup> GRIMAL, Pierre. op.cit.1997.

por chegar, uma nova Idade de Ouro, uma era de paz e prosperidade sem igual para o Universo?<sup>6</sup>

Augusto se impõe no cenário da história de Roma, pondo em prática um projeto político que marcará os mais distintos universos da vida romana do início do império. Portanto:

A impressão que nos fica de Augusto é de admiração. Político de gênio, grande e metucioso estratega e, sobretudo, homem de ação. Ambicioso. Desejava o poder. Mas não para dele se servir como o príncipe de Maquiavel. Fica-nos a ideia de que acreditava sinceramente ter sido designado para uma missão civilizadora especial e que era de raça divina<sup>7</sup>.

Por outro lado, Augusto herda uma Roma caótica e a organiza, pacífica, unifica, pondo em efetivação os desejos dos mais distintos segmentos sociais. Resultado atingido a partir da articulação de várias forças. Nesse sentido, visualizamos um exercício político que vai para além do uso da força bruta, recolocando na ordem do dia valores espirituais fundamentais no universo de mentalidade romana.

Sobre a participação, ou identificação, de Tito Lívio com os rumos dados pela política augustana para a cidade, Grimal<sup>8</sup> considera que: *“Tito Lívio, sem dúvida, servia Augusto, mas apenas na medida em que este servia essa pátria profundamente amada”*.

Portanto, sonante com o ideais restauradores da época augustana, Lívio quer fazer vir à tona uma Roma que se encontra encoberta, guardada em um passado que a tradição conservou e a qual quer fazer despertar como sombra edificadora. O discurso liviano é visto como sonante com a produção discursiva levada à efeito pelo círculo literário patrocinado pelo aristocrata Mecenas.

É uma Roma cadaverizada que Tito Lívio pretende preencher com os tecidos, músculos, articulações, vasos, artérias e sangue que localiza como sobreviventes no mimetismo da tradição. Escri-

---

<sup>6</sup> GRIMAL, Pierre. op.cit.1997, pp.10-11.

<sup>7</sup>Idem, ibidem, p.11.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, p.78.

tura que intenta, tanto quanto em um Heródoto, por exemplo, dar o estatuto de revificadora da experiência, ainda que de forma e para objetivos diferentes. Se para Heródoto há como preocupação maior a elaboração de uma memória que impeça o esquecimento dos feitos do passado, para Lívio o esforço de mimetismo tem uma intencionalidade didático-pedagógica, visto que pretende trazer à cena experiências de romanos que tiveram como preocupação maior o cumprir do destino de Roma, mesmo que em detrimento de seus interesses pessoais. Retomando o exemplo de Marco Fúrio Camilo, eis como Lívio o apresenta após a vitória ensejada sobre Veios:

A chegada do ditador foi festejada por todas as ordens, que lhe foram ao encontro, uma multidão como nunca se vira antes para qualquer de seus antecessores. O triunfo ultrapassou em esplendor tudo o que se costumava ver em tais manifestações. Quando Camilo entrou na cidade em seu carro puxado por cavalos brancos, todos os olhares se voltaram para ele. Não parecia um simples cidadão, nem mesmo um ser humano, dizia-se. Rivalizando com Júpiter e com o Sol, o ditador desperitava os escrúpulos religiosos. Por isso, esse triunfo foi mais brilhante que bem acolhido.

Em seguida, Camilo designou um local no Aventino para o templo de Juno Rainha, consagrou o de *Mater Matuta* e, após terconcluído esses ritos sagrados e profanos, abdicou da ditadura<sup>9</sup>.

Ideal personalístico que Lívio objetiva incutir em seus leitores. O espetáculo público, a Camilo destinado, não lhe cega a ponto de querer permanecer com o *status* que lhe dera a ditadura, abdicando do cargo tranquilamente. Desse modo é que Lívio procura encarnar modelos de civismo mimetizados pela tradição, cuidando para respeitá-la, apenas naquilo que vem a corroborar sua intencionalidade.

A história, como experiência passível de ser recuperada em benefício de épocas póstumas, já anunciada por Isócrates<sup>10</sup> é a que

---

<sup>9</sup> TITO LÍVIO. LIVRO V, Cap.23.

<sup>10</sup> Isócrates, apud HARTOG, François (org.). *A história de Homero a santo agostinho*, trad.: Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, p.14.

vai ser ensejada por Lívio, na medida em que retorna ao passado pra trazer de lá experiências que possam ensinar, educar, remodelar as maneiras de se relacionar com o presente. Percepção que, conforme análise de Hartog, remonta a experiência helênica - de Atenas - do declínio da polis :

(...) Atenas, para fazer face às dificuldades do presente, se volta para o passado. A experiência dolorosa das mudanças (metabolai) - a derrota e o que se seguiu - leva a invocar o passado e incita a imitá-lo. É daí que o tema da história como fornecedora de exemplos irá tomar seu impulso duradouro<sup>11</sup>.

Se Lívio anuncia seu ideário em uma Roma pós crise, provocada pela guerra civil do século II a.c., que resultou na instalação do modelo político em que três cidadãos compartilhavam a experiência do governo (I triunvirato e II triunvirato), o faz dialogando com uma tradição helênica que desloca em favor de seus intentos cívicos. É a defesa de uma Roma sob projeto restaurador augustano que dá “liga” a estrutura discursiva elaborada por Lívio.

A título de síntese, considerando a obra de Lívio em seu conjunto, é possível perceber que ele estabeleceu uma escritura em que apresenta os primeiros anos da formação de Roma (o período dos reis), para em seguida apresentar à larga os anos de consolidação do modelo Institucional Romano (o período Republicano), seguidos da narrativa do início do império, até 9 d.C. Exercício que pôs em prática em seus 142 livros, alcançando-nos apenas 35. Modelo prosador que se afasta dos prosadores mais imediatamente próximos a ele, visto que optavam por recortes mais pontuais e definidos, narrando uma guerra ou acontecido específico e o aproxima das produções com caráter anais, em que se relatava ano após ano os acontecimentos. A partir dessa escolha vai discorrer sobre a história de Roma desde a fundação até sua época. No entanto, é perceptível em Lívio que a narrativa do passado se dá a

---

<sup>11</sup>Idem, *ibidem*, p.14.

partir da clara conexão com o presente, articulação que reconhece e reivindica<sup>12</sup>.

Com Tito Lívio, pensar a história romana de fim do século I a.C. e princípios do século I d.C. parece ser um exercício em que está na decadência dos valores humanos o espelho para onde o destino da cidade reflexionou. Situação que serve de palco para a polifonia interpretativa com que pretende admoestar seus contemporâneos. Ergue-se enquanto voz que pretende recolocar a cidade no destino que a ela cabe, através de uma escrita prenhe de *exempla* que lhe alcança e que viabiliza o alcance de seus contemporâneos pelo exercício da *anamnesis*. Se aos indivíduos (de épocas que distam no tempo) estabelece um lugar de importância o faz na medida em que suas ações permitam-lhe – a Lívio – colocar em cena situações de que faz uso pedagógico, tanto por sua grandeza de realização, quanto por sua ruptura com o ideal de *uirtus*.

Preocupação que lhe permite costurar narrativas de situações que ultrapassam os limites que se impunham aos indivíduos por suas condições sociais e, ou, de gênero. Então vejamos:

Foi então que as sabinas, cujo ultraje fora o motivo da guerra, com os cabelos soltos e vestes rasgadas, vemcendo na desgraça a timidez natural do sexo, ousaram lançar-se em meio a uma saraivada de dardos e interpor-se entre os combatentes, para fazer cessar as hostilidades e o ódio. Suplicavam ora aos pais, ora aos maridos, que não cometessem um crime abominável cobrindo-se com o sangue de um sogro ou de um genro; que não manchassem com aquele delito as crianças que elas haviam posto no mundo, seus descendentes, netos de uns, filhos de outros: 'se este parentesco, se este Casamento vos desagradam, é contra nós que se deve voltar vossa cólera. Nós é que somos a causa da guerra, dos ferimentos e da morte de nossos maridos e de nossos pais. Antes de morrer do que sobrevivermos a uns e outros, ficando viúvas e órfãs!' (...). Desse modo, a cidade duplicou seu poderio<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup>HARTOG, François (org.). op.cit. 2001, p.18.

<sup>13</sup>TITO LÍVIO, LIVRO I, cap.14.

Excerto em que vemos Lívio tomar como conclusiva, para uma disputa entre romanos e sabinos, as atitudes de um gênero que, ele próprio, apresenta como limitado por sua “timidez natural”. Autorizando, nessa passagem e em muitas outras, uma leitura do feminino que não coadunaria com os registros feitos sobre a situação da mulher romana. Gênero sobre o qual M.I. Finley coloca:

Para começar, as mulheres não possuíam nomes individuais propriamente ditos até uma época relativamente tardia da história de Roma. (...) Salvo exceções relativamente sem importância, a mulher estava sujeita ao poder de um homem – do seu paterfamilias, do marido ou de algum guardião<sup>14</sup>.

Situação que parece permanecer como hegemônica pelo menos até o “apogeu do império”, conforme corroboram as análises de Carcopino<sup>15</sup>.

No que tange aos *exempla* de que lança mão pelo desrespeito com que se apresentam face ao ideal de *uirtus* percebemos que Lívio os demonstra a partir de uma estrutura narrativa que parece ter como objetivo maior provocar a indignação do leitor/romano da época augustana, alvo a que endereça sua escritura. Vejamos, a título de ilustração, a forma como constrói sua narrativa sobre a denúncia pública e punição do traidor, da batalha contra Fidenas, Métio Fufécio. Passagem em que Lívio articula, antagonicamente, os exemplos de Tulo Hostílio e Métio Fufécio.

Tulo então proferiu as seguintes palavras: ‘romanos, se algum dia houve uma guerra em que tivestes razões especiais para primeiro render graças aos deuses imortais e depois a vossa própria coragem, esta foi sem dúvida a batalha de ontem. Tivestes de lutar não só contra o inimigo, mas também - combate ainda maior e mais perigoso - contra a traição e a perfídia de nossos aliados. Não vos enganeis. Foi sem minha ordem que os albanos subiram às montanhas. Não dei semelhante

---

<sup>14</sup> FINLEY, M.I. *Aspectos da antiguidade*, São Paulo: Martins fontes, 1991, p.152;153.

<sup>15</sup> CARCOPINO, Jérôme. *Roma: no apogeu do império*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ordem mas julguei prudente fingi-lo para que, ignorando a traição, não perdêsseis o ardor do combate, e também para que o inimigo ao julgar-se batido pela retaguarda fosse tomado de pânico e debandasse. Reconheço que a culpa não é de todo dos albanos. Eles seguiram seu chefe como vós também teríeis feito se eu próprio vos ordenasse qualquer manobra. Métió foi o responsável por este movimento, o próprio Métió que maquinou esta guerra, Métió que rompeu a aliança entre Alba e Roma. Que alguém ouse reproduzir a façanha se eu não fizer deste homem um exemplo edificante para todos os mortais’.

Os centuriões armados cercaram Métió. (...) Tulo então prosseguiu: Métió Fufécio, se pudesses aprender ainda a respeitar os juramentos e os tratados, eu te pouparia a vida e seria eu próprio teu instrutor. Mas, como teu caráter é irrecuperável, que ao menos teu suplício ensine os homens a considerarem sagrados os compromissos que violasse. Assim como ontem dividias tua alma entre Fidenas e Roma, hoje é a vez de teu corpo ser também dividido<sup>16</sup>.

Tulo decide por um suplício que provoca um horrível espetáculo, mandando amarrar os membros do traidor a duas quadrigas para em seguida serem distendidos e arrastados pelos cavalos que são conduzidos em direções opostas. Suplíciamiento que Lívio narra em detalhe, para em seguida arremeter uma observação que contribui para a compreensão do nível terrificante provocado pelo espetáculo: *Foi a primeira e última vez que os romanos empregaram esse suplício que desprezava as leis da humanidade*<sup>17</sup>. Pois, mesmo os castigos são apresentados por Lívio como devendo respeitar limites, evitando-se assim, via punição, o embrutecimento dos espíritos, de que pretende ser formador.

Temos, pois, na longa passagem recortada da obra de Lívio, o uso dos dois movimentos fundamentais de sua construção narrativa apresentados pelos perfis de Tulo Hostílio e Métió Fufécio, um e outro, ideais miméticos conservados pela tradição

---

<sup>16</sup> TITO LÍVIO, LIVRO I, cap.28.

<sup>17</sup> TITO LÍVIO, LIVRO I, cap. 28.

romana que interessam a Lívio trazer à baila em seu exercício de rememoração.

A escritura liviana nos permite acompanhar, didaticamente, as muitas façanhas de um ideal de ser romano que [Lívio] registra como tendo existido na Roma dos tempos da realeza e da República, mais contundentemente nesta segunda. Nas palavras de Grimal: "*Liberta-se da história de Tito Lívio uma impressão de força e de vigor moral cujas lições permanecem válidas, à maneira de exemplos imperecíveis*<sup>18</sup>".

Tito Lívio regressa a momentos da história romana em que, diante das situações postas, os romanos vão se autopreterir em favor da defesa de Roma. Movimento escriturístico que fala de um outro lugar para o qual desloca as memórias exemplares registradas pela tradição. Relação narrativa que repete argumentos dos historiadores que lhe antecederam, bem como, os questiona ou (des)constrói.

É sobre e para uma Roma que coloca acima das vontades individuais que Lívio fala e está a serviço enquanto partícipe do projeto restaurador do *princeps*, mas, antes de tudo, edificador de *uirtus*. Fórmula que desenvolve a partir do estabelecimento de uma constante conexão entre as experiências que narra do passado e as possibilidades de verificação no presente, visto que se preocupa com as reminiscências que alcançam sua época, como se pode depreender nos excertos que segue:

Ainda hoje, quando se trata de votar leis ou nomear magistrados, os senadores conservam esse direito, que todavia constitui mera formalidade. São convocados a dar sua aprovação antes das eleições, quando ainda são conhecidos os resultados. (...)

Houve, assim, um ano de interregno entre dois reinados, donde o nome de interregno usado ainda em nossos dias<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> GRIMAL, Pierre. op.cit. 1997, p. 78.

<sup>19</sup> TITO LÍVIO, LIVRO I, cap. 17.

Procurando localizar, mapear e analisar os *exempla* apresentados por Tito Lívio enquanto modelos miméticos a que recorre na edificação cívica de sua época é que discutiremos a ideia de história no mundo antigo e as articulações que o historiador latino constrói com “O século de Augusto” em sua *Ab urbe condita libri*. É, portanto, de preocupações como as demonstradas até aqui que aprofundaremos o estudo da obra de Lívio.

Compreendemos que o exercício analítico sobre a obra de Tito Lívio, dentro dos eixos problematizadores aqui apresentados, poderá contribuir, em nível específico, com as discussões sobre a escrita da história desse historiador latino, focando os deslocamentos, (re)empregos, manuseios que o mesmo promove no gênero discursivo e sua filiação a uma tradição que no ocidente os gregos tiveram o mérito de iniciar; com os estudos clássicos, (re)apresentando análises consolidadas e, ou questionadas, bem como, focalizando novos eixos de compreensão da obra; e em nível mais geral, com o pensar da história enquanto produção escrita.

Compreendemos que tomar a historiografia antiga e seus expoentes como base de análise na contemporaneidade permitirá uma maior compreensão da atividade do historiador enquanto movimento que se efetiva a partir de considerandos espaciais e temporais, sendo essa clivada por interesses que se articulam com a sociedade e o lugar social de seus “fabricadores”.

Em consonância com o que foi dito até aqui consideramos que pensar sobre a construção da memória do fazer historiográfico, como todo debate nesse campo, possibilita visualizar o universo de *topoi* explicativos ou, conceituando com Chartier<sup>20</sup>, de representações construídas sobre a história enquanto prática e representação. Permitindo compreender a diversidade de caminhos percorridos pela história a partir de seus “fabricadores” antigos e modernos.

---

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, trad.: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Orlando L. de; LIMA, Marinalva V. de (orgs.). *Ensaio em Estudos Clássicos*. Campina Grande-PB: Editora da UFCG, 2006.
- ARENDRT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad.: Mauro W. Barbosa de Almeida, São Paulo: Perspectiva, 1992 (Coleção Debates).
- CANDOU, Joel. *Memoire et identité*. Paris: PUF, 1998.
- CANFORA, Luciano. *Júlio César: o ditador democrático*, trad.: Antônio da Silveira Mendonça, São Paulo: Estação liberdade, 2002.
- CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana em Roma no apogeu do Império*. Trad.: Antônio José. Lisboa: Saraiva, s/d.
- CARCOPINO, Jérôme. *Roma: no apogeu do império*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra-PT: Quarteto, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad.: E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad.: M.M.Galhardo. São Paulo: Difel, 1990.
- DUJOVNE, León. *El pensamiento histórico en la Antigüedad Greco-romana*. In: *La Filosofía de la Historia en la Antigüedad y en la Edad Media*. Buenos Aires-Argentina: Galatea-Nueva Visión, 1958.
- ERNOUT, A; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1932.
- FINLEY, M.I. *Aspectos da antiguidade*, São Paulo: Martins fontes, 1991.
- GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Trad.: Isabel St. Aubyn, Lisboa: Edições 70, 1993.
- GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins fontes, 1991.
- GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Trad.: Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997.
- HARTOG, François (org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Trad.: Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Trad.: Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

- HARTOG, François. Os antigos, o passado e o presente. Trad.: Sonia Lacerda et al. Brasília: Ed. UnB, 2003.
- HUNT, Lynn. A nova História cultural. Trad.: Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro e Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos, trad.: Wilma Patrícia Mas e Carlos Almeida Pereira, Rio de Janeiro: Contraponto; EDPUC, 2006.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Trad.: Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2000 (2 vols.).
- LEHMAN, Alan D. The Coriolanus history in antiquity. In: *The classical journal*, vol. 47, nº 8, 1952, pp.329-336. Disponível em <<http://www.jstor.org>>. Acesso em 26/01/2008.
- PETIT, Paul. A paz romana, trad.: João Pedro Mendes, São Paulo: Pioneira; EDUSP, 1989.
- VEYNE, Paul. O império romano. In: ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges (orgs.). *História da Vida Privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

## FONTES

- HERÓDOTO. *Histórias*. Trad.: José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Silva, Lisboa: Edições 70, 2002, Livro I.
- HERODOTO. *Los nueve libros de la historia*. Trad.: P. Bartolomé Pou. Madrid-ES: EDAF, 2004.
- HERÓDOTOS. *Histórias*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1985.
- LÍVIO, Tito. *História de Roma (ab urbe condita libri)*, trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989 (vols. I-VI).
- LIVY. *Livy, with an English traduction in fourteen volumes*. Cambridge, Massachusetts, Harward University Press & London, William Heinemann Ltd., v. V, books XXI-XXII translated by B. O. Foster, 1929 (Loeb Classical Library).
- NOVAK, Maria Glória; NÉRI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (orgs.). Públio Cornélio Tácito. In: \_\_\_\_\_. *Historiadores Latinos: antologia bi-língue*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TITE-LIVE - *Histoire Romaine*. Paris, "Les Belles Lettres", texte établi par J. Bayet et traduit par G. Baillet, tome I, livre I.

## 2 LABOR COMO VIRTUDE, OTIUM COMO VÍCIO: REPRESENTAÇÕES DE TITO LÍVIO

Michelly Pereira de Sousa Cordão

Em toda sua *Ab urbe condita libri* (História de Roma) Tito Lívio se constrói como um indivíduo contrário à riqueza e à ostentação, ao luxo e aos prazeres, percepções e práticas que, segundo ele, constituíam claros indícios da corrupção dos costumes tradicionais que afirma presenciar em seu tempo: sécs. I a.C. e I d.C. Considera que durante muito tempo o povo Romano viveu distante da avareza e da luxúria, preferindo a esses valores, a frugalidade, a simplicidade e austeridade. Porém, “em nossos dias, com a riqueza veio a cobiça e com a afluência dos prazeres, o desejo de perder tudo e perder-se a si mesmo nos excessos do luxo e do deboche”<sup>21</sup>. No passado, que rememora a partir da investigação historiográfica, Lívio procura modelos de virtude e moral a serem imitados pelos homens e mulheres de seu tempo, que apenas com sua história exemplar, poderia ser “restaurado”.

Lívio argumenta em defesa de valores da tradição romana<sup>22</sup>, associados a uma vida “simples” e frugal, fomentando seu exercício num tempo em que os considerava corrompidos. Localizado, pois, num contexto em que a juventude vivia o prazer, o gozo, os espetáculos, os banquetes e as práticas amorosas, situação que cau-

---

<sup>21</sup> TITO LÍVIO, prefácio, p. 18.

<sup>22</sup> Muitos deles se aproximam dos que aparecem em Sêneca, escritor estoico posterior a Lívio. Para esse, toda forma de excesso deveria ser abandonada, cabendo ao indivíduo viver em pobreza com a satisfação apenas dos “gostos simples”, evitando, assim, a ambição pela riqueza e sua ostentação: “Aprendamos a andar com nossas pernas, a regular nosso vestuário e nossa alimentação, não sobre a moda do dia, mas sobre o exemplo dos antigos. Aprendamos em cultivar em nós a sobriedade e a moderar nosso amor ao fausto (...)”. Cf.: SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. In: LUCRÉCIO et al. Os pensadores. São Paulo: Editor Victor Civita, 1973, p. 215.

sava um tremendo desconforto entre os moralistas<sup>23</sup>, Lívio, considerando-se parte desses, propõe uma moralização dos costumes através da escrita da história. Ideia que encontra um forte respaldo em Augusto que “*propôs o retorno ao caminho da simplicidade e da felicidade através do trabalho*”<sup>24</sup>. Em face de uma “nova moral”, ligada ao prazer e ao ócio, pretendia-se restituir uma “moral laboriosa”, ligada a atividades frugais. Tentativas realizadas por aristocratas (políticos e/ou escritores) que, de algum modo, viam nesse exercício possibilidades de estabelecer seus poderes e/ou justificá-los.

Outros escritores figuravam nesse contexto em que se tinha um exercício de tentativa de “restauração” da sociedade, conduzido por Augusto em seu projeto da *pax* romana. Nas obras de Virgílio e Horácio, por exemplo, poetas que faziam parte do “círculo literário”, observa-se todo um cenário que evoca o mundo do campo, em que os homens despendiam esforços que os tornavam virtuosos.

Nos versos em que descreve sua “idade de ouro”, possível representação da *pax* de Augusto, Horácio<sup>25</sup> cria metáforas que evocam a harmonia da natureza, chamando o leitor para fugir aos males de uma “ímpia geração” e se dirigir a lugares, onde até a água do mar matará a sede do bode e onde o lobo conviverá harmonicamente com o rebanho. Pois, todos se encontram numa perfeita paz, ao passo que apenas o “povo indócil” permanece no “lugar maldito”<sup>26</sup>. O poeta cria um cenário campestre, ao qual Augusto costumava se associar para se construir como um “homem simples”. Espaço de “felizes campos” e “ilhas fortunadas”; de “terra fértil” onde a vinha florescia; de “montanhas elevadas” e campos em que chuva e sol se equilibravam. Lugar onde a violência inexis-

---

<sup>23</sup> ROBERT, Jean-Noël. *Os prazeres em Roma*. Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 34.

<sup>24</sup> Idem, *ibidem*, p. 35.

<sup>25</sup> HORÁCIO. *Odes e Epodos*. Trad.: Bento Prado de Almeida Ferraz. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>26</sup> Idem, *ibidem*, p. 235.

tia e nenhuma doença penalizava os rebanhos. Representação da "idade de ouro", para onde os romanos deveriam afluir a fim de se desviarem da corrupção dos costumes, que pairava sobre Roma:

(...). Essas paragens, Jove  
as reservou para uma raça pia,  
quando inquinou de ferro a idade de ouro;  
endureceu os séculos, primeiro,  
com o bronze; depois, mais com o ferro,  
dos quais fuga se deu ao homem pio,  
sendo eu próprio o profeta que o predisse<sup>27</sup>.

Horácio justificou, então, o projeto de Augusto, deslocando para a poesia representações do que, segundo ele, se experimentava e/ou dever-se-ia se experimentar durante o principado daquele: a paz, a harmonia, a concórdia. Representações que se ligam a valores que em seu tempo se dissipavam e que evocam o campo como um espaço onde se poderia deparar com uma felicidade não acessível na cidade, lugar onde os prazeres se disseminavam no séc. I a.C. Já no séc. II a.C., "a civilização rústica com base no trabalho e na austeridade é sucedida por uma civilização urbana que oferecerá as tentações do prazer aos cidadãos"<sup>28</sup>. Corrompia-se o ideal de vida campestre, que marcava a "consciência romana"<sup>29</sup> em sua base.

Nesse sentido, é que Lívio, em boa parte dos exemplos que rememora em sua obra, atribui um imenso valor ao campo enquanto lugar onde os momentos de afastamento dos negócios da *res publica*, poderiam ser bem aproveitados pelo homem público. Era nesse momento de repouso do *negotium* que poderia exercitar as virtudes dos tempos de outrora, que tinham no *labor* um elemento balizador. Pois, não se trata simplesmente da atividade em si, mas de seu significado para o espírito dos homens, na medida em que a fadiga e o sofrimento nela adquiridos os tornavam mais virtuosos e, acima de tudo, lhes permitia uma renovação antes do retorno a

---

<sup>27</sup> Idem, *ibidem*, p. 237.

<sup>28</sup> ROBERT, Jean-Noël. Op., cit., p. 25.

<sup>29</sup> GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Trad.: Isabel St. Aubyn, Lisboa: edições 70, 1993, p. 163.

sua vida pública na cidade. Mesmo no ócio, ao homem público caberia agir em benefício da república, personificada na *urbs*.

Com uma perspectiva historiográfica exemplar e, por isso, pragmática, Lívio introduz na narrativa um *exemplum* de simplicidade, associada ao trabalho no campo, ao descrever as atividades de lavoura do que antes fora cônsul, Lúcio Quíncio Cincinato: “aqueles que tudo desprezam no mundo, exceto a riqueza, e acreditam que a honra e o mérito só existem no seio da opulência deveriam meditar sobre o exemplo que se segue”<sup>30</sup>. Prossegue dizendo que Cincinato, “única esperança do povo romano”, num momento em que os sabinos se aproximavam das muralhas de Roma, encontrava-se à margem direita do rio Tibre, cultivando uma pequena quantidade de terra<sup>31</sup>: “Lá o foram encontrar os emissários do Senado, curvado sobre sua enxada ou ao cabo da charrua”<sup>32</sup>.

Elementos simbólicos que o associam a uma vida rústica, experimentada nos momentos de tranquilidade que lhe foram possíveis durante o afastamento da vida pública. Para o retorno a esta, contudo, cabia a Cincinato se desfazer desse cenário campestre, ao qual estava ligado pela *opera* (atividade do trabalhador)<sup>33</sup>: Termo que na língua rústica associava-se a uma “jornada de trabalho” e ao qual podia se ligar o denominativo *operor* que significa “trabalhar” e, especialmente, “realizar uma cerimônia religiosa”. O trabalho de Cincinato, pois, mais do que uma tarefa cotidiana, parece tomar o sentido simbólico de sacrifício aos deuses.

Quando a delegação enviada pelo Senado chega, e o vê arando a terra, “(...) após uma troca de saudações, pediu-lhe que

---

<sup>30</sup> TITO LÍVIO, III, 26, p. 236, v. I.

<sup>31</sup> Quatro jeiras de terra. 1 hectare equivale a 100 m<sup>2</sup>.

<sup>32</sup> TITO LÍVIO, III, 26, p. 236, v. I.

<sup>33</sup> ERNOUT, A. MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1932. Sentido que vai aparecer também no termo *opfarôn*: “sacrificar” (p. 675-676). A palavra *opus*, “trabalho”, próximo do nome de ação *ops*, *opis* (“abundância”) (p. 672), termo personificado/ divinizado em *Opis*, mulher de Saturno, deusa da abundância. Logo, *ops* pertencia de início ao falar rústico.

vestisse a toga para ouvir, em seu próprio benefício e em benefício da república, uma comunicação do Senado”<sup>34</sup>. Em seguida,

Assustado, Quíncio perguntou: ‘Tudo vai bem’ e pediu a Racflia, sua mulher, que fosse depressa buscar a toga na choupana. Limpou-se da poeira e do suor e apressou-se vestido com a toga. Imediatamente os delegados proclamaram-no ditador, felicitaram-no e pediram-lhe que viesse a Roma, informando-o do pânico que reinava no exército<sup>35</sup>.

Símbolos de uma vida rústica se sobressaem na narrativa: a terra, a enxada, a charrua, a choupana, a poeira e o suor e que foram largados por Cincinato para que pudesse voltar ao exercício do *negotium* na condição de homem público, após esses momentos de *otium*. Ócio que foi aproveitado com o exercício do trabalho na lavoura através do qual Cincinato pôde se purificar/renovar como se tivesse, com seu esforço, promovido um sacrifício aos deuses. O trabalho (a *opera*), então, aparece associado aos costumes morais de Roma, sobretudo por ser executado no espaço simples e tranquilo do campo. Lívio quer mostrar aos seus leitores que para alcançarem as honrarias públicas, os homens não precisavam, por exemplo, ostentar suas riquezas com o embelezamento da cidade ou com a distribuição de trigo. Bastava-lhes agir virtuosamente, como o fez Cincinato. Para Lívio, era preciso ensinar aos homens de seu tempo, atolados em guerras civis resultantes da cobiça pelo poder, que “(...) o favor e as honras chegam por vezes mais facilmente aos que não as solicitam”<sup>36</sup>.

Portanto, nessa narrativa se sobressai a relação *negotium-otium-labor*, pois que Cincinato se afasta do *negotium*<sup>37</sup> e vive seu

---

<sup>34</sup> TITO LÍVIO, III, 26, p. 236, v. I.

<sup>35</sup> TITO LÍVIO, III, 26, p. 236, v. I.

<sup>36</sup> TITO LÍVIO, IV, 57, p. 372, v. I.

<sup>37</sup> Cf.: ERNOUT, A. MEILLET, A. Op., cit. *Negotium*: quando não se está em ócio. Ocupação, negócio. Por extensão: dificuldade, obstáculo. Também na língua falada, como o grego *prágma* (coisa, negócio) (p. 632).

momento de *otium*<sup>38</sup> executando o *labor*<sup>39</sup>. Lívio usa o termo *opera*, que, segundo Meillet<sup>40</sup>, na língua clássica, designava trabalho, pois que *labor* se empregava, geralmente, na língua rústica. Não usa o termo *otium* para o momento de afastamento da vida pública de um patrício exemplar, evidenciando que o mesmo estaria associado a vícios. Uma possível dicotomia existe entre os dois primeiros termos, já que o negócio implica uma negação do ócio e vive-versa. *Otium* e *labor*, todavia, aparecem como ideias complementares, sendo o exercício do último o elemento que concede ao primeiro um caráter de utilidade.

Por outro lado, para Lívio, o *otium* enquanto uma experiência viciosa, por ele condenado, vinculava-se aos momentos de repouso dos soldados/plebeus. Para ele, a esses, que não exerciam o *negotium*, caberia apenas o *labor* e/ou a *opera*, exercitados ora durante as guerras, ora em atividades campestres. A moral rústica dos tempos tradicionais, que Lívio tenta “restaurar”, ensina aos plebeus que suas vidas deveriam transitar entre a função de soldados e a de camponeses, elementos que estão na base da origem do romano<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> Idem, ibidem. *Otium*: tempo de repouso, lazer, inação. Oposto a *negotium*; paz, tranquilidade, (por oposição à guerra). Derivados: *otiosus*: ocioso, quem está em lazer; subst.: *otiosus*: particular, civil (por oposição à militar). Para Meillet, a ideia de que *otium* seria próxima ao got. *aupeis* (vazio), gr. *aiýsios* (vazio, vão/insignificante/inútil) é descartada pelo fato de que ele sinaliza/marca uma grafia *au-* em latim (p. 683). Cf.: *indutiae*: suspensão de armas, trégua. Termo raro e técnico. Em sua formação, lembra o tipo de substantivo feminino plural, *suppetiae* (p. 964) [advém de *peto*: se apresentar, vir sob a mão, estar à disposição de, ajuda, assistência (p. 727-28)] e, ao menos pelo sufixo, *otium*, cuja etimologia não é muito clara. A explicação que deriva a palavra de um adj. de sentido privativo *in-du-tus* (que não faz a guerra), se contradiz com o fato de que a suspensão de armas não implica o fim da guerra (p. 463).

<sup>39</sup> Na língua rústica tinha-se *labor*, pois que nela os trabalhos eram particularmente duros. Daí, os sentidos técnicos de “lavoura”, “lavrar/cultivar”. Conforme Meillet, *labor* advém de *labo*, cujo sentido, de início, era “fardo”. *Laboro* tem o sentido de “dobrar/encurvar-se sob o fardo”. Daí, teríamos passado ao sentido de “pena, sofrimento, fadiga”. Por um enfraquecimento de sentido, temos: “trabalho, esforço, labor”. Cf.: Idem, ibidem, p. 487.

<sup>40</sup> ERNOUT, A. MEILLET, A. Op., cit., p. 487.

<sup>41</sup> ROBERT, Jean-Noëhl. Op., cit., p. 17.

Num contexto de disputas entre plebe e patriciado, experiência recorrente na *Ab urbe condita libri*, sobretudo até o livro X, Lívio toma o partido dos patrícios que, segundo ele, estavam sendo alvo de terríveis conspirações dos plebeus, então irritados por terem suas dívidas cobradas pelo cônsul do momento, que depois acabou tendo sua proposta apoiada pelos senadores, mesmo após terem derrotado inimigos romanos<sup>42</sup>. Lívio nos informa que prevalecia um “império de violência”, que só veio a piorar num momento em que eclodiu uma guerra contra os sabinos, para a qual os soldados/plebeus recusavam o alistamento. A esse cenário, tenso e perigoso para a república, Lívio incorpora disputas entre os dois cônsules e entre esses e os senadores que, aliadas às conspirações da plebe, agravavam cada vez mais a situação política do momento.

Lívio evidencia que esse mal que assolava a república resultava, sobretudo, das disputas entre os senadores e os cônsules, causadas, por sua vez, pelo cônsul Ápio Cláudio, que tomou a decisão contra a plebe sem consulta aos primeiros. Colocando-se do lado dos senadores, Lívio afirma que esses rejeitaram o pedido dos cônsules para que deliberassem contra a plebe e pusessem fim a suas reuniões secretas. Ao final, os cônsules se colocam à disposição do Senado, para quem, o único meio de acalmar essa tensa situação política era promovendo o alistamento da plebe para a guerra, pois que seu ócio era o culpado de suas dissensões:

Diante desses ataques, os cônsules indagaram o que desejariam que fizessem. Não agiriam com hesitações ou brandura se não fosse do agrado dos senadores. O Senado exigiu-lhes que procedessem ao recrutamento com o maior rigor possível, pois a ociosidade [otio] era a causa da insolência da plebe [lascivire plebem]<sup>43</sup>.

A moral romana dos tempos de Lívio se contrapunha à ideia de prazer e, por extensão, aos momentos de repouso, o que fica muito claro em toda a sua obra, na qual comenta sobre o ócio ape-

---

<sup>42</sup> TITO LÍVIO, IV, 27, pp. 141-142, v. I.

<sup>43</sup> TITO LÍVIO, II, 28, p. 143, v. I.

nas para deixar claro que constitui uma experiência a ser evitada. A ociosidade, então, conduzia os romanos à prática de excessos, de vícios, desviando-os de suas atividades laboriosas, exercidas para o bem da república:

A abundância e a ociosidade [otioque lascivire] levaram o povo novamente a cometer excessos (...). Os tribunos voltaram a agitar a plebe com seu habitual veneno, a lei agrária, incitando os plebeus contra a resistência dos patrícios em geral e contra alguns em particular<sup>44</sup>.

Assim, à plebe cabia empregar todo o seu tempo a Roma, seja quando das guerras como soldados, seja quando dos momentos de paz, em que poderia se dedicar a trabalhos na cidade, como a construção de templos e outros edifícios.

Por vezes, Lívio considera que os plebeus não tinham intenções em empreender ações contrárias à república, transferindo-as para aqueles que os representavam: os tribunos da plebe. Fornece indícios de que esses costumavam defender interesses privados, utilizando a plebe como instrumento político para alimentar suas disputas contra os cônsules e/ou os senadores. Lívio costuma representar a plebe numa dupla condição de passividade: ora manipulada pelos patrícios, ora pelos tribunos da plebe. Compreensão que se respalda, por exemplo, numa narrativa que se inicia com protestos dos soldados romanos diante da decisão dos senadores, segundo a qual eles, liderados pelos tribunos militares, deveriam combater a cidade de Véios. Nesse momento, fazia pouco tempo que Roma tinha vencido os volscos. Porém, Lívio atribui essas reclamações dos jovens aos estímulos dos tribunos da plebe: “*A maior guerra, repetiam eles [os tribunos], era a que se travava entre patrícios e plebeus*”. Disputas que, para os tribunos, resultavam do tormento que sofriam os plebeus com um trabalho militar ininterrupto. Daí reclamarem, em tom de denúncia, as prováveis intenções dos senadores: “*Era ela [a plebe] que procuravam manter longe de Roma por re-*

---

<sup>44</sup> TITO LÍVIO, II, 52, p. 180, v. I.

ceio de que, permanecendo na ociosidade [otium] de seus lares, viesse a lembrar-se da liberdade e das colônias ou a agitar projetos de reforma agrária e de livre sufrágio”<sup>45</sup>. Lívio nos diz que, desse modo, os tribunos conseguiram persuadir à plebe a não aceitar a guerra.

De toda forma, segue a narrativa afirmando que os tribunos militares conseguiram formar um exército para lutar contra os volscos, saindo dessa guerra na condição de vitorioso. Elogia os senadores por terem reconciliado a plebe e os patrícios a partir da concessão a primeira, após a vitória, de uma “dádiva”, um soldo militar, ofertada antes de qualquer manifestação dela e dos tribunos<sup>46</sup>. Lívio comenta a recepção dessa medida na plebe, permitindo a percepção de como a considerava facilmente manipulável, embora se esforce por construir essa experiência como um exemplo de harmonia política, resultante de uma virtuosa ação dos patrícios:

Nenhuma medida, ao que parece, foi jamais recebida com tanta alegria pela plebe. Todos acorriam à cúria, apertavam a mão dos senadores que saíam, chamando-os de verdadeiros pais, e declaravam que daí por diante nenhum cidadão, enquanto lhe restassem forças, pouparia seu corpo e seu sangue na defesa de uma pátria tão generosa<sup>47</sup>.

Lívio constrói uma sensação de harmonia possibilitada pela ação dos senadores que, desse modo, conseguiram fomentar na plebe o desejo espontâneo de exercer os trabalhos guerreiros em prol da pátria: “*Todos se regozijavam por saber que pelo menos seus bens estariam em segurança quando seu corpo fosse obrigado a trabalhar [operatum] pela república*”<sup>48</sup>. A felicidade toma conta dos plebeus, conduzindo-os ao ápice da gratidão aos patrícios. Em meio a tanta alegria, apenas os tribunos não se tornavam dela partícipes: “*Os tribu-*

---

<sup>45</sup> TITO LÍVIO, IV, 58, p. 374, v. I.

<sup>46</sup> TITO LÍVIO, IV, 59, p. 376.

<sup>47</sup> TITO LÍVIO, IV, 60, p. 376.

<sup>48</sup> Idem, ibidem.

nos da plebe eram os únicos que não compartilhavam da alegria e da harmonia que reinava entre todas as ordens”<sup>49</sup>.

A harmonia da república consistia, para Lívio, da constante atividade laboriosa dos plebeus, pois que, assim, não teriam tempo para promoverem agitações. A ociosidade, então, deveria ser banida do cotidiano dos soldados, pois que, além de possíveis conspirações, poderia provocar, nos mesmos, a quebra do vigor e da coragem, caso usassem-na para a vivência de prazeres corporais. Assim, é que Lívio narra os excessos vividos pelo exército cartaginês de Aníbal na cidade de Cápua, cidade por ele vista como provida de prazeres que corrompiam as energias dos homens: “Sono, vinho, festins, mulheres e banhos, enfim, a ociosidade [otium] que o hábito torna dia a dia mais apetecível, de tal forma enervaram seus corpos e almas (...)”<sup>50</sup>. Por outro lado, em defesa de uma moral que repudiava o luxo e a “vida fácil”, elogia o soldado romano que, ao menos segundo o ideal liviano, era distinto de todos, tanto de cartagineses, como de macedônios. Com esse argumento, Lívio diz que se o exército romano lutasse contra o de Alexandre, provavelmente o venceria, pois que: “(...) quem poderia igualar o soldado romano nos trabalhos [opere] ou suportar melhor a fadiga [laborem]”<sup>51</sup>.

Para Lívio, os prazeres de Aníbal e seus soldados em Cápua constituem um exemplo sintomático da ideia de que os cartagineses foram derrotados em virtude de seus excessos. Os romanos se tornaram “senhores do mundo”, como efeito do exercício dos costumes tradicionais. Ideia que Lívio recepcionou de Políbio<sup>52</sup>, porém deslocou sua percepção pragmática para o espaço do “não-dito”<sup>53</sup> da *Ab urbe condita libri*. Isso porque, se o historiador grego coloca explicitamente que Roma se tornou o “maior império do mundo”,

---

<sup>49</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>50</sup> TITO LÍVIO, XXIII, 18, p. 112, v. III.

<sup>51</sup> TITO LÍVIO, IX, 19, p. 233, v. II.

<sup>52</sup> POLÍBIOS. *História*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1996 (livro VI).

<sup>53</sup> Cf.: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes Rio de Janeiro: Forense, 2002, pp. 67-68.

sobretudo pelo fomento de seus estadistas para a prática dos costumes tradicionais por seus cidadãos, Lívio afirma que foi o exercício “verdadeiro” das virtudes tradicionais que concedeu a Roma aquele lugar. Virtudes que, para Lívio, não mais prevalecem em seu tempo, onde o prazer e o ócio passaram a constituir experiências predominantes do cotidiano dos romanos.

O valor ao *labor*, associado ao exercício de trabalhos nas guerras, no campo e na cidade, e ao *negotium*, ligado à atividade política dos patrícios, se sobrepõe à noção de *otium* no texto de Lívio; ideia associada à vida privada e que definia, à época imperial, a aristocracia romana e o espaço da cidade<sup>54</sup>, constituindo, todavia, um vício para os moralistas. Pois, o não exercício de atividades para o treinamento do corpo facilitava, para eles, a aquisição de doenças da alma<sup>55</sup>. Amor, volúpia e paixão sofriam interdições na antiguidade, o que não significa que essas não fossem rompidas<sup>56</sup>. Por serem-no, é que Lívio se esforça, na construção de uma *immensa opera*, a fim de expor *exempla* providos de ensinamentos, úteis aos seus leitores.

Obra a que atribui o termo *labor* e, portanto, a considera um resultado de seu sofrimento, sua pena, seu sacrifício. Ideia que aparece no “prefácio” por ele inscrito no livro XXXI, ao afirmar que os sofrimentos [*laboris*] dos que participaram da guerra púnica foram por ele compartilhados, na medida em que os deslocou para sua escrita<sup>57</sup>. Nesse sentido, é que no prefácio que introduz a *Ab urbe condita libri*, Lívio considera que o prêmio para seu *labor*, seria a possibilidade de se afastar, pelo menos durante o tempo em que escrevia, dos males que então afligiam sua época<sup>58</sup>. *Labor* que o tornaria ao mesmo tempo um historiador e um homem público.

---

<sup>54</sup> VEYNE, Paul. *O império Romano*. In: ARIËS, Philippe & DUBY, Georges. *História da Vida Privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991, p. 123.

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*, p. 176.

<sup>56</sup> Idem, *ibidem*, p. 197.

<sup>57</sup> TITO LÍVIO, XXXI, 1, p. 197, v. IV.

<sup>58</sup> TITO LÍVIO, prefácio, p. 17.

## BIBLIOGRAFIA

- CARCOPINO, Jérôme. Roma: no apogeu do império, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Trad.: Maria de Lourdes Menezes Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Trad.: E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Trad.: M.M.Galhardo. São Paulo: Difel, 1990.
- ERNOUT, A; MEILLET, A. Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1932.
- GRIMAL, Pierre. A civilização romana. Trad.: Isabel St. Aubyn, Lisboa: edições 70, 1993.
- GRIMAL, Pierre. O século de Augusto. Trad.: Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997.
- HARTOG, François. O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Trad.: Jacyntho Lins Brandão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- HARTOG, François. Os antigos, o passado e o presente. Trad.: Sonia Lacerda et al. Brasília: Ed. UnB, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro e Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos, trad.: Wilma Patrícia Mas e Carlos Almeida Pereira, Rio de Janeiro: Contraponto; EDPUC, 2006.
- PETIT, Paul. A paz romana, trad.: João Pedro Mendes, São Paulo: Pioneira; EDUSP, 1989.
- ROBERT, Jean-Noël. Os prazeres em Roma. Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- VEYNE, Paul. O império Romano. In: ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges. História da Vida Privada: do império romano ao ano mil. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

## FONTES

- HORÁCIO. Odes e Epodos. Trad.: Bento Prado de Almeida Ferraz. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LÍVIO, Tito. História de Roma (ab urbe condita libri), trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989 (vols. I-VI).
- LIVY. Livy, with an English traduction in fourteen volumes. Cambridge, Massachusets, Harward University Press & London, William Heinemann Ltd., v. V, books XXI-XXII translated by B. O. Foster, 1929 (Loeb Classical Library).
- LUCRÉCIO et al. Os pensadores. São Paulo: Editor Victor Civita, 1973.
- NOVAK, Maria Glória; NÉRI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (orgs.). Públio Cornélio Tácito. In: \_\_\_\_\_. Historiadores Latinos: antologia bilingue. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- POLÍBIOS. História. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1996 (livro VI).
- SÊNECA. Da tranquilidade da alma.
- TITE-LIVE - Histoire Romaine. Paris, "Les Belles Lettres", texte établi par J. Bayet et traduit par G. Baillet, tome I, livre I.

### 3 TÁTICAS FEMININAS: A PERSPECTIVA LIVIANA

Lauriceia Galdino dos Santos

“(...) a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no vôo’ possibilidades de ganho”<sup>59</sup>.

O objetivo deste texto é apresentar uma leitura do modelo feminino da sociedade romana diferente do que vem discutindo a historiografia tradicional contemporânea<sup>60</sup>, na qual é lugar-comum a reprodução do modelo de mulher idealizado pela sociedade romana. Repensar a possibilidade de ação da esposa romana para além do que está posto pelo discurso masculino, tornou-se possível a partir do momento em que localizamos, na obra do historiador latino Tito Lívio<sup>61</sup> (séc. I a. C.), *A História de Roma (Ab urbe condita Libri)*, perfis de mulheres diferentes daqueles que comumente aparecem na historiografia clássica, que atribui à mulher a condição de total submissão.

A historiografia contemporânea tem nos apresentado a mulher romana enquanto aquela que se mantinha inerte e relegada a um lugar que era construído culturalmente pelo masculino, que, a nosso ver, necessitava manter o modelo de relações idealizado para aquela sociedade. Tito Lívio, mesmo sendo um historiador tradicionalista, insere, em várias de suas tramas que constituem a *História de Roma*, mulheres rompendo com esse lugar social e, por meio de burlas, marcando um lugar na História do povo romano. Entre elas, muitas são tratadas com louvor por esse historiador que reconhece sua participação efetiva no processo histórico dos romanos,

---

<sup>59</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 47.

<sup>60</sup> FINLEY, Moses I. *Aspectos da antiguidade*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

<sup>61</sup> Cf.: LÍVIO, Tito. *História de Roma*. Trad.: Paulo Matos Peixoto, São Paulo: Paumape, 1989.

permitindo-nos, portanto, transpor o silêncio a elas conferido e redefinir suas ações e contribuições nas tramas experienciadas.

Para desenvolver um trabalho dessa natureza, isto é, questionar o que se tem dito/escrito acerca da mulher romana e procurar explicitar o não dito/escrito, faz-se necessário partir do pressuposto de que Tito Lívio escreveu em um momento específico e que sua obra foi escrita com intencionalidades. Assim, somos partidárias das teorias de Roger Chartier<sup>62</sup>, para quem um texto, ao ser analisado, não deve ser concebido como tradução absoluta do real, mas como uma representação através da qual é possível encontrar indícios do mundo vivido.

Portanto, entendemos que Tito Lívio não nos fornece “a verdade” sobre as ações das mulheres romanas, mas que nos possibilita problematizar a sociedade romana enquanto ordenada a partir da predominância do masculino sobre o feminino, estando a mulher na condição de eterna menor. Permite-nos articular uma leitura das relações de gênero na sociedade romana, pensando-as enquanto construídas historicamente. Conforme nos indica Pauline Pantel, “as relações entre os sexos são relações sociais. Não são dados naturais mas construções sociais”<sup>63</sup>. Assim, ela diz que somente é possível articular pesquisa sobre masculino e feminino na historiografia se pensarmos sempre as relações entre os sexos, levando em consideração o processo histórico.

Aderindo a uma leitura das relações de gênero (masculino e feminino) como uma construção social e considerando as compreensões do mundo social apresentadas por Michel de Certeau<sup>64</sup>, percebemos que na sociedade romana elas eram motivadas por relações de força. Donde, o masculino pode ser percebido como o que

---

<sup>62</sup> CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Trad.: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

<sup>63</sup> PANTEL, Pauline. “Introdução: Um fio de Ariadne”, In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (orgs). *História das mulheres no Ocidente* (vol. I). Trad.: M. M. M. Silva. Porto: Afrontamento, 1993, p. 595.

<sup>64</sup> CERTEAU, Michel de. Op., cit.

conta com um lugar e, portanto, serve de base à gestão das relações exteriores. Resulta disto que o gênero feminino ocupa o não-lugar e “só tem por lugar o do outro (...) tem que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’”<sup>65</sup>.

Foi a partir desta perspectiva que, neste estudo, analisamos a mulher liviana. Entendemos que, pelo fato de a romana não contar com um lugar circunscrito como próprio, ela tinha que jogar com o tempo, buscando nas oportunidades possibilidades de ganho<sup>66</sup>. Orientação que utilizamos para a construção de nossas compreensões sobre as ações das mulheres romanas na obra de Tito Lívio. Partindo desse pressuposto, interpretamos as ações das matronas romanas como desvios em relação àquilo que lhes está posto.

Em sua obra, Tito Lívio retorna ao passado e constrói uma história perpassada por grandes eventos e personagens que marcaram a trajetória daquela que considera como grande nação: Roma. Através da sua História, Lívio demonstrou-se preocupado com a degradação da moral e dos costumes tradicionais no período imperial e em escrever uma história instrutiva e moralizante que ajudasse os romanos a reviverem as glórias dos “*tempos de ouro*”, motivos que fazem com que ele retorne até as origens de Roma<sup>67</sup>.

Nesse texto trabalhamos, especificamente, com quatro personagens apresentadas por Tito Lívio/ todas representadas como matronas. Através delas procuramos construir uma compreensão sobre as ações da mulher, na condição da esposa romana, no que concerne a seu papel na história de Roma. Para o que recortamos as narrativas livianas que nos remetem às personagens de Lavínia, Hersília, as Sabinas e Túlia, aqui tomadas enquanto perfis para a construção de nossa leitura sobre a matrona romana.

---

<sup>65</sup> Idem, *ibidem*, pp. 46-47.

<sup>66</sup> Idem, *ibidem*, p. 47.

<sup>67</sup> Acerca dos sentidos da escritura historiográfica de Tito Lívio ver: CORDÃO, Michelly P. S. *Olhares sobre a historiografia antiga: diálogos com Tito Lívio*. Campina Grande: UFCC, 2007 (monografia de graduação orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marinalva Vilar de Lima).

Iniciemos, então, com Lavínia que aparece na primeira trama narrada por Lívio.

Lívio nos conta que Enéias chega ao Lácio, fugindo da guerra de Tróia, trazendo consigo o compromisso de dar aos deuses *penates* um pouso fixo. Após um entendimento com o rei do Lácio, Latino, Enéias recebe Lavínia, filha do rei, em casamento. O enlace simboliza a aliança entre troianos e latinos. Após o casamento com Enéias, Lavínia dá à luz um filho que é chamado Ascânio. Ao morrerem, Latino e Enéias, “*Ascânio, filho de Enéias, ainda não estava preparado para exercer o poder*”<sup>68</sup>. Situação que remete a necessidade de interferência de outrem que venha a assegurar o trono ao herdeiro. Já no princípio de sua narrativa Lívio vai nos remeter as ações femininas que transgridem o seu lugar sexual.

Inicialmente, enquanto tutelada por seu pai e por seu marido, Lavínia não é apresentada por Lívio realizando nada de diferente com relação àquilo que se convencionou interpretar acerca da mulher romana. Neste sentido, o casamento nessa sociedade constituía uma prática posta como um dever cívico para perpetuar a instituição, a fim de gerar filhos legítimos (*iustus filius*). Segundo Aline Rousselle<sup>69</sup>, o destino biológico das mulheres era o casamento que, muitas vezes, acontecia antes da puberdade. Desta forma, elas estavam destinadas a ser *mater civilis*, isto é, mãe cidadã e mãe de cidadão. Este era, portanto, o lugar destinado à mulher em Roma.

Contudo, através da narrativa liviana de Lavínia percebemos que a mulher romana não restringia a sua ação a apenas bater continência ao desejo masculino, pois se, por um lado, Lavínia é dada em casamento de acordo com a tradição romana, por outro, ela é mostrada fazendo algo incomum em relação às diversas interpretações que pretendem dar conta dos papéis da *mater familia*. Então, vejamos o que nos diz Lívio sobre as disputas pelo poder em Roma, após a morte do avô e do pai de Ascânio: “*Contudo, esse poder lhe foi*

---

<sup>68</sup> LÍVIO, Tito. Op., cit., vol. I, p. 23.

<sup>69</sup> ROUSSELLE, Aline. *A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma*. In: DUBY, Georges.; PERROT, Michelle. (orgs). Op.cit. p. 352.

*guardado intacto até a sua maioridade. A tutela de uma mulher – tão firme era o caráter de Lavínia – bastou para conservar para o filho o Estado Latino e o reino de seu avô e de seu pai”<sup>70</sup>.*

Esta passagem é emblemática. Primeiro, porque um autor tradicionalista como se nos apresenta Tito Lívio, confere a uma mulher uma importância não registrada na historiografia romana de sua época. Segundo, porque é possível visualizar uma atitude da mulher já nos primórdios da história de Roma<sup>71</sup>. Dessa compreensão que Lívio apresenta para os atos de Lavínia, consideramos que esta interfere, toma participação direta no destino da futura grande nação.

Estas abordagens que destacam a mulher na construção da história têm tido relevância na historiografia sobre o feminino na contemporaneidade. Entretanto, mesmo Tito Lívio não tendo a intenção de escrever uma história das mulheres com esta conotação direta e, mesmo as suas personagens aparecendo em um número pequeno e esporadicamente, ele lhes confere uma historicidade. Lívio não entra em detalhes acerca das ações de Lavínia; tampouco relata de que maneira ocorreu a sua atuação durante o período em que governou no lugar do seu filho, que era menor de idade. Ainda assim, ele exalta a sua figura, demonstra uma admiração pelo seu caráter e firmeza e, segundo ele mesmo narra, como destacamos na citação acima, por meio da sua tutela, o reino latino permaneceu no destino que os deuses reservaram para Roma.

Mesmo sabendo que a narrativa liviana encontra-se perpassada por lendas e que esses personagens, que são localizados na construção da Roma dos primeiros tempos, têm uma relação direta com os mitos tradicionais, é importante considerar que ele retornou a sua narrativa até as origens de Roma, imbuído por um compromisso de narrar uma história exemplar; exercício que o leva

---

<sup>70</sup> LÍVIO, Tito. Op., cit., vol. I, p. 23.

<sup>71</sup> Esta leitura da mulher romana só se tornou possível para nós, mediante a consideração de que Tito Lívio dotou as mulheres da sua obra de característica dos modelos e atitudes de mulheres da sua época.

a construir arquétipos a partir dos exemplos do presente, seu lugar de fala. E, se ele dotou Lavínia destas características, isto nos leva a crer que teve a possibilidade de endereçar um discurso sobre o feminino, para a sua época, em que tais arquétipos poderiam atingir seus leitores.

Dentro dessa lógica, a Lavínia de Tito Lívio nos oferece fortes indícios para dar consistência a nossa tese de que a mulher romana – neste estudo específico, a matrona – não restringiu suas ações a atitudes que exprimissem sua passividade em relação aos homens. Lavínia assume uma condição atípica em relação ao quadro mais geral, apresentado por parte significativa da historiografia. É bem verdade que várias fontes comentam uma certa liberdade gozada pela matrona, porém, nada como tutora do herdeiro do trono real. No ideário liviano, ela é representada como aquela que é dada em casamento e que, tornando-se matrona, age em um momento de anormalidade da história do povo romano.

Neste ponto em que Tito Lívio nos apresenta Lavínia agindo em um momento de anormalidade, ele não se distancia de muitos outros historiadores antigos, que apenas narraram as mulheres fugindo do modelo ideal em situações atípicas do contexto geral da sociedade, como a ausência do esposo por motivo de guerra, por exemplo.

Contudo, a atitude das Sabinas e de Hersília, narradas por Tito Lívio, corroboram a nossa perspectiva, que tem a intenção de enfatizar a movimentação da mulher nos espaços público e privado, tanto em períodos atípicos como também de normalidade. Assim, consideramos que as mulheres romanas não contavam com um lugar circunscrito que lhes possibilitasse agir enquanto um próprio, tal como os homens, que eram a base e a razão de ser da gestão em todos os âmbitos da sociedade romana e, como nos diz Certeau, possuíam esse lugar “legítimo” de ação. Ao contrário disso, a mulher não contaria com esse lugar e, portanto, agia por meio de táticas<sup>72</sup>.

---

<sup>72</sup> CERTEAU, Michel de. Op., cit., pp. 46-47.

Neste sentido, o que veremos adiante é uma presença mais forte da ação tática, é a mulher tirando proveito das circunstâncias. É o caso, por exemplo, de Hersília. Em sua narrativa, em que Lívio segue estabelecendo tramas sequenciadas acerca dos grandes feitos do povo romano, ele nos informa que Rômulo, com o intuito de garantir descendência deste povo, raptou as sabinas para que se casassem com os homens romanos. Ele mesmo casou-se com uma, Hersília. Lívio mostra-nos, na passagem que se segue, uma interferência dessa Sabina que resultará em uma alteração na história desses dois povos. Senão, vejamos:

Rômulo, já aclamado pela dupla vitória quando Hersília, sua mulher, cedendo às súplicas das outras esposas raptadas, pediu-lhe que perdoasse a seus pais e lhes desse o direito de cidadania, pois a reconciliação contribuiria para aumentar o poder de Roma e facilmente obteve o que pedia<sup>73</sup>.

Verificamos, através desta passagem, a possibilidade de ação da matrona no cotidiano. Vimos que, mesmo Hersília não tendo esse lugar “legítimo” no âmbito que era do rei, soube jogar com o acontecimento e tirar partido do “forte”<sup>74</sup>.

Outrossim, Tito Lívio nos indica que a matrona romana era muito mais que um apêndice doméstico do homem, ficando para nós consistente essa afirmação porque Lívio faz questão de ressaltar que ela facilmente obteve o que pedia.

Não temos a pretensão de afirmar que as mulheres romanas eram emancipadas, sobretudo em se tratando das aristocratas, como é o caso das matronas. O que queremos é não tomar a mulher romana como ingênua, pois, através da Hersília “pintada” por Lívio, temos uma boa amostra de como, por meio das ações subreptícias, ela consegue se movimentar com facilidade nos espaços instituídos para o gênero a que pertence.

---

<sup>73</sup> LÍVIO, Tito. Op., cit., vol. I, p. 35.

<sup>74</sup> CERTEAU, Michel de. Op., cit., p. 47.

Sua atitude pode ser traduzida como sendo possuidora de versatilidade. Entendemos, portanto, que a matrona, a exemplo de Hersília, reconhecia a sua condição, mas, por outro lado, sabia da sua capacidade e, pelo fato de os homens tanto afirmarem a sua “pequenez”, estes se tornavam incapazes de perceber que eram influenciados, ludibriados com frequência pelas suas esposas. Lógica que provoca uma reflexão sobre a mulher romana, que é tomada como figura decorativa sem importância e sem vontades.

Por vezes, Tito Lívio apresenta personagens atribuindo-lhes qualidades de heroínas, como é o caso das sabinas. Sobre elas, ele disserta: *“Vencendo na desgraça a timidez natural do sexo, ousaram lançar-se em meio a uma saravada de dardos, interpondo-se entre os combatentes, para fazer cessar a hostilidade e o ódio”*<sup>75</sup>.

Tito Lívio refere-se às mulheres como sendo tímidas por natureza. Contudo, ele atribui a elas a capacidade de ter vencido essa timidez e interferido de forma decisiva nos destinos de dois povos, tal como fez Hersília, que também era sabina. Ele não as representa como vítimas, mas como heroínas, ideia que contribui para a fundamentação do que Grimal afirma, neste tocante: *“A romana sabe, portanto, desde a origem, que não é uma escrava, mas uma companheira, uma aliada, protegida pela religião do juramento antes de ser pelas leis: é a recompensa pela piedade das Sabinas”*<sup>76</sup>. Para Grimal, essa “anedota dramática” adquiriu um significado para os romanos e a atitude das sabinas tornou-se símbolo de um novo momento para sabinos e romanos, assinado no campo de batalha. Ali fica marcado um novo norte para esses povos, do mesmo modo que a mulher ganha a condição de companheira.

Concordamos com Grimal, pois consideramos importantes suas considerações para reforçar o que insistimos em enfatizar, ou seja, que a romana não era tal qual enunciava a jurisdição. Ainda segundo Grimal em *O Amor em Roma*, *“(...) a lenda nos mostra que é*

---

<sup>75</sup> LÍVIO, Tito. Op., cit., vol. I, p. 37.

<sup>76</sup> GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Trad.: Isabel St. Aubyn, Lisboa: Edições 70, 1993, p. 20.

*preciso atenuar as conclusões que acreditaríamos dever tirar dos textos jurídicos". Ele sugere, também, que "(...) o nascimento de Roma assinalou a ascensão da mulher e instaurou o reconhecimento de valores quase inteiramente estranhos à idade heróica do mundo grego"*<sup>77</sup>.

Estas reflexões de Pierre Grimal corroboram nossas proposições, haja vista que não consideramos absurdo afirmar que as atitudes femininas presentes nas lendas são, provavelmente, possíveis de localizar nos séculos que se seguiram da história dos romanos. Assim, acreditamos que Lívio voltou ao passado e caracterizou suas personagens muito a partir dos modelos do seu tempo.

Neste sentido, do mesmo modo que ele caracterizou matronas como heroínas, virtuosas, companheiras, ele também inseriu, na sua narrativa, matronas como figuras pérfidas e ambiciosas. É o caso de Túlia, que aparece na sequência das tramas. Sobre esta, ele nos informa que era filha do rei Túlio, casada com Lúcio Tarquínio, e que *"a orgulhosa Túlia sofria por não encontrar o menor traço de ambição e de audácia em seu marido"*<sup>78</sup>.

Se partirmos do princípio de que Lívio construiu uma narrativa imbuído por um desejo de apresentar aos romanos uma história ao mesmo tempo gloriosa e perpassada por modelos de comportamentos a serem seguidos ou rejeitados, dizemos que Túlia se distancia do modelo ideal de Tito Lívio. No ideário liviano, ela é o tipo da mulher cujas atitudes deveriam ser rejeitadas. Trata-se de uma mulher caracterizada como pérfida e que desejava o poder. E como, oficialmente, a sua condição de mulher não lhe permitia assumir posições que normalmente eram ocupadas por homens, Túlia precisava ter ao seu lado um homem que a fizesse se sentir poderosa.

Túlia viu no marido da sua irmã mais moça essas características e os dois acabaram por se aproximar. Sobre isto, Lívio disserta: *"Mas foi a mulher a origem de toda a tragédia"*<sup>79</sup>. Túlia, juntamente

---

<sup>77</sup> GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins fontes, 1991, p. 26.

<sup>78</sup> LÍVIO, Tito. Op., cit., vol. I, p. 83.

<sup>79</sup> Idem, ibidem.

com seu cunhado, trama a morte da sua própria irmã e de seu próprio marido pela ambição de poder. Ela é o oposto de Lavinia no ideal feminino liviano, tipo que não combina com os modelos de mulheres reprimidas e incapazes descritos pela historiografia. Todas as matronas que apresentamos promoveram suas ações no campo das táticas. Túlia ultrapassa esta medida, se é que isso é possível. Ela, inclusive, não está sozinha no “hall” das vilãs da história de Roma, podendo se unir a figuras como Agripina e Messalina, da época imperial.

Acerca de Messalina e Agripina, Tácito nos apresenta ambas utilizando-se de métodos escusos para, assim como Túlia, alcançarem o poder<sup>80</sup>. Outras mulheres de imperadores ficaram conhecidas por saborearem os espetáculos de gladiadores. Mas, de acordo com Finley, que parece ecoar os desejos livianos, temos que “*é óbvio que as mulheres romanas não devem ser julgadas com base em suas piores representantes*”<sup>81</sup>.

John Scheid<sup>82</sup>, todavia, tratando dos papéis religiosos das mulheres em Roma, relata episódios em que as matronas reivindicaram certos direitos ao se sentirem prejudicadas. Segundo Scheid, ocorreram episódios espetaculares entre homens e mulheres nas grandes famílias romanas. Muitas matronas foram acusadas de envenenar seus esposos e era do conhecimento comum que não havia esposa adúltera que não fosse uma envenenadora<sup>83</sup>.

Podemos observar, portanto, que a matrona romana não permaneceu inerte diante das imposições masculinas. Se a maioria das romanas não tinha um lugar próprio, legítimo de ação, ela se

---

<sup>80</sup> Ver NOVAK, Maria da Glória; NÉRI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (orgs.). Públio Cornélio Tácito. In: \_\_\_\_\_. *Historiadores Latinos: Antologia Bilingue*, SP: Martins Fontes, 1999.

<sup>81</sup> FINLEY, Moses I. *Op.*, cit., p. 163.

<sup>82</sup> SCHEID, John. “Estrangeiras” indispensáveis: os papéis religiosos das mulheres em Roma. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). *Op.*, cit.

<sup>83</sup> Idem, *ibidem*, pp. 491-92.

utilizou do lugar dos homens e, ao que nos parece, com bastante facilidade e frequência.

Através das matronas recortadas da obra de Tito Lívio, procuramos mostrar as esposas romanas, *mater civilis*, que apresentaram, ao longo da história, resistências ao modelo de mulher elaborado pelos homens, rompendo, por meio de táticas, com este modelo ideal, marcando seus nomes na história do povo romano.

Este texto é apenas parte de uma pesquisa em que temos a pretensão de melhor explorar as discussões aqui levantadas. E, se o que abordamos aqui consideramos uma conclusão provisória acerca do papel da mulher na sociedade romana, queremos aprofundar nosso trabalho no sentido de dar uma maior contribuição à história das mulheres.

## BIBLIOGRAFIA

- CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana em Roma no apogeu do Império*. Trad.: Antônio José. Lisboa: Saraiva, s/d.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad.: E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad.: M.M.Galhardo. São Paulo: Difel, 1990.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (orgs.). *História das mulheres no Ocidente*. Trad.: M. M. M. Silva. Porto: Afrontamento, 1993 (Vol. I).
- FINLEY, Moses I. *Aspectos da antiguidade*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Trad.: Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997.
- GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Trad.: Isabel St. Aubyn, Lisboa: Edições 70, 1993.
- GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins fontes, 1991.
- VEYNE, Paul. *O império romano*. In: ARIÈS, Philippe & DUBY, Georges (orgs.). *História da Vida Privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

## FONTES

- LÍVIO, Tito. *História de Roma*. Trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989 (vol. I).
- NOVAK, Maria Glória; NÉRI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (orgs.). *Públio Cornélio Tácito*. In: \_\_\_\_\_. *Historiadores Latinos: antologia bilíngue*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

# PARTE II

---

## 4 A REFLEXÃO SENEQUEANA DA MORTE: UM DIÁLOGO FILOSÓFICO ENTRE O “BEM VIVER, PARA O SABER MORRER”

André Luiz Almeida Ouriques

O estudo analisa as ideias de Sêneca, refletindo, principalmente sobre sua compreensão da morte. Exercício que considerou os preceitos filosóficos defendidos por ele; as experiências que vivia à sua época, qual seja, a época imperial romana; e lugar social que ocupava.

Sêneca era membro da escola estoica de filosofia<sup>84</sup>, que tinha a virtude como eixo principal de pensamento e como o melhor meio para se viver. Era a escola predominante em toda a Roma imperial, pois esse período foi marcado por um declínio de valores tradicionais, como a liberdade, a moral e a defesa da pátria a partir do exercício dos deveres públicos. Com isso, “*reforçou notavelmente nos espíritos mais sensíveis o interesse pelos estudos em geral*”<sup>85</sup>. Foi neste período em que surgiu o que podemos chamar de (re)elaboração dos preceitos filosóficos estoicos; o pensamento inicial de Zenão vai ser posto um pouco de lado com a fusão de suas ideias com outras, como, as platônicas e as epicuristas. Conforme Giovanni Reale:

O filósofo romano reafirmou energicamente a sua liberdade espiritual diante dos dogmas da escola, a necessidade de ouvir as vozes, e de acolhê-las, se válidas, mesmo quando estivessem em

---

<sup>84</sup> Lucio Aneu Sêneca nasceu em Córdoba, Espanha, entre o fim do paganismo e o início do cristianismo. Foi introduzido na filosofia estoica por Átalo e Socião. Como um grande orador, participou ativamente do governo de Nero, sendo responsável por grandes feitos. Foi de fato um homem público, que esteve a todo o momento por trás das decisões de Nero e, juntamente com este, participou da morte de Agripina, mãe do imperador. Depois de ter acusado de querer tomar o poder imperial, foi levado por Nero ao suicídio em 65 d. C., o que praticou sem nenhuma resistência.

<sup>85</sup> REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga: as escolas da época imperial* (v. IV). Trad.: Marcelo Perine; Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 65.

contraste com as vozes de Zenão ou de Crisipo; proclamou a necessidade de buscar sempre mais verdades, além das já encontradas, e, em todo caso, a necessidade de repensá-las a fundo, vivificá-las e aprofundá-las<sup>86</sup>.

Assim, Sêneca vai delineando seu pensamento, demonstrando que não está ferindo as ideias iniciais dos fundadores da escola, mas sim, buscando atingir sempre mais verdades e aprofundar os conhecimentos já adquiridos. Este processo foi denominado pelos historiadores filosóficos de neo-estoicismo<sup>87</sup>. Os membros desta vertente estoica são considerados ecléticos por fundirem diferentes conhecimentos com o objetivo de elaborar uma espécie de “metodologia” de vida que ajudasse o povo romano à conquista da boa moral, como fizeram Cícero e Sêneca. Para esse último:

Poderemos discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, encontrar a paz com Epicuro, vencer a natureza humana com a ajuda dos estóicos, ultrapassá-la com os cínicos, já que a natureza nos permite entrar em comunhão com toda a eternidade, por que não nos desviarmos dessa estreita e curta passagem do tempo e nos entregamos com todo o espírito àquilo que é ilimitado, eterno e partilhado com os melhores<sup>88</sup>.

Esses neo-estóicos trouxeram uma reflexão quase que religiosa, inaugurando, a nosso ver, o processo de transição da religião tradicional para o cristianismo.

Esse caráter religioso dos neo-estóicos é visto principalmente em Sêneca, que nos traz a compreensão da existência de um deus, que representa a totalidade, a natureza das coisas. Não se trata de um “Deus” criador de todas as coisas como ocorre no pensamento

---

<sup>86</sup> Idem, *ibidem*, pp. 68-69.

<sup>87</sup> Entre as escolas nascidas na Era Helênica, o pórtico foi a que demonstrou mais representatividade e capacidade de atrair o povo dentro da era imperial romana. Tudo decorrente de muitos fatores, como o advento deste sistema de governo, e junto com isto, o declínio de valores morais e da liberdade do povo romano.

<sup>88</sup> SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Trad.: William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993 (edição bilingue), p. 46.

cristão, mas, sim, de um deus como uma entidade que condiciona e rege as atitudes dos seres humanos: “E que outra coisa é a natureza senão Deus e a divina razão que penetra por si o universo na sua totalidade e nas suas partes individuais? (...) mas do fato que todo o criado existe graças a ele que é o seu sustentáculo, o que lhe dá sustentabilidade”<sup>89</sup>.

Trata-se do *lógos* universal. Essa é a causa primeira; é a razão que concebe a matéria; daí porque tudo possui um início. A matéria uma vez criada tem já, de antemão, o seu destino traçado, pois o sistema é perfeito. Tudo ocorre passivamente de acordo com o que o *lógos* determinou. Aqui, percebemos uma série de semelhanças com o cristianismo, a exemplo da ideia da predestinação e da existência de um deus, conforme já frisamos. No entanto, trata-se de um pensamento filosófico, em que os estóicos observam na racionalidade do universo o motivo da existência:

O primeiro fundamenta-se na fé e é assistemático. Sua validade não está nos elos de coerência efetiva entre o que se pergunta e o que se responde, mas na capacidade das pessoas acreditarem em seus preceitos. (...) a validade da religião lhe é uma coisa externa, pois, está na crença que as pessoas possam ter ou não em relação a ela. (...) a filosofia, ao contrário, baseia-se na razão e se realiza sistematicamente: é preciso coerência entre o que se pergunta e o que se responde, com o risco das contradições inerentes à resposta invalidar a pergunta<sup>90</sup>.

Entender um pouco deste conceito estóico de *lógos* universal é fundamental para entendermos várias outras colocações de Sêneca a respeito da morte, pois seu discurso está fundamentado no diálogo entre o “bem viver”, para o “saber morrer”. Veremos, posteriormente, que o discurso construído por Sêneca para educar o cidadão romano a respeito da morte, será sintetizado na relação entre vida e morte. Esta significa o fim para os que bem viveram em suas vidas terrenas, podendo não significar o mesmo para aque-

---

<sup>89</sup> REALE, Giovanni. Op., cit., p. 71.

<sup>90</sup> SILVA, Vânia Pinheiro de. *Sêneca: um passeio pelos meandros da morte*. Crato-CE: URCA, 2004, pp. 24-25. (monografia de conclusão de Especialização em Estudos Clássicos).

les que tornaram suas vidas terrenas breves um martírio e um sofrimento. A relação entre a vida e a morte é intrínseca e de uma reciprocidade completa. Findar, assim como receber a vida, é uma condição natural da existência do ser.

“O homem é um ser destinado a morrer”<sup>91</sup>. Muito se subtende desta frase, conforme a qual o *lógos* universal condiciona com naturalidade a morte ao ser. Por isso, nos indagamos ao lê-la: o homem está destinado à morte; o que fazer enquanto ser vivente? Como viver? De que forma devemos nos comportar para termos uma vida boa e digna da condição do *lógos* universal? Para essas indagações, Sêneca nos dá várias respostas, argumentando sobre diversos pontos a respeito de como o homem deve lidar com a morte. Sobre isto, ele nos diz: “Os destinos estão determinados de uma vez por todas, e prosseguem a sua marcha em obediência à lei eterna do universo: tu irás para onde vai tudo o mais”<sup>92</sup>. Com este comentário, Sêneca provoca um sentimento humano que oscila entre condição natural e vivência cultural: o medo. Ele argumenta que a morte é natural ao ser, e que é obrigação deste entender a ideia de finitude da vida. Pois, é condição natural da própria existência a experiência da morte, assim como, “a aceitação dela e a aceitação da natureza, enquanto que negá-la é negar o que é natural”<sup>93</sup>. Portanto, Sêneca quer mostrar e nos ensinar<sup>94</sup> que o medo da morte nada adiantará, pois só nos trará mais sofrimento e angústias quando de nossa presença terrestre.

Para o filósofo, os que têm medo da morte, estão cada vez mais perto de a ela chegar, pois não compreendê-la e temê-la é, também, negar sua imprevisibilidade. Além de tudo, a morte pode se dá na própria vida, pois os que não a aproveitam, por se entregarem a vícios, antecipam seu próprio fim: “*estar vivo é ser útil aos*

---

<sup>91</sup> SÊNECA, Lúcio Aneu, *Sobre a brevidade da vida*, apud, Idem, *ibidem*, p. 38.

<sup>92</sup> SÊNECA, Lúcio Aneu, *Cartas a Lucílio*, apud Idem, *ibidem*, p. 39.

<sup>93</sup> SILVA, Vânia Pinheiro de. *Op.cit.* p. 39.

<sup>94</sup> Cabe aqui, enfatizar que Sêneca, dentro da vanguarda neo-estóica procurou, assim como Cícero, ensinar e educar o cidadão romano, visando à ética e à virtude moral para os romanos.

outros, estar vivo é saber tirar partido de si próprio. Esses homens que levam uma vida obscura e de moleza, fazem de sua casa um sepulcro (...). São homens que se anteciparam à sua própria morte”<sup>95</sup>. Com isso, temer a morte, assim como, a de amigos e de entes queridos, não é nada satisfatório para a vida, pois o homem não estava servindo ao próximo de forma significativa, mas, sim, estava enchendo-se de preocupações, transformando a sua vida em um banquete para a morte. Sêneca nos diz que é preciso, então, aproveitar bem a vida:

Não é curto o tempo que temos, mas dele muito perdemos. A vida é suficientemente longa e com generosidade nos foi dada, para a realização das maiores coisas, se a empregarmos bem. Mas quando não a empregamos em nada bom, então, finalmente constrangidos pela fatalidade, sentimos que ela já passou por nós sem que tivéssemos percebido<sup>96</sup>.

Ao comentar sobre a brevidade da vida, Sêneca adota uma perspectiva ligada à moral do povo romano. Nesta citação, observa-se o tema principal que perpassa toda sua vasta produção: o desperdício do tempo e da vida pelo homem.

Aqui, procuraremos responder indagações propostas anteriormente, demonstrando possíveis motivos da relação constante de Sêneca entre o bem viver e uma morte tranquila. Sêneca argumenta, logo no primeiro capítulo de *Sobre a brevidade da vida*, que o tempo não é breve, que não é inerente a ele o fato de termos tão pouco tempo de vida. Mas, o verdadeiro motivo de o tempo ser tão pouco e rápido é que nós o encurtamos. O ser é quem transforma uma vida longa em curta estadia no mundo terreno, mediante as ações que pratica enquanto vive.

Quando Sêneca diz que com generosidade nos foi dada a vida, ele afirma que foi a natureza que nos proporcionou. Foi o *lógos* universal que ofereceu as condições para isso. Sêneca entende que muitos homens ilustres não conseguiram alcançar essa compreensão, a exemplo de Hipócrates, considerado o pai da medicina, as-

---

<sup>95</sup> SÊNECA, Lúcio Aneu, *Cartas a Lucílio*, apud SILVA, Vânia Pinheiro de. Op., cit., p. 40.

<sup>96</sup> SÊNECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida*. Op., cit., p. 25-26.

sim como, o próprio Aristóteles. Ambos se queixaram da natureza, assim como muitos outros, afirmando que esta não é justa, pois não atribui ao homem um tempo de vida considerável.

E não é somente a multidão e a turba insensata que se lamenta deste mal considerado universal: a mesma impressão provocou queixas também de homens ilustres. Daí o protesto do maior dos médicos: 'a vida é breve, longa, a arte'. Daí o litígio (de nenhuma forma apropriado a um homem sábio) que Aristóteles teve com a natureza: 'aos animais, ela concedeu tanto tempo de vida, que eles sobrevivem por cinco ou dez gerações; ao homem, nascido para tantos e tão grandes feitos, está estabelecido um limite muito mais próximo<sup>97</sup>.

Aristóteles acreditava que a natureza era má no sentido de que dela advinham os motivos da corrupção da humanidade. Já os estóicos, reelaboraram este conceito e deram um parecer de benevolência à natureza.

Por que Sêneca argumenta que o homem torna curta sua própria vida? Por que ele diz que a tornamos curta quando a empregamos em algo mal? O que é, para Sêneca, empregar mal a vida? Antes de colocar o pensamento de Sêneca acerca das indagações construídas, é fundamental esclarecer que ele foi um homem público; viveu todos os prazeres referentes às suas funções no mundo romano, como os banquetes e as bacanais; desfrutou dos vinhos, das comidas e bebidas, das danças, das artes e da literatura. Nem por isso, foi de encontro a sua filosofia estóica, pois, há um aspecto bem peculiar dos neo-estóicos que faz com que o pensamento de Sêneca seja válido: a moderação. Ele não nega os prazeres e os vícios, apenas afirma que o ser não deve se entregar totalmente a eles. Os homens devem manter o controle do seu corpo, assim como, sua vontade<sup>98</sup> ou desejo invisível, já que a maior parte das ações humanas depende desses dois elementos.

---

<sup>97</sup> SÊNECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida*, Op., cit., p. 25.

<sup>98</sup> Reale traz à tona a discussão da vontade na filosofia estóica, principalmente na obra de Sêneca. O conceito de vontade estará incutido sem maiores pormenores na moral do povo romano. Sêneca dividiu os homens entre os que têm boa e os que têm má vontade. Sendo

A ideia de que viver mal para Sêneca é viver totalmente para os vícios, para os prazeres e as tentações do corpo, é muito debatida em sua obra. O homem público que com tudo se preocupa, esquecendo da própria vida; o colecionador de cavalos, que só pensa em aumentar o seu prazer com a busca de mais cavalos; a mulher, que procura embelezar-se para satisfazer seu desejo. Todos esses tipos humanos não haverão de viver bem, pois estão apenas perdendo seu tempo em atividades que só servem para sugar o tempo do homem, encurtando-lhe a vida que lhe foi dada generosamente.

Um embriaga-se de vinho, outro entorpece-se na inatividade; a este, uma ambição sempre dependente das opiniões alheias o esgota, um incontido desejo de comerciar leva aquela a percorrer todas as terras e todos os mares, a esperança do lucro; a paixão pelos assuntos militares atormenta alguns, sempre preocupados com perigos alheios ou inquietos com seus próprios<sup>99</sup>.

Sêneca quer nos transmitir a ideia de que o homem que destina sua vida totalmente aos prazeres, não terá uma boa vida e, conseqüentemente, terá uma morte trágica e rápida, assim como, o foi sua vida. O filósofo ainda argumenta que viver bem não significa viver por muito tempo, pois o tempo dos homens é cronológico<sup>100</sup>. Para Sêneca, não importa se se viveu até os noventa anos, mas que se tenha aproveitado bem a vida, ou seja, que essa tenha sido bem vivida. Para o bem viver, só é necessário um ano, desde que o ser tenha praticado as coisas boas e tenha entendido a morte enquanto parte da natureza comum, condicionada pelo *lógos* universal. *“Portanto não há por que pensar que alguém tenha vivido muito, por*

---

a vontade uma faculdade dissociada do conhecimento, não basta ao homem ter apenas vontade. É preciso ter também boas intenções, visando ao conhecimento, que é a verdadeira forma de se viver, segundo os estóicos. Cf.: REALE, Giovanni. Op., cit.

<sup>99</sup> SÊNECA. Sobre a brevidade da vida, Op., cit., p. 26.

<sup>100</sup> Para os estóicos, o tempo é algo incorpóreo e, assim, é algo inalcançável. Com isso, o ser não pode conter a ação do referido e não pode voltar atrás, desejando viver toda a vida novamente. O homem deve se contentar com o tempo que lhe foi dado e fazer o máximo para que este dure o quanto puder.

*causa de suas rugas ou cabelos brancos: ele não viveu por muito tempo, simplesmente foi por muito tempo*"<sup>101</sup>.

Paralelamente à construção do discurso do homem que vive mal, Sêneca elabora o discurso do viver bem para o ser humano. Essa construção do conceito do bem viver se dará, no seio do pensamento "metodológico" de Sêneca, a partir dos aspectos sociais do tempo do império. Nesse tocante, o autor desenvolve uma ideia central de seu pensamento: o conceito de ócio. Qual seria a importância deste conceito para a filosofia de Sêneca? Qual a necessidade do ócio para que se viva bem de acordo com o que ele coloca?

Ócio, de acordo com Sêneca, é a prática do bem viver, é o puro e único método de se obter a realização na vida terrena. Assim, a prática do ócio consiste na busca plena pelo conhecimento, pela sabedoria: *"Dentre todos os homens, somente são ociosos os que estão disponíveis para a sabedoria; eles são os únicos a viver, pois, não apenas administram bem sua vida, mas acrescentam-lhe toda a eternidade"*<sup>102</sup>.

A obtenção do conhecimento pelo homem, o levará a uma existência para a eternidade, pois, "estes te darão o acesso à eternidade, te elevarão àquelas alturas de onde ninguém se precipita. Esta é a única maneira de prolongar a existência mortal e, até mais, de convertê-la em imortalidade"<sup>103</sup>.

Daí vem uma questão muito importante para a análise de Sêneca, a de que o filósofo é o único que pode obter o conhecimento e alcançar a sabedoria plena. Essa é a posição do filósofo sábio perante a morte, pois apenas assim poderá compreendê-la e, com isso, não ficar a sua mercê:

Portanto a vida do filósofo estende-se por muito tempo, e ele não está confinado nos mesmos limites que os outros. É o único a não depender das leis do gênero humano: todos os séculos servem-no como a um deus. Algo distancia-se no passado? Ele recupera com a me-

---

<sup>101</sup> SENECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida*, Op., cit., p. 35.

<sup>102</sup> Idem, *ibidem*, p. 45.

<sup>103</sup> Idem, *ibidem*, p. 47.

mória. Está no presente? Ele o desfruta. Há de vir no futuro? Ele o antecipa. A reunião de todos os momentos num só torna-lhe longa a vida<sup>104</sup>.

Sêneca trata este conhecimento a partir da filosofia como algo primordial em suas obras, onde vemos que o filósofo é inteirado de todas as situações; nunca pode ser surpreendido; nunca está à mercê de punições e rigores das leis humanas, ou seja, está bem próximo de uma eternidade junto ao *lógos* universal.

Nesse aspecto, o autor, com todo o seu ecletismo, do qual foi grande defensor, legou-nos a compreensão da dualidade entre corpo e alma. Daí que se dará todo o entendimento acerca da morte em Sêneca. O homem que dedica sua vida aos prazeres do corpo, tende bruscamente a ter sua vida declinada, não conseguindo viver bem. Já o homem que dedica sua vida à matéria mais tênue e mais sutil ligada à alma, terá garantias de que sua vida será bastante proveitosa, pois terá seu lugar guardado na imortalidade. A respeito da vida imortal do ser, Sêneca deixa-nos muitas explicações, tratando este conceito como algo bom, pois a alma, libertada de seu invólucro, de sua prisão, a saber, o corpo, estará liberta. Além disso, onde quer que ela vá depois disto, não sofrerá mais tormentos.

Uma alma grande deve submeter-se à divindade e obedecer sem hesitação a lei geral do universo: após a morte, a alma, ou passa a uma forma superior de vida ascendendo, luminosa e tranquilamente, à esfera divina, ou então, caso volte a confundir-se no todo da natureza, decerto não sofrerá com isso a mínima aflição<sup>105</sup>.

Sêneca argumenta o tempo todo em sua obra a respeito do modo de se viver a vida terrena a partir da dualidade corpo e alma. Esta é a discussão central da relação entre o bem viver e o saber morrer, a partir da qual Sêneca levanta pontos, como vícios e prazeres, moral e busca pelo conhecimento. Nesse tocante, adentramos no tema através do qual Sêneca mais contribuiu para o mundo romano: o suicídio. Compreende-se com isso, o quanto a sabedoria é

---

<sup>104</sup> SENECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida*, Op., cit., p. 48.

<sup>105</sup> SENECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*, apud SILVA, Vânia Pinheiro de. Op., cit., p. 56.

relevante, entendendo o suicídio enquanto um ato de sabedoria. Para Sêneca, o ato de suicídio é, antes de tudo, um meio de buscar a liberdade da alma do seu invólucro: o corpo; portanto, a liberdade dos sofrimentos terrenos, da dor, das angústias. Contudo, mediante a filosofia de que seja um ato de sabedoria, o suicídio não deve ser praticado levianamente, pois, *“morrer para evitar a dor é uma atitude de fraqueza e covardia, viver só para suportar a dor, é a pura estupidez”*<sup>106</sup>.

Para praticar o suicídio, diz Sêneca, o homem deve, ao menos, ter conhecimento de sua vida, dos seus atos, ser conhecedor pleno de si mesmo. Assim, ele praticará o suicídio de uma forma que consiga legar sua alma à eternidade, não fazendo como muitos outros exemplos, que praticaram erroneamente o suicídio apenas para eliminarem seus martírios e suas dores, sem nem sequer entender sua razão. Desse modo, esses homens interrompem a ordem natural das coisas. Ao homem que vai cometer o suicídio, é necessário, então, o conhecimento sobre si mesmo, a tranquilidade e, acima de tudo, a coragem que, unida à prudência, leva os homens a tomarem as atitudes corretas e os condicionam a um suicídio bem praticado. Dessa forma, a alma poderá ser bem encaminhada ao lugar transcendental dos deuses, ou seja, ao *lógos* universal:

Abandona o solo e volta-te a esses estudos! Agora, enquanto o sangue ferve, deve-se ir, com determinação, para o melhor. Grande número de bons conhecimentos te esperam neste gênero de vida: o amor e a prática das virtudes, o esquecimento das paixões, o saber viver e morrer, enfim, uma grande tranquilidade<sup>107</sup>.

Esta frase resume nossa tentativa de esboçar a compreensão de morte segundo o orador romano Lúcio Aneu Sêneca, defensor veemente dos ensinamentos estoicos, assim como, da boa vida, tendo em vista, o fato de que, para ele, se deve morrer bem. A tentativa de Sêneca de chamar e acolher o homem romano para o saber filosófico, ou seja, para a verdade, única forma de compreender

---

<sup>106</sup> Idem, *ibidem*, p. 62.

<sup>107</sup> SENECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida*, Op., cit., p. 53.

e receber a morte, foi bastante válida, tendo em vista que o neo-estoicismo foi a escola filosófica mais difundida durante o período imperial romano. Foi, também, a época em que Sêneca participou ativamente do governo de Nero, sendo levado, por motivos de desavenças entre os correligionários, ao suicídio pelo seu próprio pupilo: Nero. *A posteriori*, o conhecimento e a filosofia de Sêneca serviram de base para a construção do pensamento de um dos maiores pensadores da era medieval ocidental: Santo Agostinho.

## BIBLIOGRAFIA

- CARCOPINO, Jérôme. *Roma: no apogeu do império*, São Paulo: Companhia das letras, 1990. (coleção A vida cotidiana).
- GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*, Lisboa: Edições 70, 1993.
- OLIVEIRA, Alessandra Possebon. *Sêneca e a morte enquanto formação do homem ideal*. (artigo acadêmico publicado em anais de congressos), 2006.
- REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga: as escolas da era imperial*. Trad.: Marcelo Perine; Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994.
- SILVA, Vânia Pinheiro de. *Sêneca: um passeio pelos meandros da morte*. Crato-CE: URCA, 2004, (monografia de especialização).
- VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada: do império romano ao ano mil*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

## FONTES

- SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.
- SÊNECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida*. Trad.: William Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993 (edição bilíngue).

## 5 SÊNECA COMO O PROPAGADOR E CONSOLIDADOR DO ESTOICISMO EM ROMA

Camila B. Nogueira

Este trabalho foi elaborado a partir de uma análise do estoicismo senequeano da primeira metade do século primeiro, buscando compreender a importância desta escola filosófica na Roma antiga. Ao elaborar uma discussão sobre o estoicismo, pretendemos refletir sobre como Sêneca o influenciou, investigando as causas que o fizeram ser desterrado e que o levaram à morte. Faremos isso a partir de sua obra *Sobre a brevidade da vida*, pensada aqui como nossa fonte principal. Dialogamos também com autores que nos ajudaram a construir uma explicação sobre o objeto selecionado. São eles: Pierre Grimal,<sup>108</sup> em sua discussão da tragédia a partir de *Fedra*; Zélia Cardoso<sup>109</sup>, analisando o estoicismo nos *Cantos e tragédias gregas*; por fim, Alessandra Carbonero<sup>110</sup>, em suas *Considerações sobre a pergunta pelo bem viver*.

O estoicismo, segundo Zélia Cardoso<sup>111</sup>, não é apenas uma postura filosófica de uns poucos filósofos; é uma verdadeira escola filosófica da antiguidade que nasceu em Atenas no século III a.C., com Zenão de Cício. Desenvolveu-se nos séculos posteriores, produzindo, em seus diversos períodos, figuras com a estatura de Cleantes, Crisipo, Diógenes de Babilônia, Antípatro, Panécia e Posidônio. Leoni<sup>112</sup> relata que no séc. I d.C., a Espanha fornece a Roma os

---

<sup>108</sup> GRIMAL, Pierre. L'originalité de Sénèque dans la tragédie de Phédre, 1963, pp. 297-314.

<sup>109</sup> CARDOSO, Zélia de Almeida. A função didática das tragédias de Sêneca. Documentos eletrônicos.

<sup>110</sup> LIMA, Alessandra Carbonero. Considerações sobre a pergunta pelo bem viver. Documentos eletrônicos.

<sup>111</sup> Cf.: [www.paideuma.net/zelia4.doc](http://www.paideuma.net/zelia4.doc).

<sup>112</sup> LEONI, G. D. Estudo introdutivo. In: SÊNECA. Medéia; Hélvia; Tranquilidade da alma; Apokolokyntosis. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, p. 15.

quatro personagens mais eminentes do mundo intelectual: Sêneca, Lucano, Quintiliano e Marcial. Conforme Zélia Cardoso<sup>113</sup>, esta escola baseava-se numa doutrina panteística, ensinava uma ética rigorosa, conforme as leis da natureza: austeridade, rigidez e moral. Chegando a Roma, o estoicismo encontrou terreno adequado a sua expansão, contando com Sêneca como um dos seus principais seguidores. A autora considera que o estoicismo é bastante complexo em sua estrutura por pretender ensinar as regras de como viver.

Sêneca diz que a felicidade só pode ser alcançada quando o homem aprende a viver de acordo com a natureza e aceita com serenidade os acontecimentos da vida, dividida em três partes que se interligam: a física, a ética e a lógica. Grimal<sup>114</sup> nos informa que a filosofia estóica do séc. III, tem por fundamento a ideia de que o universo foi criado por uma entidade inteligente, por um princípio racional ativo, o *lógos*, que se identifica com um sopro ígneo, ou seja, com o fogo primordial que governa o mundo e determina o equilíbrio e a ordem, elementos inerentes à natureza. O universo possui uma alma racional. O *lógos* comanda a ordem das coisas no universo. A história do mundo se compõe de fases que se sucedem periodicamente. O fim é o início de um novo começo.

Grimal<sup>115</sup> observa que os políticos romanos e Sêneca, que se considerava discípulo dos estóicos, se interessavam principalmente pela ética, admitindo a existência de um deus principal, que é vivo, imortal, inteligente, bom e que se identifica com a natureza, reinando com providência o universo; porém, não negando a existência de deuses menores.

Leoni<sup>116</sup> considera que, para se compreender o estoicismo em Roma, é necessário conhecer um pouco da vida de Lúcio Anaeus Sêneca (Córdoba, 4 a.C., Roma, 65 d.C.), filósofo e poeta romano. Vida que Leoni divide em quatro períodos: a mocidade, o

---

<sup>113</sup> Cf.: [www.paideuma.net/zelia4.doc](http://www.paideuma.net/zelia4.doc).

<sup>114</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., pp. 297-314.

<sup>115</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>116</sup> LEONI, G. D. Op., cit., p. 15.

exílio na Córsega, a época em que era preceptor e conselheiro de Nero e a velhice. Realizou seus estudos em Roma e costumava dizer que se considerava mais do que um rei, pois podia julgar os próprios soberanos. Era dotado de poder decisório e era grande conhecedor da retórica que, naquela época, significava ser um bom advogado. Por se distinguir no foro, atraiu a atenção e a simpatia de Calígula.

A atividade da família de Sêneca era a intelectualidade. Seu pai era um conhecido político que viveu em Roma entre os mais afamados retóricos da época. Sua mãe, Hélvia, era uma mulher de mentalidade vivaz e severa. Sêneca tinha o intelecto vivo, saber profundo, a poesia e a eloquência o atraíam, a filosofia e a ciência o seduziam. Sua constituição física era fraca e, por motivo de saúde, viveu no Egito, onde tinha parentes. Voltando para Roma, passa a dedicar-se ao exercício do foro, especialmente no Senado, onde continuava o ideal republicano, após o admirável equilíbrio das reformas de Augusto, combatido pelos novos "imperadores absolutistas"<sup>117</sup>.

Aos poucos, Sêneca adquire prestígio, tornando-se objeto de uma admiração gloriosa, mas também, suscita inveja. Em particular, a inveja do imperador Calígula, que por este motivo pensa em desfazer-se dele, consentindo em deixá-lo viver, porque lhe asseguraram que em breve o jovem tísico morreria de morte natural. Em 41 d.C., o prestígio de Sêneca cessou é quando Cláudio, instigado por Messalina, pede a sua queda, condenando-o ao desterro na ilha de Córsega, habitada por populações quase "primitivas". Lá, ele viveu oito anos se dedicando completamente aos estudos científicos e, mais ainda, à meditação filosófica. No exílio Sêneca formou sua personalidade grandiosa. Em algumas obras dessa época, ele deixa transparecer o desespero que, pouco a pouco, se transforma em resignação. Agripina, após esses oito anos, o chama de volta para ser preceptor de seu filho Domício, depois imperador Nero, que tinha então onze anos. Ele foi grandemente influenciado pelas idei-

---

<sup>117</sup> Encyclopedia Britânica, 1993, p. 221.

as de Sêneca e Afrânio Burro, quando assumiu o poder. Provavelmente o discurso ou manifesto que Nero dirigiu aos romanos, quando subiu ao trono, foi de autoria de Sêneca.

Os trabalhos mais importantes de Sêneca foram: *De brevitare vite* (Da brevidade da vida), *De constantia sapientis* (Da paciência do sábio), *De clementia* (Da clemência), *De vita beata* (Da vida feliz), *De tranquillitate animi* (Da tranquilidade da alma), *De beneficiis* (Dos favores), *De otio* (Do ócio). Escreveu ainda tragédias como, *Fedra*, além de várias cartas<sup>118</sup>.

Em 62 d.C., quando Burro morreu, o prestígio de Sêneca foi diminuindo, pois seus inimigos, induziram o imperador a observar sua riqueza, popularidade e, principalmente, sua pretensão em rivalizar com o imperador na arte da oratória e na poesia. Depois destes acontecimentos, Nero, sob o pretexto de que Sêneca foi cúmplice na conspiração armada por Piso, ordenou que o matassem. Ao saber de seu triste fim, Sêneca fala aos seus amigos que lhes deixaria a melhor de todas as coisas: o exemplo.

Sua filosofia visava mais a uma sabedoria de vida, do que a uma visão do mundo. Ela era quase exclusivamente moral. Sempre debatia problemas existenciais, como a dor, a morte e a melhor maneira de viver. Tinha um objetivo didático: incutir nos leitores os seus ensinamentos. Os primeiros padres e teólogos da igreja católica usaram largamente os escritos e a filosofia de Sêneca. O que fez dele o mais importante pensador dos primeiros séculos da era cristã, foi seu pensamento sincero, corajoso e sua projeção política. A crítica atual nega autoria de obras atribuídas a Sêneca, como *Octavia*, drama histórico sobre a vida romana, as cartas de Sêneca a São Paulo e alguns epigramas<sup>119</sup>.

Conforme o estudo de Zélia Cardoso<sup>120</sup>, Sêneca, por conhecer profundamente a doutrina estoica, a divulgou em suas cartas e tratados, aproveitando para apresentá-la também em suas tragé-

---

<sup>118</sup> Encyclopedia Britânica, 1993, p. 221.

<sup>119</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>120</sup> Cf.: [www.paideuma.net/zelia4.doc](http://www.paideuma.net/zelia4.doc).

dias. Grimal<sup>121</sup> diz que na tragédia *Fedra*, caracterizada por um aspecto exemplar, Sêneca, mais que em suas outras obras, teve a ocasião favorável para a propagação do estoicismo, pois o próprio mito contribuía para isso. Na referida história, percebemos como a paixão não dominada, sendo superada pela razão, vai direcionar uma sucessão de catástrofes, comprometendo a ordem universal. O amor que a bela rainha sentia pelo jovem enteado era uma forma de transgressão, violentando assim, o equilíbrio que, uma vez rompido, traria desgraças sobre desgraças sem que ninguém pudesse interromper esse ciclo de catástrofes.

Na tragédia há três ações em que o amor de Fedra por Hipólito, a calúnia e a maldição de Teseu se misturam, determinando o evento trágico, bem como, evidenciando como a paixão, por dominar a razão, afeta a ordem natural, produzindo um mal irreversível.

A ama de Fedra se esforça para reconduzir a rainha ao caminho do dever e da razão, evitando que se consuma a desgraça. Ela se reveste de bom senso, se opondo ao descontrole dos sentimentos, representado pelo *alter ego* da protagonista. A ama fala à Fedra, tentando convencer a enamorada rainha a voltar ao caminho da virtude. Tem-se, pois, argumentos de caráter estóico:

Esposa de Teseu, descendência ilustre de Júpiter, aranca o mais depressa possível de teu casto peito esse amor nefasto, extingue as chamas e não te deixes dominar por uma esperança funesta. Quem contraria o combate ao amor, desde o início, tem a segurança da vitória (...)<sup>122</sup>.

Na linguagem da ama não faltam recomendações morais, nem filosofias reflexivas, nem ponderações de conteúdo estóico: “O primeiro grau do pudor é desejar coisas honestas; o segundo é conhecer a extensão do erro”<sup>123</sup>. Da mesma forma, Fedra usa uma argumentação que apresenta um sabor estóico, procurando atenuar sua culpa,

---

<sup>121</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit.

<sup>122</sup> SÊNECA. *Fedra*. 129-135.

<sup>123</sup> Idem, *ibidem*, 140-141.

atribuindo aos deuses a responsabilidade de seu desvio de conduta. Fedra constrói um mundo interno que conflita a razão e a paixão: “Sei que o que lembras é verdade, minha nutriz, mas a loucura me faz trilhar o caminho pior (...).”; “De que adianta a razão? A paixão vence e reina e o deus poderoso domina a minha mente”<sup>124</sup>.

A nutriz anciã se mostra irreverente em relação ao deus e a deusa do amor, no que diz respeito aos seres humanos: “(...) ele atira com a mão pequenas flechas delicadas e, sendo o menor dos deuses, consegue reinar sobre os maiores (...)”<sup>125</sup>. Ao negar o poder de Vênus e a divindade de Cupido, considerando-o como ficção, ela assume uma paixão semelhante à das mulheres de Tróia, em *As troianas*<sup>126</sup>. A ama de Fedra possivelmente usou esse recurso, na esperança de que a rainha assumisse seus erros e culpas.

Os estóicos admitem a existência de um deus principal, que é vivo, imortal, inteligente, bom e que se identifica com a natureza, reinando com providência o universo<sup>127</sup>. Porém, não negam a existência de deuses menores.

Alessandra Carbonero<sup>128</sup> pondera que Sêneca foi um filósofo contemporâneo de Cristo e que a obra *Sobre a brevidade da vida* é um tratado, cujo objetivo era convencer Paulino, sogro de Sêneca, a abandonar um alto cargo no Império para dedicar-se ao estudo da filosofia. Ela elenca como obras de Sêneca, nove tragédias, uma comédia, três consolações e 124 cartas morais, na maior parte das vezes, dirigidas a seu discípulo Lucílio. Ela ainda observa no seu estudo que podemos nos aproximar de Sêneca, entendendo que há pontos de semelhança de sua filosofia com o que vivemos e pensamos.

O autor de *Sobre a brevidade da vida*, de uma maneira clara, sem vocabulário difícil, nem artifícios literários diversos, conseguiu

---

<sup>124</sup> SÊNECA. *Fedra*.177-185.

<sup>125</sup> Idem, *ibidem*, 195-203.

<sup>126</sup> EURÍPIDES. *As troianas*. 402-406.

<sup>127</sup> LAÉRCIO, Diógenes. VII, 147.

<sup>128</sup> Cf.: <http://www.hottopos.com/notands11/alessandra.htm>.

escrever de uma forma inteligente, que possibilita a contextualização das ideias. O conteúdo da obra é bem atual, apesar da época em que foi escrito. São vinte capítulos falando sobre vida, tempo e seu desperdício; sobre sabedoria no gastar esse tempo, precaução no viver; sobre efemeridade, vida sedentária, ansiedade, preocupação com o futuro, sobriedade, ocupações diversas, desocupações, filósofos, euforia, insegurança, etc.

Sêneca, no capítulo primeiro, fala que Aristóteles, por ser um filósofo clássico, se opunha francamente aos estóicos no que se refere à origem da corrupção que viria da presença da matéria. Opunha-se aos estóicos que acreditavam na natureza benevolente. Sêneca discute e dialoga com o leitor sobre a efemeridade, a fragilidade humana, deixando claro, a impossibilidade da imortalidade. Ele fala, de um lado, do ócio desprovido de valor, que se esvai em ocupações vãs e levianas e, de outro, do ócio verdadeiro, empregado com o exercício da filosofia.

No capítulo IV, o autor enumera alguns homens ilustres que não usufruíram do lazer, dentre eles estão, Augusto, que foi o primeiro imperador de Roma e patrono das artes e das letras. Para Augusto, o ócio era tão desejado que, por não poder usufruí-lo naquele momento, vislumbrava-o em pensamento. Sobre Marco Túlio Cícero, o maior orador romano, Sêneca considera que foi ansioso, inquieto na prosperidade e impaciente na adversidade. Ele discorda do termo usado por Cícero que se dizia semi-livre, pois, para os estóicos, a sabedoria é um tema absolutamente superior. Sêneca coloca que Lívio Druso, tribuno da Plebe em 91 a.C. e considerado um gênio da política, amaldiçoou sua vida agitada ao dizer que nunca havia tirado férias, nem mesmo quando criança. Sêneca afirma que o povo duvidou do suicídio desse romano, porém não duvidou que sua morte foi oportuna, pois tinha fama de ser um elemento perturbador e nocivo ao fórum.

No capítulo VII, Sêneca discorre sobre as ocupações, acreditando que a mais vergonhosa era a daqueles que se entregavam ao vinho e aos prazeres sensuais. Ele enumera outras ocupações exercidas por perfis sociais, tais como: os aventurosos, os turbulentos ou

os que participam de guerras injustas que, para Sêneca, pecam de uma maneira mais viril; os glutões e os bajuladores, que perdem seu tempo preocupados em fazer cálculos e participar de banquetes. Comenta ainda, no mesmo capítulo, que toda a vida é um exercício de aprendizado para o “bem morrer”. A vida sedentária era um tema relevante para Sêneca, pois costumava dizer que uma vida cheia de compromissos, trazia apenas ansiedade e inquietude. Enfatiza ainda que cada pessoa padece da ânsia do futuro e do tédio do presente.

No final do capítulo VII, ele diz que cabelos brancos e rugas não resultavam, necessariamente, de uma vida longa, pois às vezes a pessoa que já os tem não viveu por muito tempo, porém o tempo já vivido foi por ela mal aproveitado. No capítulo posterior, ele fala da importância do tempo e de sua velocidade. No capítulo IX, se refere a Virgílio como o maior dos poetas, lembrando seu poema sobre o dia que estava fugindo<sup>129</sup>. Já no capítulo X, Sêneca fala sobre Papírio Fabiano, seu mestre que mais o influenciou, dizendo que ele não era um simples filósofo, mas um filósofo verdadeiro e antigo.

O aluno de Fabiano diz que a vida divide-se em três períodos: o que foi, o que é, e o que há de ser. Falando sobre remorso, Sêneca enfatiza que aquele que enganou, cobiçou, desprezou, venceu traiçoeiramente, roubou, dissipando seus bens, teria que temer suas próprias recordações. Ainda no capítulo X, ele discorre sobre a sabedoria, dizendo que somente quem tem uma mente segura de si e sossegada, pode percorrer todas as épocas de sua vida. Já no capítulo XI, Sêneca discute o descontentamento dos atarefados, apresentando seus lamentos por terem adquirido o que não desfrutaram e, por isso, se consideravam tolos por não terem vivido de fato. Finalizando o capítulo, Sêneca fala que o sábio não hesitará em caminhar para a morte com passos firmes.

Iniciando o capítulo XII, Sêneca faz um jogo interessante, através do qual pergunta e responde ao mesmo tempo, sobre os

---

<sup>129</sup> VIRGÍLIO. *Geórgicas*. 3. 66-67.

“ocupados.” Ele observa uma série de perfis humanos que considera indolentes: os colecionadores de bronze coríntio, os que se sentam num ginásio para torcer por rapazes que se estapeiam, os que patrocinam os novos atletas, os que passam horas no cabeleireiro preferindo ver a desordem da República a ver a desordem de seus cabelos despenteados, os que preferem ser bem penteados a serem honestos, os que se ocupam em compor, ouvir e aprender canções. Para ele, essas pessoas não têm ócio, mas sim, ocupações inertes.

Sêneca faz uma crítica aos que precisam ser lembrados pelos momentos de banhar-se, nadar ou comer, dizendo que estes que não sabem nem se estão ou não sentados, não são ociosos, pois eles estão doentes ou mortos. No capítulo XIII, Sêneca trata dos que desperdiçam suas vidas em jogos de xadrez, de bola ou que usam parte de seu tempo queimando-se ao sol. Ele os critica dizendo que muito se fadigam, sem nada fazer. Critica, também, os que se prendem às questões de literatura, dizendo que já havia uma multidão entre os romanos que considerava a literatura uma paixão frívola. Ele finaliza o capítulo, falando que devemos perdoar também os pesquisadores de assuntos dos romanos, pois para ele, a filosofia era o único conhecimento válido, cujo objetivo era o aperfeiçoamento moral do homem. Sêneca pergunta se esses conhecimentos farão alguém mais generoso, mais corajoso, ou mais justo, pois considerava que estas deveriam ser as finalidades da filosofia. Lembra então do seu mestre quando perguntava se não era melhor não fazer estudo nenhum, do que se envolver com estudos deste gênero.

A partir do capítulo XIV, Sêneca vai fazer elogios aos filósofos, asseverando que eles estão disponíveis para a sabedoria, que são os únicos a viver administrando bem as suas vidas, acrescentando a estas a eternidade. Ele enumera o nome de alguns filósofos como, Sócrates, Carnéades e Epicuro, dizendo ainda que os estóicos vencem a natureza humana, já que sua filosofia lhes permitem entrar em comunhão com toda a eternidade. Sêneca, com propriedade, faz uma propagação dos estóicos, tais como: Zenão, Pitágoras, Demétrio, Aristóteles, Teofrasto, e outros mestres da virtude.

No capítulo XV, Sêneca prossegue elogiando os discípulos do estoicismo, dizendo que feliz é quem pode ser cliente de um desses filósofos, que dariam acesso à eternidade e, assim, prolongariam as suas existências mortais. No capítulo posterior, diz que a vida dos não-estóicos era breve e sem usufruto, pois por estarem ocupados demais em nada fazer, se tornavam aterrorizados com o medo da morte.

Sêneca, no capítulo posterior, fala da agitação dos desassossegados e agitados, dos inseguros e cheios de ansiedade. Com palavras duras, ele diz que as vidas dos que obtêm com grande esforço algo que conservam com esforço ainda maior, é uma vida miserável e bem breve. Nos capítulos XVIII e XIX, estabelece um diálogo com Paulino,<sup>130</sup> aconselhando-o a não aceitar cargo do Estado, a se afastar da multidão, a recolher-se a causas mais tranquilas, mais seguras e melhores, ligadas ao estoicismo. Ele recomenda ainda a Paulino, a prática do amor, das virtudes, do esquecimento das paixões, o saber viver e morrer, pois esses elementos representavam a verdadeira tranquilidade para Sêneca. Eles eram a finalidade da filosofia.

No final do seu livro, Sêneca ainda cita o exemplo de S. Turano<sup>131</sup> que, após completar noventa anos, foi dispensado por Lúcio Caio César Calígula sem que tivesse solicitado. Sua família foi forçada a pranteá-lo e só voltou a se alegrar quando o cargo foi restituído a S. Turano. Sêneca pergunta se é bom morrer assim tão ocupado, sem proveito, sem prazeres, sem nenhum aperfeiçoamento intelectual.

De conformidade com Zélia de Almeida Cardoso, consideramos que os cantos e as tragédias gregas foram objetos de interesse por diversos pesquisadores dedicados a obras clássicas, sendo obras estudadas exaustivamente. Porém, os cânticos presentes nas tragédias estóicas de Sêneca até o momento não foram suficientemente analisados. Não conhecemos nenhum trabalho que tivesse

---

<sup>130</sup> Paulino, funcionário do estado romano, no cargo de *praefectus annonae*.

<sup>131</sup> S. Turano, antecessor de Paulino no cargo de *praefectus annonae*.

abrangido em profundidade a totalidade dos cânticos, materiais importantes pelos assuntos que exploram, como a filosofia, a retórica e os tipos literários. Trinta e seis cânticos aprofundam temas filosóficos, narrativos, descritivos ou de lamentação, estudando a sua estrutura, na qual se encontra a composição retórica, os elementos de estilo, de linguística e a métrica.

Zélia Cardoso faz uma definição das funções dos cânticos nas tragédias senequeanas, colocando que neles a responsabilidade das catástrofes é motivada pelo próprio homem. A vitória das paixões sobre a razão determina a desgraça. Sêneca insere elementos no corpo de seus dramas que nos permitem pensar em uma das metas que talvez tivesse querido alcançar ao compor obras trágicas. Ele tinha a intenção de construir um caráter literário e didático em suas tragédias e tentava elaborar personagens com qualidades psicológicas bem trabalhadas. Abordava mitos de forma original, capazes de induzir expectadores e leitores a encontrar nos textos os princípios básicos da doutrina estoica.

(...) Por que o amor casto habita as moradas humildes e a camada popular tem inclinações sadias, sabendo se conter com moderação? Por que inversamente, aqueles que são ricos e dominam o reino não podem desejar as coisas lícitas? Quem pode muito, quer também o que não pode<sup>132</sup>.

Estas palavras da nutriz em *Fedra*, faz lembrar a obra de Sêneca em *Da vida feliz*, em que focaliza a questão de felicidade, segundo a ótica do estoicismo.

---

<sup>132</sup> SÊNECA. *Fedra*. 204-215.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, Zélia de Almeida. A função didática das tragédias de Sêneca. Documentos eletrônicos. Encyclopedia Britânica do Brasil Publicações Ltda. Rio de Janeiro/ São Paulo. Volume 14.
- GRIMAL, Pierre. L'originalité de Sénèque dans la tragédie de Phédre, 1963, pp. 297-314.
- LIMA, Alessandra Carbonero. Considerações sobre a pergunta pelo viver bem. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand11/alessandra.htm>.> Acesso em: 15 de dezembro de 2006.
- PIMENTEL, M.C. Quo uerget furor? aspectos estoicos na Phaedra de Sêneca. Lisboa: Colibri, 1993.

## FONTES

- SÊNECA, Lucio Aneu. A tranquilidade da alma. Trad: Willian Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993 (edição bilíngue).
- SÊNECA, Lucio Aneu. Sobre a brevidade da vida. Trad: Willian Li. São Paulo: Nova Alexandria, 1993 (edição bilíngue).
- SÊNECA, Lucio Aneu. Sobre a providência divina; Sobre a firmeza do homem sábio. Trad.: Ricardo da Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000 (edição bilíngue).

## 6 O ÓCIO EM SÊNECA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CONCEPÇÕES DO ÓCIO DA ANTIGUIDADE E DA ATUALIDADE

Gabriela Barbosa de Souto

Ao pensarmos em ócio é quase inevitável não pensarmos numa rede com sombra e água fresca ou numa tarde chuvosa em que estamos em casa assistindo a algum filme. O que significa a palavra ócio? Ela vem do latim *otium* que significa lazer, tempo de repouso<sup>133</sup>. Mas essa conotação ainda persiste?

Ao expormos rapidamente essa pesquisa em sala de aula, perguntamos aos colegas o que eles pensavam sobre o que era o ócio. Responderam mais ou menos isso: “é não ter nada para fazer”, “é relaxar”. Ou seja, a conotação latina persiste, embora com algumas alterações em razão dos diferentes contextos. O que muitos não sabem é que o ócio pode trazer um novo prazer.

Pensar no ócio numa nova perspectiva traz consigo novas considerações e preceitos. Qual o ponto de partida do estudo? Lucius Annaeus Sêneca e, para compreendê-lo, torna-se necessário fazer uma abordagem sobre sua escola filosófica: o estoicismo.

Não buscando um aprofundamento no estoicismo, tracemos as linhas gerais contidas neste. Palavra-chave: ciclo. Para os estóicos, o universo é composto de duas partes: o ativo e o passivo. O passivo associa-se à matéria; o ativo, ao espírito. Assim, o materialismo dessa corrente (ou escola) filosófica se faz presente, pois tudo necessita de um corpo, sendo este mais “leve” ou mais “pesado”, de acordo com a noção que se tem do mesmo. Acredita, ainda, que o universo é um ciclo e que sua eternidade provém de sua autonomia e da ausência de cansaço. O que nos remete à predestinação, por assim dizer, não podendo nos esquecer das virtudes, pois se há um meio do homem tornar-se um sábio, um ser capaz das mais

---

<sup>133</sup> FARIAS, Ernesto. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: FAE, 1991, p. 383.

dignas ações, trata-se do exercício das virtudes. Com essas, poderia superar os desejos e não se render aos vícios, alçando, assim, à felicidade<sup>134</sup>.

O estoicismo surgiu em 300 a.C., mesmo período em que surgiu na Grécia o epicurismo<sup>135</sup>. Foi fundado por Zênon (335-263 a.C.), a respeito do qual pouco se sabe, a não ser que chegou ainda jovem em Atenas e que deu foco à ética. Essa escola é compreendida em três fases: 1) Antiga: representada por Zênon de Cítion, Cleantes de Asso (331-232 a.C.) e Crisipo de Solunte (280- 206 a.C.); 2) Média: Panécio de Rodes (185-110 a.C.), Posidônio de Apaméia (135-50 a.C.); 3) Nova: Sêneca de Córdoba (4 a.C. – 65 d.C.), Epicteto e Marco Aurélio (121-180 d.C.)<sup>136</sup>.

É tão nítida quanto no epicurismo, a divisão feita entre a lógica, a física e a ética. A lógica abrangia o modo pelo qual se obtinha o conhecimento. Por exemplo, se se tem um corpo (um objeto qualquer), a impressão que este causa a um espírito é o conhecimento, a verdade. Há uma relação entre o corpo e a alma, com a presença da perceptividade, pois é a maneira como o espírito capta a aparência do objeto que lhe permite conhecê-lo<sup>137</sup>.

Relembrando os conceitos estoicos de ativo e passivo mencionados há pouco, a física nos mostra que para haver interação com o mundo, faz-se necessário ter um corpo, por mais etéreo que seja (como por exemplo, o amor ou um deus). Assim, é o mundo (ativo)

---

<sup>134</sup> Cf.: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/estoicismo.htm>.

<sup>135</sup> Escola filosófica fundada por Epicuro, no século 300 a.C. no qual tinha por proposta o prazer ininterrupto e a ausência de dor e aflições. Contrapunha-se ao estoicismo por não primar pelo virtuosismo e querer eliminar a dor, e não superá-la como os estoicos propõem. In: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/epicurismo.htm>.

<sup>136</sup> Cleantes de Asso, mais ligado a religião; Crisipo, lógica e sistematização atual da escola estoica; Panécio introduziu o estoicismo em Roma; Posidônio, união do clássico estoico ao pensamento de Platão e Aristóteles; Sêneca, político, filósofo, poeta e escritor de tragédias; Epicteto, ex-escravo que viveu entre os romanos durante os séculos 55-135 e.c; Marco Aurélio, imperador romano, dinastia dos Antoninos. In: <http://www.warj.med.br/pub/sem/estoicos.asp>.

<sup>137</sup> Idem, *ibidem*.

que “transforma” o corpo (passivo) que, por sua vez, faz parte daquele e, por fim, ambos interagem. Dessa premissa, vem uma afirmação: “o corpo do cosmo é controlado pelo espírito divino nacional”<sup>138</sup>.

Falemos de Sêneca. Nascido na Espanha, em Córdoba, era filho de Sêneca, o Velho, um grande retórico. Sua educação, com ênfase na filosofia, foi toda realizada em Roma. Não demorou muito até que fosse reconhecido como grande advogado e galgasse um cargo público e, desse modo, de membro do senado passou a ser questor<sup>139</sup>. Do mesmo modo que teve seu destaque, despertou inveja, como a de Calígula que queria exilá-lo, não o fazendo por motivos de saúde. Isso mostrou uma ironia, pois o próprio Calígula veio a falecer antes de Sêneca ser condenado ao suicídio por perseguição, dessa vez de Nero, de quem foi preceptor e depois principal conselheiro<sup>140</sup>.

Durante esse período, Sêneca não parou de produzir e foi aí o momento em que escreveu suas mais conhecidas obras, tais como: *As cartas morais*, também conhecida como *Cartas a Lucílio*<sup>141</sup>, *Sobre a brevidade da vida* e *Sobre a tranquilidade da alma*.

Esta última, de conteúdo riquíssimo, foi elaborada a partir de uma resposta de Sêneca a Sereno, um epicurista a quem o filósofo romano tentava convencer a se incorporar ao estoicismo. Sereno se revela confuso consigo próprio, pois ao mesmo tempo em que se contenta com a simplicidade da vida, sente inveja da abundância, da fartura e dos vícios. Então, de maneira brilhante, Sêneca discorre uma resposta na qual aborda, entre outros pontos, o ócio:

---

<sup>138</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>139</sup> “Antigo magistrado romano, encarregado das finanças”. Cf.: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

<sup>140</sup> SÊNECA. *Consolação a minha mãe Hélvia*. Trad: Guilio Davide Leoni. In: EPICURO *et al.* Os pensadores. São Paulo: Editor Victor Civita, 1973, pp. 193-204.

<sup>141</sup> Obra escrita no fim de sua vida, *Cartas a Lucílio* revela seu pensamento maduro, refletindo sobre as contradições da natureza humana. In:

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=160539>.

Tu não precisa mais lutar contra ti nem te censurar nem te atormentar. Estamos na etapa final: tem fé em ti mesmo e convence-te de que segues o bom caminho, sem te deixares desviar pelas inúmeras pegadas dos viajantes extraviados à direita ou à esquerda e dos quais alguns se desgarram nas proximidades da estrada<sup>142</sup>.

Essa ideia de ócio se faz presente também em *Consolação a minha mãe Hélvia*. Em ambas, o ócio aparece como um instrumento do sábio. Embora seja malquistado na atualidade, em virtude do valor que nossa sociedade atribui à produção, percebemos com uma leitura calma que o ócio, segundo a percepção senequena, pode ser visto como um caminho da virtude<sup>143</sup>.

Ser ocioso, para Sêneca, é dedicar-se aos estudos, ocupar a mente e abster-se, por vezes, de atividades físicas; é ainda, movimentar o pensamento, questionar e aprender sobre a vida. A alma humana, de acordo com o estoicismo, é ativa, e o corpo, passivo. Nada mais eloquente que se exigir um trabalho com ideias, no qual se proponha a questionar, a sanar os vícios, a procurar virtudes e a alçá-las<sup>144</sup>.

Muito interessante também é o posicionamento de Sêneca quanto a si próprio, pois em momento algum se reconhece como sábio, figura por ele enaltecida por entender que, embora provido das mais variadas riquezas, sabe viver com simplicidade e virtude. Vale ressaltar que Sêneca era um homem rico, possuidor de bens e vivia com conforto, mas ainda se dizia capaz de sacrificar seus bens se fosse necessário, pois era a virtude que lhe interessava. Os vícios esgotam a alma e o corpo. Quanto mais se tem, mas se deseja, ciclo que continua até que ambas as partes se excluam ou se aniquilem: “entregam-se a aflição de uma vida que não chega a ter expansão, e, enfim,

---

<sup>142</sup> Cf.: SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. Trad: Guilio Davide Leoni. In: EPICURO *et al.* Op., cit.

<sup>143</sup> Idem. *Ibidem*, p. 212.

<sup>144</sup> Idem. *Ibidem*, p. 217.

a esta indiferença de uma alma paralisada no meio da ruína de seus desejos”<sup>145</sup>.

Assim, tem-se a ideia de que o ócio para Sêneca é um ócio produtivo, no sentido de que deve ser usado para a realização de atividades benéficas à alma do indivíduo e à república. Concepção que se for levada para a atualidade, pode ser vista por muitos como uma “piada”. Consideramos a filosofia de Sêneca por si mesma simples, por sua mensagem clara e por seu ritmo envolvente, mas, ao tentar trazer para a contemporaneidade suas concepções, dialogando com alguns autores e com o próprio mundo em que vivemos, podemos perceber que não é tão simples assim.

Essas questões renderam algumas obras como *O ócio produtivo* e *A economia do ócio*, ambas de Domenico De Masi<sup>146</sup>. Na primeira obra, temos uma sensação de como esse ócio produtivo pode se encaixar nas nossas vidas, em um mundo onde cada vez mais se trabalha e menos se vive; onde as relações humanas são cada vez mais deterioradas, ao ponto de imaginarmos que num futuro não tão distante, elas podem vir a se aniquilar. O homem passa a não mais ter um tempo para si. Comparando com as condições de vida de algumas décadas atrás, percebemos que as gerações anteriores a nossa, tinham seu horário de trabalho regulamentado, e quando as pessoas chegavam em casa podiam jantar com a família reunida e dormir suas oito horas diárias. Com o avanço tecnológico fomos envolvidos em um clima de sofrimento, advindo com a exigência, cada vez maior, do mercado de trabalho, a nossa geração e as futuras sofrem cada vez mais com uma doença da modernidade: o *stress*. Vivemos uma sociedade em que a otimização do tempo para a produção estabelece o tom e o ritmo de vida.

---

<sup>145</sup> SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. Op., cit., p. 217.

<sup>146</sup> Sociólogo italiano e professor universitário desde 1961; presidiu tanto a Facoltà di Scienze della Comunicazione da Universidade La Sapienza de Roma, quanto a Associação Italiana Formadora e di Instituto Nacional de Arquitetura e fundou a S3-Studium. In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Domenico\\_De\\_Masi](http://pt.wikipedia.org/wiki/Domenico_De_Masi).

Dormimos menos, trabalhamos mais. Conseqüentemente nos desgastamos mais. Com esta obra de De Masi, vemos o quanto é importante ter um tempo livre para atividades que tragam prazer. Ao falar do trabalho, ele comenta sobre os pontos positivos de uma empresa permitir que seu funcionário trabalhe em casa. Quanto à educação, coloca que as escolas devem sair do método de formar um trabalhador num modelo industrial, sugerindo que deveriam enquadrar a educação para o que chama de modelo espacial e virtual. Seguindo essa ordem, somente dedicando nosso tempo livre, que muitas vezes se confunde com o tempo de trabalho formal, a atividades que nos dêem prazer, é que conseguiremos ser felizes. Ideia que aparece de forma próxima em Sêneca, embora dita de outra forma e a partir de outros objetivos. Vemos assim, a importância de fazer atividades prazerosas, como seguir a nossa “vocaçãõ”<sup>147</sup>.

Podemos perceber mais claramente essas ideias nas próprias palavras de De Masi, ditas numa entrevista:

*Pergunta:* Na Widebiz, na Nova-e e na wwwWriters, empresas virtuais, o teletrabalho faz parte dos seus cotidianos, onde se mistura prazer, estudo e trabalho, mas também se sente culpa pela liberdade, o que nos leva a trabalhar mais e, às vezes, não sabemos se estamos trabalhando por culpa ou diversão. O aprendizado do ócio criativo passa por esta etapa em que não percebemos que estamos transformando o paraíso num inferno?

*Domenico De Masi:* O ócio criativo é uma arte que se aprende e se aperfeiçoa com o tempo e com o exercício. Existe uma alienação por excesso de trabalho pós-industrial e de ócio criativo, assim como existia uma alienação por excesso de exploração pelo trabalho industrial. É necessário aprender que o trabalho não é tudo na vida e que existem outros grandes valores: o estudo para produzir saber; a diversão para produzir alegria; o sexo para produzir prazer; a família para produzir solidariedade, etc.

(...)

---

<sup>147</sup> Cf.: <http://lauproprado.tripod.com/ezine/ed41.html>.

*Pergunta:* O senhor disse que gostaria de alimentar seus dias de ócio criativo no Brasil. Como isto seria possível num país que, apesar de sua dança, oralidade, alegria e sensualidade, é extremamente injusto socialmente?

*Domenico De Masi:* Diz Oscar Niemeyer, isto é, o maior arquiteto vivo: "O que conta não é a arquitetura mas os amigos, a vida e este mundo injusto que devemos modificar". E diz também: "Se eu fosse um homem rico, me envergonharia". Se eu vivesse no Brasil, procuraria imitar Oscar Niemeyer.

*Pergunta:* A natureza das empresas hoje é bem diferente daquilo que o senhor imagina como sendo ideal. O senhor acredita que mudanças drásticas precisariam ser feitas em todo o sistema produtivo para poder abraçar uma nova forma de trabalho?

*Domenico De Masi:* Não. Podem começar também em empresas individuais. Quando uma empresa inaugura um modelo organizacional baseado em minhas ideias, ganha muito mais e os seus trabalhadores são muito mais felizes<sup>148</sup>.

Em relação à obra *A economia do ócio*, vemos o mesmo embaçamento, pois nela De Masi tenta explicar como, somente depois da Grécia antiga, vemos que "são o tempo livre e a capacidade de valorizá-lo que determinam o nosso destino não só cultural como também econômico"<sup>149</sup>.

É justamente localizando esse diálogo entre passado e presente, que De Masi já realiza, ao buscar na Antiguidade respostas para explicar o que vive, que tentamos expor nossa linha de pensamento. Atentemos para algumas palavras de Sêneca, ao apontar o ócio como ensinamento para o desprendimento das paixões:

Tudo isto se agrava quando, superada uma tão odiosa angústia, nos refugiamos no ócio e nos estudos solitários, nos quais não se saberá resignar uma alma apaixonada da vida pública, e paciente de atividade, dota-

---

<sup>148</sup> Cf.: <http://www.mariopersona.com.br/domenico.html>.

<sup>149</sup>Cf.:[http://www.esextante.com.br/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/principal/printerview.htm?editionsectionid=11&infoid=150&user=reader&search\\_by\\_field=tax](http://www.esextante.com.br/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/principal/printerview.htm?editionsectionid=11&infoid=150&user=reader&search_by_field=tax).

da de uma necessidade natural de movimento e que não encontra em si mesma quase nenhum consolo<sup>150</sup>.

Diz mais, se referindo à virtude:

(...) sua benfeitoria influência se exerce mesmo a distância e sem que ela seja visível. Que ela dê expansão e seja livre em seus impulsos, ou que ela tenha dificuldade em se desfraldar e seja reduzida a recolher suas velas; que ela seja ociosa, muda, estreitamente aprisionada, ou que se abra com facilidade, em todas as situações possíveis ela é útil<sup>151</sup>.

E é fazendo menção a Sêneca, um filósofo que não se considerava sábio, que abandonou a vida pública e dedicou o resto de sua vida aos estudos, pois via os mesmos como uma fonte de crescimento intelectual e portador de uma sabedoria capaz de proporcionar os melhores prazeres dentro de uma vida ociosa, que procuramos enfatizar o quanto seus dizeres nos foram fundamentais, não apenas para a realização dessa pesquisa, mas, antes de tudo, pelos ensinamentos que levaremos para toda vida. Pois, Sêneca diz: “o trabalho espanta os vícios que derivam do ócio” e “o ócio sem estudos é como a morte e a sepultura do homem vivo”<sup>152</sup>.

---

<sup>150</sup> SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. Op., cit., p. 210.

<sup>151</sup> Idem, *ibidem*, p. 212.

<sup>152</sup> Idem, *ibidem*, p. 213.

## BIBLIOGRAFIA

- FARIAS, Ernesto. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: FAE, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*, trad.: Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- <http://lauoprado.tripod.com/ezine/ed41.html>
- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Domenico\\_De\\_Masi](http://pt.wikipedia.org/wiki/Domenico_De_Masi)
- [http://www.esextante.com.br/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/principal/printerview.htm?editionsectionid=11&infoid=150&user=reader&search\\_by\\_field=tax](http://www.esextante.com.br/publique/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/principal/printerview.htm?editionsectionid=11&infoid=150&user=reader&search_by_field=tax)
- <http://www.mariopersona.com.br/domenico.html>
- <http://www.mariopersona.com.br/domenico.html>
- <http://www.mundodosfilosofos.com.br/epicurismo.htm>
- <http://www.mundodosfilosofos.com.br/estoicismo.htm>
- <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=160539>
- <http://www.warj.med.br/pub/sem/estoicos.asp>
- LIMA, Marinalva Vilar de & ARAÚJO, Orlando Luiz. *Ensaios em estudos clássicos*. Campina Grande: Ed. UFCG, 2006.

## FONTES

- SÊNECA. *Consolação a minha mãe Hélvia*. Trad: Guilio Davide Leoni. In: EPICURO *et al.* Os pensadores. São Paulo: Editor Victor Civita, 1973.
- SÊNECA. *Da tranquilidade da alma*. Trad: Guilio Davide Leoni. In: EPICURO *et al.* Os pensadores. São Paulo: Editor Victor Civita, 1973.
- SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*. Trad.: Lúcia Sá Rebello *et al.* Porto Alegre

# PARTE III

---

## 7 POLÍBIO E A HISTÓRIA PRAGMÁTICA: UMA ANÁLISE SOBRE A RELIGIÃO, OS RITUAIS E OS COSTUMES ROMANOS

Muriel Oliveira Diniz

Para que seja possível desenvolvermos o tema que aqui apresentamos, precisamos, de início, fazer algumas considerações acerca da vida, da obra, da concepção de história, do objeto de estudo e da demarcação temporal da análise realizada por Políbio, historiador grego com quem dialogamos neste ensaio. Diante dessa premissa, tentaremos elencar uma sequência lógica para que essa compreensão seja alcançada.

Políbio foi um historiador e também um geógrafo grego que se tornou famoso por sua obra *Histórias* que cobre a história do mundo Mediterrâneo no período de 220 a.C. a 146 a.C. Nascido na cidade de Megalópolis, no Peloponeso, região da Grécia, entre os anos de 203 a.C. e 201 a.C., fazia parte da nobreza da sua cidade natal. Ingressou na atividade política, devotando-se à defesa da independência da Liga Aquéia. Chegou a ser eleito hiparco (comandante de cavalaria) do exército federal da Liga, e encaminhava-se para uma brilhante carreira política, que foi subitamente interrompida.

Aquando da Terceira Guerra da Macedónia (171 a.C.-168 a.C.), que opôs Roma a Perseu da Macedónia, Políbio liderou a defesa da neutralidade da Aquéia (Peloponeso). Contudo, não conseguiu conquistar a confiança romana, o que derrotou as intenções de neutralidade da Liga. Em consequência, os romanos decidiram levar mil nobres da Aquéia como reféns para Roma em 167 a.C., forçando-os a permanecer no exílio durante 17 anos. Entre estes reféns encontrava-se Políbio.

Como era costume em Roma, um nobre quando tomado como escravo ou refém, continua exercendo sua "função" social de origem. Nesse sentido, Políbio, como nobre que era, frequentou as

altas esferas romanas, tornando-se íntimo da aristocracia senatorial e guerreira do império que, então, se formava. Além disso, nesse período em que foi levado a Roma, presencia o apogeu do aparato político-institucional desta sociedade, visto tratar-se da época em que a República era o regime em vigor.

Nos primeiros tempos da república, só os membros das famílias mais poderosas habilitavam-se a participar do governo da cidade. Seu poder era exercido pelo Senado, uma assembleia integrada pelos chefes das principais famílias, que exerciam o cargo a título vitalício. As tensões entre patrícios e plebeus fizeram com que estes últimos recorressem, por duas vezes, a movimentos de secessão, mediante sua retirada para fora dos muros de Roma e a recusa em cumprir obrigações militares. Obrigado a aceitar suas condições, o Senado acabou por autorizar a criação de assembleias para a Plebe. Por volta de 450 a.C., o direito consuetudinário romano foi codificado pelos Decênviros (magistrados especialmente designados para essa missão) e promulgada a Lei das Doze Tábuas, embrião do vasto corpo jurídico que Roma legou ao mundo e que haveria de se constituir na base dos sistemas jurídicos modernos.

A Roma monárquica havia integrado uma federação de cidades latinas. Quando caíram os reis etruscos, as populações vizinhas deram início a um movimento para exigir maior autonomia, o que obrigou Roma a intensificar suas ações militares até reconstruir a antiga Liga Latina, dessa vez sob seu domínio. Ao longo do séc.V Roma dominou diversos povos.

O expansionismo de Roma, já convertida em grande potência, volta-se para as ricas cidades gregas do sul da península. A poderosa Tarento caiu em suas mãos em 271 a.C. e, logo, toda a península itálica tornou-se romana. Roma submetia as cidades dominadas a regimes jurídicos diversos. Basicamente, respeitou as instituições governamentais de cada uma delas e executou uma hábil política, concedendo, em alguns casos, a cidadania romana a seus habitantes, embora sem direitos políticos na "metrópole". O resultado foi a conquista de um vasto território, em que Roma imprimiu uma ordem jurídica em caráter uniformizado, investindo para a

garantia de seu funcionamento para seu próprio bem. Isso permitiu o incremento das relações comerciais e a manutenção de um poderoso exército. Logo foram construídas as primeiras grandes vias de comunicação terrestre e estabelecido o domínio marítimo da costa da península. Cidadãos romanos estabeleceram colônias, primeiro no Lácio e, em seguida, no resto da península itálica, o que contribuiu para a integração do território. Em meados do século III, Roma, senhora da península itálica, empreendeu a expansão que a tornaria dona do Mediterrâneo. Para isso, era inevitável o confronto com um poderoso inimigo: Cartago. A Terceira Guerra Púnica (149 a 146 a.C.), nome advindo da forma como os romanos chamavam os cartagineses – púnicos – terminou com a destruição definitiva de Cartago e com a incorporação a Roma dos restos de seu império.

Ao mesmo tempo em que estabelecia seu domínio sobre o Mediterrâneo ocidental, Roma empreendia a expansão pela zona oriental. A intervenção na Macedônia e na Grécia teve início na época da segunda guerra púnica, mas a Macedônia só se tornou província romana em 148 a.C. Dois anos mais tarde, a destruição de Corinto punha fim às aspirações de independência dos gregos.

Depois que Roma se tornou centro de um grande território, os habitantes da cidade, que nos primeiros tempos da república constituíam um povo sóbrio, guerreiro e trabalhador, começaram a desfrutar das imensas riquezas acumuladas. Desapareceu o serviço militar como direito e dever do cidadão. As legiões começaram então a ser formadas por mercenários procedentes de toda a Itália e, mais tarde, de todas as regiões dominadas, o que provocou uma grande mistura de etnias e costumes.

A Grécia foi saqueada e seus tesouros artísticos enviados a Roma. A aristocracia, começando por algumas famílias, como a dos Cipiões, se apropriou da cultura helênica, que foi protegida e imitada. Os prisioneiros de guerra constituíram um imenso exército de escravos, cujo trabalho barato nas grandes propriedades e nas manufaturas arruinou os camponeses e os artesãos livres da península itálica. O sistema econômico, muito monetarizado, permitiu notá-

vel acúmulo de capital. Os grandes comerciantes e banqueiros romanos pertenciam em geral à classe dos cavaleiros (equites), intermediária entre as grandes famílias que dividiam as cadeiras do Senado e as classes baixas. O povo romano foi, paulatinamente, assumindo um cotidiano de ociosidade, vivendo miseravelmente das subvenções e distribuições de alimentos, frequentava as termas e era entretido com jogos públicos. A própria Roma tornou-se uma grande cidade parasita, que importava grande quantidade de mercadorias de luxo e especiarias orientais: trigo da Sicília e do norte da África, azeite da Espanha e escravos de todo o imenso território colonial. O velho sistema político republicano, edificado por e para uma cidadania identificada com sua cidade, era cada vez menos capaz de funcionar numa sociedade enriquecida que perdera seus ideais. Teve início assim um longo período de instabilidade interna, que só cessou quando a velha república romana se transformou em império<sup>153</sup>.

No entanto, o declínio de Roma não recebe a atenção de Políbio, pois seu interesse foi canalizado para a narrativa do período em que essa vivia a hegemonia do regime republicano (220-168 a.C.). Seu objetivo era explicar o fato que então lhe apresentava, ao chegar a Roma na condição de refém: como e por que em menos de cinquenta e três anos o povo romano estendeu a sua dominação à quase totalidade da terra habitada; logo, a todo o Mediterrâneo<sup>154</sup>. Tendo em vista o esplendor do império, Políbio visava a conhecer os motivos que lhe proporcionaram a conquista do mundo. Isso era o seu objeto de estudo principal, ou seja, saber quais as causas que fizeram com que Roma se tornasse o império soberano que então era.

Com isso, tendo explicitado o contexto em que a análise de Políbio foi desenvolvida, cabe nesse momento ressaltar o principal elemento que o historiador grego utiliza para alcançar os objetivos

---

<sup>153</sup> Tomamos como base o *site* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADbio> para tratarmos de Políbio e seu contexto.

<sup>154</sup> POLÍBIOS. *História*. Trad.: Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1996, livro I, cap. I, p.41.

de sua escrita da história: o pragmatismo<sup>155</sup>. A história pragmática polibiana, estrutura-se, conforme François Dosse, em torno de três objetivos: “*explicar, expondo as causas e efeitos dos acontecimentos; julgar, considerando a justiça e a oportunidade das decisões e dos altos homens; advertir, mesclando o relato histórico com preceitos*”<sup>156</sup>.

Este último refere-se a uma advertência, não no sentido de fazer com que a história ajude os homens a evitar os erros dos seus antecessores e a ultrapassarem-nos com êxito total. Políbio adverte seus leitores, na verdade, ao apresentar ensinamentos, encontrados nos “*fatos verdadeiros*” narrados, de como suportar os erros corajosamente.

Procurando obter rigor na descrição histórica, entrevistou veteranos das guerras que descreveu, a fim de obter informações presenciais dos eventos mais recentes. Através da sua influência política em Roma, teve acesso privilegiado aos arquivos públicos, o que contribuiu para que pudesse examinar cuidadosamente as fontes documentais existentes.

Colocando-se de acordo com a tradição grega de valorizar o testemunho contemporâneo e a História recente, Políbio narra preferencialmente os acontecimentos da sua própria geração e da imediatamente a ela anterior. É um dos primeiros historiadores a encarar a História como uma sequência de causas e efeitos. A sua obra baseia-se numa cuidadosa análise crítica das fontes existentes e da tradição, descrevendo com vivacidade os acontecimentos e as motivações e valores subjacentes. Ele tinha como objetivo uma visão global dos acontecimentos e não uma simples cronologia de factos.

Da obra de Políbio, conhecemos apenas uma parte, pois dos seus quarenta capítulos, somente cinco chegaram completos até a atualidade e o restante se constitui de capítulos fragmentados. Ela é considerada objetiva e fundada numa sólida análise das fontes, o que coloca Políbio em pé de igualdade com Tucídides em termos de “*cientificidade*” na análise histórica. Considerado pela crítica

---

<sup>155</sup> Doutrina filosófica que se baseia na verdade do valor prático.

<sup>156</sup> DOSSE, François. *A imputação causal*. In: *A história*. Bauru-SP: EDUSC, 2003, pp. 48-49.

como tendo um estilo prolixo, pode ter repousado nisso o prejuízo na preservação de sua obra. As suas descrições dos acontecimentos nem sempre é neutra, sendo claro o seu esforço no sentido de justificar as suas ações e as dos que lhe estavam mais próximos, por vezes em detrimento de outros. Sua hostilidade em relação aos inimigos gregos da Liga Aquéia, como a Liga Etólia e o tirano “populista” de Esparta, Nábis, é notória. Por outro lado, a obra foi escrita com o objetivo de explicar aos gregos as razões da ascensão de Roma, pois Políbio procura convencê-los da inevitabilidade da aceitação do domínio romano, chegando a apresentar, em algumas passagens, um excessivo tom apologético.

Mas, o que para Políbio foi a causa da ascensão romana? A resposta? suas instituições políticas e religiosas, associadas ao respeito à tradição.

Vale ressaltar, antes de partir diretamente para a análise da forma como Políbio constrói sua compreensão das instituições romanas, alguns aspectos que consideramos relevantes para se compreender o pensamento polibiano, quais sejam: as noções de *virtude* e *fortuna* e o rigor universal das *leis da natureza* ou das *leis naturais da sociedade*.

Em se tratando da *virtude*, Políbio impressionado com o êxito romano, considera que Roma somente chegou a tal lugar de prestígio sócio-político por ser um império dotado de qualidades que, para o historiador, estavam presentes em suas instituições.

As virtudes podem ser designadas como públicas ou privadas. Estas eram as qualidades de vida a que todos os cidadãos e, idealmente, todos os outros também, deveriam aspirar. Elas são o coração da vida romana, a maneira de ser romana, e, conforme acredita-se, foram elas que deram à República romana a força moral necessária para conquistar e civilizar o mundo. A título de ilustração, temos, a *dignitas* (dignidade): um senso de autoestima, orgulho próprio; a *honestas*: (respeito): a imagem que se apresenta como um membro respeitável de uma sociedade; *pietas* (submissão): mais que a piedade religiosa, era um respeito pela ordem natural social, política e religiosa, incluindo as ideias de patriotismo e devoção,

dentre outras. Já as virtudes públicas deveriam ser compartilhadas por toda a sociedade, como por exemplos a *aequitas* (igualdade): justiça e igualdade tanto dentro do governo como entre as pessoas; a *concordia* (concordia): harmonia entre o povo romano e também entre Roma e as outras nações; a *ops* (riqueza): reconhecimento da prosperidade do mundo romano; a *libertas* (liberdade): uma virtude aspirada por todas as culturas.

Referente à ideia de *fortuna*, Políbio afirma ser esta a responsável pela dominação do curso dos acontecimentos históricos, visto que os sentimentos subjetivos dos protagonistas e os fatos objetivos são por ela determinados. Fazendo uma relação com a deusa romana da sorte (boa ou má) e da esperança, a Fortuna, os cidadãos sentiam-se afortunados espiritualmente, fato este que guiava o curso dos acontecimentos do povo.

No que concerne às *leis da natureza* ou *leis naturais da sociedade*, o historiador faz uma ressalva de que tudo segue seu rigor universal, no sentido de que tudo a ela obedece. Em virtude da ação dessa lei, os impérios, as instituições, as constituições políticas estão fadadas a três fases: crescimento, apogeu e decadência. Assim, tudo estava predestinado a ser superado, pois, para Políbio, até mesmo Roma iria passar pelo estágio de declínio.

Nesse sentido, fazendo uma ponte com o aspecto anterior, Políbio "*acreditava que o movimento da história estava submetido à fatalidade de um processo cíclico*"<sup>157</sup>. Essa noção se aproxima das narrativas de Homero e Heródoto, já que esses apresentam elementos ligados à ideia do eterno retorno.

Nessa perspectiva, o historiador formula a teoria dos "ciclos constitucionais" e, utilizando-se do esquema aristotélico da distinção dos três regimes primários e suas formas secundárias – a realza que se degrada em tirania, a aristocracia em oligarquia e a de-

---

<sup>157</sup> DUJOVNE, León. *El pensamiento histórico en la antigüedad grecorromana*. In: La filosofía de la historia en la Antigüedad y en la Edad Media. Buenos Aires – Argentina: Galatea – Nueva Visión, 1958, p. 14.

mocracia em oclocracia<sup>158</sup> – ele constata a transitoriedade dessas constituições, seus iminentes ciclos.

Sabendo disso, Políbio defende a ideia de que a hegemonia romana se deu por ter adotado uma constituição de caráter misto, a chamada tripoliteia, doutrina que Dicearco de Messina aplicara em Esparta. Ela consiste em combinar a monarquia, a aristocracia e a democracia numa mesma forma de governo. Desse modo, o poder dos cônsules estaria ligado à monarquia; o do senado à aristocracia; por fim, o poder do povo, se associaria à democracia.

Assim, o processo legislativo ordinário era de iniciativa dos cônsules, que redigiam o projeto. Este passava em seguida ao exame do Senado, que o aprovava com ou sem emendas, para ser finalmente submetido à votação do povo, reunido nos comícios<sup>159</sup>. Nem os cônsules tampouco os tribunos, segundo Políbio, exerciam isoladamente as suas funções, pois eram sempre nomeadas duas pessoas para o mesmo cargo. Se um desses altos funcionários não concordasse com um ato praticado pelo outro, podia vetá-lo. O mesmo poder de veto foi atribuído aos tribunos da plebe em relação às decisões tomadas pelos cônsules. Em suma, Políbio sustenta que a degeneração de cada uma dessas partes que governava Roma, seria contrabalançada pela presença do outro.

Além de justificar o sucesso, tanto das conquistas, quanto do poder político romano a partir de sua constituição, Políbio defende que uma sociedade para possuir autoridade e conseguir sobrepujar as demais, deveria estar arraigada nos costumes e tradições. Nesse sentido, esses dois fundamentos também determinavam se um povo iria ser dominador ou dominado. Conforme as palavras do próprio Políbio:

Assim, quando observamos que os costumes e as leis de um povo são bons não hesitamos em afirmar que os cidadãos e seu governo são igualmente bons, e quando

---

<sup>158</sup> Sobre este aspecto ver: POLÍBIOS. Op., cit., livro VI, cap. 9.

<sup>159</sup> Sobre as instituições romanas ver GRIMAL, Pierre. *Da república ao império*. In: A civilização romana. Trad.: Isabel St. Aubyn Lisboa: Edições 70, 1993.

notamos que os homens são gananciosos em sua vida privada e injustos na vida pública, estamos manifestamente capacitados a dizer que suas leis, seus costumes em particular e seu governo como um todo são maus<sup>160</sup>.

A religião era, aos olhos de Políbio, uma das razões da superioridade da república romana e de sua estabilidade, visto que o uso das superstições, aspecto por ele designado como um defeito reprovável por não admitir a intervenção dos deuses na história, era utilizada para conter a massa popular. Para Políbio, "*por temores invisíveis e por criações semelhantes a imaginação*"<sup>161</sup>, era que os estadistas romanos legitimavam o sistema como um todo. A religião, segundo ele, não era o aspecto decisivo, ou sequer suficiente, mas tinha uma grande relevância para a manutenção do império romano em face de sua eficácia, fundada no temor. Com isso, a religião é vista por Políbio como o "*sustentáculo da coesão de Roma*"<sup>162</sup>, tendo por função assegurar à multidão romana, sempre inconstante e cheia de desejos contrários à lei, de paixões desenfreadas e de impulsos violentos, certa estabilidade social.

Os rituais e costumes da tradição romana eram também de suma importância para o engrandecimento da sociedade. A homenagem prestada ao corpo de um homem ilustre, seja pela fatalidade da guerra ou pelo prestígio moral, é um bom exemplo para mostrar como os rituais e costumes incentivavam o sentimento de superioridade e estimulavam o jovem aspirante à fama e à excelência a lutar pela sua pátria ou seguir as leis morais e políticas romanas.

A virtude e a honestidade, como já abordamos, também eram fatores essenciais na sociedade; fatores que eram fomentados pelos estadistas, segundo Políbio, para que os cidadãos agissem em prol de Roma a partir dos mesmos. Daí porque sua transgressão era abominada e podia se tornar um caso de morte. Daí também por-

---

<sup>160</sup> POLÍBIOS. Op., cit., livro VI, cap. 56, p. 347.

<sup>161</sup> Idem, ibidem.

<sup>162</sup> Idem, ibidem, p. 346.

que se observa o encorajamento “(...) e emulação para a prática de feitos nobilitantes insufladas nos jovens romanos por suas constituições”<sup>163</sup>.

Outro fator que permite que conheçamos mais os costumes romanos é a concomitância da conquista de cidades inteiras - pilhagem em alguns casos - e a concessão a um e outro indivíduo de certos privilégios. Políbio foi um desses privilegiados, que apesar de ser um refém romano, pôde continuar como o aristocrata que era. Esse costume mostra a estratégia de Roma para com os estrangeiros fixados em seu território, para que se sentissem cidadãos romanos sem, no entanto, exercer a política na cidade e sem contra ela tramar. Com isso, a relação do historiador com Roma ajuda na compreensão das demais relações estabelecidas entre esta e os povos conquistados.

Deste modo, a partir dessas observações, constatamos que apesar do historiador grego ter sido subjugado a Roma ao se tornar dessa refém, torna-se grande admirador do império romano e ardente defensor de seus valores. Além do mais, Políbio foi um notável historiador, no sentido de que fez um trabalho exemplar, inédito, que deu bases para um novo olhar historiográfico/crítico. Ele buscou não somente narrar os fatos, mas também conhecer as causas dos acontecimentos. Sua contribuição para o gênero da história é tão perceptível, que sua concepção de história influenciou escritores posteriores, a exemplo de Cícero, Tito Lívio, Montesquieu, dentre outros. Por fim, sua obra possibilita que acessemos experiências vividas por ele e pelos povos do mediterrâneo à época romana.

---

<sup>163</sup> POLÍBIOS. Op., cit., livro VI, cap. 56, p. 346.

## BIBLIOGRAFIA

- COLLINGWOOD, R. G. *Políbio*. In: A Ideia de História. Trad.: Alberto Frene. Lisboa: Editora Presença, s/d. p. 60- 63.
- DOSSE, François. *A imputação causal*. In: A História. Bauru-SP. EDUSC, 2003.
- DUJOVNE, León. *El pensamiento histórico en la antigüedad grecorromana*. In: La filosofía de la historia en la Antigüedad y en la Edad Media. Buenos Aires – Argentina: Galatea – Nueva Visión, 1958.
- LIMA, Luís Filipe Silvério. *Superstições e religiosidade na res publica: espaços de poder?* In: Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, dezembro de 2002. Disponível em:  
<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num3/artigos/art2.htm>. Acesso em 01 de abril de 2007.
- LEITE, Maria Eleuda de Lima *A Constituição como base da república romana: um estudo a partir da visão de Políbios e Cícero*. Crato-CE: 2004 (monografia de especialização).
- WIKIPÉDIA. *Políbio*. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em 22 dezembro 2006.

## FONTES

- POLÍBIOS. *História*. Trad.: Mário Gama Cury. Brasília: UnB. 1989.

## 8 DA GUERRA CIVIL À “PAX ROMANA”: UMA ANÁLISE DA GENS JÚLIO-CLÁUDIA

Andrey Willy Carvalho

Chegamos, enfim, a este grande império, que absorveu todos os impérios do universo, do qual saíram os maiores reinos por nós habitados, cujas leis ainda hoje respeitamos e que devemos, por conseguinte, conhecer melhor do que todos os outros impérios. Compreendeis bem, Monseigneur, que me refiro ao Império Romano<sup>164</sup>.

Do calendário, dos algarismos, das leis do direito à Igreja Católica Apostólica, dentre outros elementos, Roma, em sua magnitude histórica, deu forma a muito do que conhecemos e utilizamos hoje. Sua história é marcada por altos e baixos, por guerras internas e períodos de tréguas, por fundações e ordens e, sobretudo, por um exemplo de crescimento e soberania jamais visto. Uma sorte que fez com que este Estado se tornasse um dos mais ricos e onipotentes do mundo.

A história das guerras em Roma é bastante vasta. Como exemplo disto, temos o assunto que selecionamos para estudar neste artigo: a guerra civil, iniciada no período dos confrontos entre Sila<sup>165</sup> e Júlio César<sup>166</sup>, culminando com a ascensão de Augusto<sup>167</sup>

---

<sup>164</sup> BOSSUET. *Discurso sobre a história universal*. Apud AYMARD, André; AUBOYER, Jeanine. Roma e seu império: as civilizações da unidade romana (tomo II). In. *História Geral das Civilizações*. Trad. Pedro Moacyr Campos. São Paulo - Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

<sup>165</sup> Militar e político romano. Iniciou amplo programa de reformas para preservar os princípios tradicionais da república. Cf.: ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>166</sup> Militar e estadista romano. Personalidade célebre do império. Seu nome, símbolo de poder e prestígio, tornou-se título honorífico dos sucessores. Cf.: Idem, *ibidem*.

<sup>167</sup> Primeiro imperador romano. Concentrou todo o poder em suas mãos sem revogar as leis republicanas. Cf.: Idem, *ibidem*.

ao poder, príncipe que estabeleceu seu império, proporcionando um período de “Paz” que durou até fins do séc. II da era cristã.

César, filho de Caio Júlio César e sobrinho de Caio Mário<sup>168</sup>, era descendente de uma antiga família patrícia, a *gens* Júlia; defendia o partido popular, do qual fazia parte, que se opunha ao partido aristocrático. Por isso, desde muito jovem, foi caçado pelo ditador Sila, que manifestou um desejo absoluto por destruí-lo. Tentou primeiro humilhá-lo fazendo com que repudiasse sua esposa, Cornélia, filha de Cina<sup>169</sup>. Além disso, armou para que não tomasse posse do cargo *flamen Dialis*<sup>170</sup>, até que se resolveu por mandar matá-lo. Suetônio<sup>171</sup> narra que César era obrigado a mudar de esconderijo a cada noite, só não sendo capturado porque corrompia com dinheiro seus perseguidores e porque contava com a ajuda das Vestais<sup>172</sup>. Dessa forma, Sila ficou sem possibilidades de contar com muitos aliados, pois, vários dos que estavam em seu convívio direto, já não eram a favor da ideia de eliminar César. Em sua ira, disse a eles “*que se considerassem vencedores e ficassem com ele, mas uma coisa deviam saber: a pessoa que com tanta insistência desejavam poupar, um dia seria a ruína do partido aristocrático (optimatum partibus) que juntos*

---

<sup>168</sup> Militar e político latino. Sete vezes cônsul, responsável pela reforma da estrutura militar do exército romano. Cf.: Idem, *ibidem*.

<sup>169</sup> Líder do partido popular, também perseguido por Sila, foi derrotado. Cf.: Idem, *ibidem*.

<sup>170</sup> Cargo destinado a César por Cina e Caio Mário. Cf.: Idem, *ibidem*.

<sup>171</sup> Historiador romano. Sua obra contribuiu decisivamente para a construção da imagem de corrupção e decadência da Roma imperial. Cf.: ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>172</sup> Eram sacerdotisas de Vesta, deusa a quem, na mitologia romana antiga, eram oferecidos cultos para que ela mantivesse aceso constantemente o fogo já que este era muito difícil de ser feito na Antiguidade. Nos lares romanos, era comum a figura da deusa por trás de tochas que eram sempre mantidas acesas. As Vestais deviam ser filhas de pais livres e respeitáveis, também deveriam ser virgens e não ter defeito físico nem mental. Além de zelar pelo fogo, elas deveriam preparar os alimentos sagrados e cuidar da limpeza e dos objetos do santuário. Cf.: ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

*tinham defendido, pois em César se encontravam muitos Mários*"<sup>173</sup>. Contudo, e César sabia disso, havia ainda alguns fiéis a Sila que poderiam cumprir sua ordem; assim, ele resolveu ir embora de Roma por um tempo. Com a ajuda de Marcos Minúcio Termo, foi para a Ásia em 81 a.C. onde se aliou a Nicomedes, rei da Bitínia, e juntos conquistaram a Gália.

Três anos depois, em 78 a.C., Sila morreu e César decidiu voltar para Roma. Experiente, "calejado" e maduro politicamente, analisou as propostas feitas por Marcos Emílio Lépido, eleito cônsul nesse ano e contrário ao sistema ditado por Sila, e as recusou porque conhecia o caráter dúbio do cônsul. Alguns anos mais tarde, a partir do apoio que deferiu ao partido popular, César passou a "*atacar os senadores que se haviam alinhado com Sila*"<sup>174</sup>, postura que levou o Senado e Pompeu a se voltarem contra ele. César, então, partiu em viagem mais uma vez e foi para Rodes, onde estudou oratória com o sábio Apolônio Molon.

Em 72 a.C., conseguiu seu primeiro sucesso eleitoral, sendo escolhido para o tribunato militar do ano seguinte. Em 69, foi eleito questor; em 62, foi pretor e, em 59, ascendeu ao consulado. Quando Pompeu foi nomeado cônsul, em 52, a oligarquia o estimulou a atacar César; o Senado, de forma semelhante, tentou reduzir o seu poder. César novamente mudou-se, dessa vez para a Gália Cisalpina, território romano administrado pelo Senado, em meados do inverno de 50-49 a.C. À frente de legiões, rompeu com o governo legal<sup>175</sup> e avançou para o Sul, cruzando o rio Rubicão. *Alea jacta est* (a sorte está lançada)<sup>176</sup>; com essa frase, dita pelo próprio César, estava iniciada a Guerra Civil.

Caracteres pessoais foram postos em plano neste cenário, com César e Pompeu, de início, e, depois, com Antônio e Otaviano.

---

<sup>173</sup> SUETÔNIO. Apud. CANFORA, Luciano. *Júlio César: o ditador democrático*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p 32.

<sup>174</sup> Cf.: ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>175</sup> AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. Op., cit., p. 9.

<sup>176</sup> Cf.: ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Roma passou a ter tantas províncias aderidas que, para mantê-las, suas forças se tornaram pequenas e insuficientes. Seu regime expansionista estava se tornando insuportável e, contudo, não queria interromper o processo de dominação de suas terras conquistadas. Tudo isso demandava rigorosa disposição de força militar para reprimir os povos dominados, diminuindo as possibilidades de uma revolta que era sempre iminente, embora, para certa tranquilidade de Roma, não havia em suas fronteiras forças suficientemente capazes de tirarem proveito de sua debilidade.

Por outro lado, o perigo de uma conjuração militar era também ativo, uma vez que atizava as guerras intestinas<sup>177</sup>. Assim, os exércitos compostos por soldados profissionais, acabavam sendo levados pelos objetivos convenientes de seus comandantes, o que terminava generalizando a anarquia. Dessa forma, presa em sua inflexível concepção, a ordem governamental romana foi responsável por causar o seu declínio próprio. Manter reunidos os povos e os territórios tornava-se uma má ideia, uma decisão inapropriada e que, portanto, traria poder para alguns e ruína para Roma.

As perdas humanas e materiais foram catastróficas, principalmente depois da morte de César, emboscado por alguns participantes do partido dos *optimus*, entre eles, Marco Júnio Bruto<sup>178</sup>; todos eles se aproveitaram da decisão incoerente de César de dispensar sua guarda pessoal<sup>179</sup>. Isto fez com que os efeitos das guerras civis se alastrassem para o resto do mundo romano: a Itália, a Sicília e o Oriente.

A violência destruidora assumiu aí todas as formas: as proscricções sistemáticas, com confiscos dos bens e pagamento de uma recompensa a quem entregasse a cabeça de um proscrito; as brutalidades dos soldados; a pilhagem de cidades tomadas de assalto; a chacina ou a venda de seus habitantes como escravos; a desordem

---

<sup>177</sup> AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. Op., cit., p. 14.

<sup>178</sup> Político Romano. Participou da conspiração que culminou no assassinato de Júlio César. Cf.: ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>179</sup> CANFORA, Luciano. Op., cit., p. 37.

interna deixando o campo livre aos piratas, aos bandidos e aos escravos fugitivos, quando estes não eram engajados, como o foram por Sexto Pompeu; as expropriações para dotar os veteranos com lotes de terra; os recrutamentos de homens, regulares ou não; as contribuições, indenizações e multas infligidas às coletividades; a penhora do dinheiro em caixa e dos tesouros; os empréstimos forçados e os impostos arbitrários; as requisições de todas as espécies etc<sup>180</sup>.

De início, as guerras tomavam o cenário do Ocidente, porém foi no Oriente que se travaram as maiores batalhas, a exemplo da vitória de César quando destruiu o exército de Pompeu. O Oriente se tornou um parque bélico, cheio de riquezas e propício a esconderijos. Não foi por outro motivo que Pompeu e os republicanos, acusados de matar César, fugiram para lá a fim de reagruparem forças. Dessa forma, ao fim desse período de guerras e massacres, o que tínhamos era uma Roma desestruturada, abalada econômica, política e militarmente; uma Roma desejava de um novo tempo, de um desenvolvimento, de um ressurgimento. Vem à tona, então, a figura de um homem destemido e que tentou satisfazer o desejo que fervia o coração de Roma: a paz.

Caio Octávio, filho de Gaio Octávio, rei da Macedônia e casado com uma sobrinha de César, foi adotado por Júlio César pouco tempo depois da morte de seu pai, em 58 a.C. Essa adoção foi seu passo inicial para a glória que teria em Roma. Durante longos anos, Octaviano seguiu César em viagens e expedições, como durante a Guerra da Espanha e na investida de César quando da travessia do rio Rubicão. Aprendeu a lidar com os fatos políticos, demonstrando gostar, cada vez mais, das questões militares e, assim, preparando seu espírito para os acontecimentos futuros. Após os idos de Março, Octaviano estava no Epiro encarregado por Júlio César para preparar uma expedição que seria feita em ataque aos partos. Ao receber a notícia de que seu pai adotivo havia sido assassinado, voltou rapidamente a Roma. Não só reivindicou a he-

---

<sup>180</sup> AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. Op., cit., p. 13.

rança do ditador, como assumiu a responsabilidade de vingar-se daqueles que tinham assassinado seu pai.

Eternizou momentos, a exemplo de quando exibiu solenemente, durante a celebração dos Jogos de Ceres, o assento dourado que havia sido devotado a César pelo Senado<sup>181</sup>, caindo nas graças do povo quando se proclamou “filho do deus César”. Continuou então a tirar proveito de cultos feitos a César, já que agora ele era o mais próximo descendente do endeusado ditador. Era o filho que traria a honra de volta à Roma e que vingaria a morte do pai de todos os romanos. Para tanto, não descansou.

Octaviano, então, tentou reunir tropas militares com os veteranos de César para invadir a Gália Cisalpina, retirando Décimo Bruto, um dos assassinos de seu pai adotivo, do poder que exercia. No entanto, no mesmo período, Antônio também já reunia no Sul da Itália algumas legiões para esse fim. Aconteceu que os soldados de ambos os lados recuaram e não quiseram combater com seus chefes. Como resultado, Décimo Bruto fugiu. Mas Antônio continuou caçando-o e o cercou em Módena. O Senado reconheceu o exército de Octaviano e mandou uma embaixada para obrigar Antônio a baixar as armas e subjugar-se à autoridade do Estado. Após algumas brigas travadas, as tropas do Senado sobressaíram e Antônio foi obrigado a deixar Módena, refugiando-se na Narbonense. Foram enviados para resolver essa questão três generais, dos quais apenas Octaviano resistiu e ficou de pé como único representante da Itália.

Tempos depois, Octaviano decidiu ir à frente de suas tropas, marchando sobre Roma, a fim de reivindicar o título de cônsul. Mas seu pedido lhe foi negado pelo Senado por causa da sua pouca idade. No entanto, além das três legiões que o Senado colocou contra Octaviano, e que passaram a segui-lo, o povo romano, assim como os soldados, era fiel a César e, por isso, quis, de forma unân-

---

<sup>181</sup> GRIMAL Pierre. *O século de Augusto*. Trad. Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 111.

nime<sup>182</sup>, levar o filho adotivo do ditador ao poder mais elevado. Através de um golpe de Estado, Octaviano consegue sua posição.

Daí, agora como cônsul, sua primeira investida foi condenar, legalmente, os assassinos de seu pai. Segundo Pierre Grimal, “cento e trinta senadores foram escritos nas listas fatais para serem executados”<sup>183</sup>. Pouco tempo depois foi para o Norte, em Bolonha, onde acertou com Antônio e Lépido, a formação do Segundo Triunvirato. Este novo “mandato” acaba logo após mais uma guerra civil entre republicanos orientais das províncias e cesaristas; logo, entre grandes nomes da Itália e “senhores” de todo o Ocidente. Numa batalha em Filipos, Macedônia, quando Cássio, desesperado ao pensar que já estava tudo perdido e que não teria mais para onde fugir, tirou a própria vida e Bruto, que ainda tentou mais uma investida, fracassou e se matou. A aristocracia romana estava quase que inteiramente aniquilada e Roma também compartilhava da mesma sorte. As províncias necessitavam de governos restauradores, pois a própria Roma, e principalmente ela, carecia de “remédio”. Um novo tempo, de transformação e reedificação, se tornava necessário, para que fosse possível se restabelecer a “capital do mundo”. Reformas, nova ordem, estabelecimento e cumprimento de metas, crescimento econômico e uma política próspera. Eram esses os desejos de toda a população que constituíam do Oriente ao Ocidente do imenso império romano. Esse também era o desejo de um homem: Octaviano.

Começava, então, um período de paz e prosperidade para Roma, a *Pax Romana*. Octaviano, já cônsul, assumiu o poder absoluto em 31 a.C. e intitulou-se Imperador e *Augustus* (divino, consagrado), pois acreditava que tinha sido escolhido pelos deuses e que estes o teriam creditado o dever de trazer Roma de volta ao apogeu. Era consciente também de suas capacidades. Nasceu em família rica, recebeu boa educação e teve como mentor aquele que foi tido por um deus pelos romanos e que lhe adotou como filho, Júlio

---

<sup>182</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., p. 25.

<sup>183</sup> Idem, ibidem, p. 93.

César. Foi a partir do convívio com César que Augusto “acordou” para as questões romanas e decidiu, após o assassinato do ditador, assumir a frente e conquistar Roma e os romanos. Fez isso com muita cautela e genialidade. Primeiro, aparecendo como herdeiro do tirano, “acariciando” a população com homenagens e cultos a César depois de sua morte. Mostrava-se objetivado a se vingar dos assassinos, a honrar a memória do pai e a concluir seu propósito: tornar Roma mais poderosa e mais numerosa.

Uma das primeiras medidas adotadas por Augusto foi justamente o consentimento do direito à cidadania e seus mais altos privilégios a todos os romanos e aderidos a Roma. Outra medida a que logo deu início foi à anexação do Egito fazendo com que se tornasse “*um território diretamente ligado ao domínio imperial e governado por ‘prefeito’ que era o representante pessoal do príncipe*”<sup>184</sup>.

Assim caminhando, dotando Roma de esperanças de prosperidade, Augusto continuou a fazer anexações, a acordar tratados, a manter o povo ocupado enquanto fazia seus planos darem certo. Batalhas e perigos de invasões ainda eram presentes. No entanto, após a conquista da Dalmácia percebe-se um novo período; um período em que o exército se desenvolve, torna-se bem equipado e bem utilizado, pois não tinha descanso, principalmente nas fronteiras do Império. É a “Paz Armada” que se desenrola em paralelo ao crescimento do Império Romano.

O principado instituído por Augusto como sua forma de governo, administrou, como nunca antes, as questões romanas. Sua base de sustentação era constituída, segundo Paul Petit<sup>185</sup>, pelo *imperium*, com o qual administrou as províncias fronteiriças ou ainda não pacificadas totalmente, conservando o comando do exército; pelo *tribunicia potestas* (poder tribunicio), que lhe confere o direito de convocar as Assembléias e o Senado; por último, pela dignidade de *pontifex maximus*, que assegurava aos romanos uma paz e confiabilidade no que ele fazia. Desse último título, ele muito se benefi-

---

<sup>184</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., 93.

<sup>185</sup> PAUL, Petit. *A paz Romana*. São Paulo: Pioneira, 1989, p. 116.

ciou, pois acreditando que seu Império resultava da vontade dos deuses, persuadiu disso a população, que, sem demora, o aceitou e o aclamou, afinal, ele era filho de um deus (César).

Numa comparação com o Império, a ordem administrativa de Roma durante a República era diminuta, quase inexistente. Augusto criou várias e grandes prefeituras em Roma, delegando os cargos médios e inferiores aos seus parentes e a escravos libertos, pessoas de sua confiança. Dessa forma, tinha total controle sobre todas as questões governamentais e fez com que seu Império permanecesse numa paz e união sem precedentes. Assim, o *princeps* "Augusto, na continuação da política de César, esforçou-se por transformar esse sistema de administração, que não passava afinal de uma exploração das populações conquistadas"<sup>186</sup>.

Durante seu governo, efetivamente de 27 a.C a 14 d.C., Octaviano Augusto tentou fazer com que a "paz" predominasse em todos os setores. Financeiramente, organizou e investiu no comércio, multiplicando os lucros e absorvendo finanças abundantes. Investiu maciçamente nas artes, construindo grandes monumentos, como, por exemplo, uma estátua de César que foi posta no lugar onde o ditador foi enterrado. Foi auxiliado por Mecenas, que aglutinou em torno do príncipe alguns escritores, a exemplo do historiador Tito Lívio e dos poetas Horácio e Virgílio.

Segundo Pierre Grimal, uma das estratégias feitas por Augusto foi a criação de um círculo de literatas que promoviam a propaganda dos intentos do *princeps*, defendendo suas ideias, planos de reforma e propostas de restaurações. "Poetas como Virgílio, Horácio e Propércio, justificaram, com suas obras, "a missão divina" de Augusto, erguendo-o como o "salvador" da Roma abatida. A ideia, conforme Grimal, era construir uma imagem positiva para a cidade, a partir do discurso dos literatas"<sup>187</sup>. Ao encomendar a Virgílio a obra *Eneida*, que

---

<sup>186</sup> GRIMAL, Pierre. Op. cit., p. 61.

<sup>187</sup> CORDÃO, Michelly P. S.; LIMA, Marinalva Vilar de. *Olhares sobre a historiografia latina: um diálogo com Tito Lívio*. ARAÚJO, Orlando Luiz; LIMA, Marinalva Vilar de. *Ensaio em estudos clássicos*. Campina Grande: Ed. UFCG, 2006, p. 176.

narra a saga de Enéas, escolhido pelos deuses para refundar Tróia na região do Lácio, Augusto pretendia utilizá-la para que todos conhecessem sua importância. Isso porque, Virgílio procura associá-lo a Enéas, figura divina, cujo destino era refundar Tróia. De forma semelhante, Augusto se colocava como o refundador de Roma. Daí a relevância da epopeia para o projeto político do *princeps*.

Por todas essas investidas e por todo esse esplendor com que dirigiu Roma, dando a ela uma “nova vida”; pelos acordos feitos em horas mais que oportunas; por ter feito do período em que esteve no poder um tempo de vitórias e conquistas, nunca antes vistas em nenhum outro lugar; por ter unificado não só os extremos Oriente e Ocidente, mas os corações do povo romano fazendo com que acreditassem que algo melhor poderia ser desfrutado. Por tudo isso, é que esse tempo de glória passou a ser chamado pela própria historiografia de “Paz Romana”.

## BIBLIOGRAFIA

- AYMARD, André; AUBOYER, Jeannine. Roma e seu império: as civilizações da unidade romana (tomo II). In. História Geral das Civilizações. Trad. Pedro Mocrayr Campos. São Paulo – Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.
- CANFORA, Luciano. Júlio César: o ditador democrático, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CARCOPINO, Jérôme. Roma: no apogeu do império, São Paulo: Companhia das letras, 1990. (coleção A vida cotidiana).
- Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.
- GRIMAL Pierre. O século de Augusto, trad. Rui Miguel Oliveira Duarte. Lisboa: Edições 70, 1992.
- GRIMAL, Pierre. A civilização romana, Lisboa: Edições 70, 1993.
- LIMA, Marinalva Vilar de & ARAÚJO, Orlando Luiz. Ensaios em estudos clássicos. Campina Grande: Ed. UFCG, 2006.
- PAUL, Petit. A paz Romana. São Paulo: Pioneira, 1989.
- VEYNE, Paul (org.). História da vida privada: do império romano ao ano mil. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

## 9 A VISÃO DO FEMININO EM OVÍDIO

Harriet Karolina Galdino dos Santos

Ovídio, em suas obras, desmistifica a posição da mulher enquanto ser introduzido na sociedade; um ser que a essa seria subordinado e que possuiria um teor apenas ilustrativo para seus homens e para suas conveniências político-econômicas. O autor dá a mulher um tom de altivez, de vez e voz e, assim, apresenta mulheres de pulso, donas das suas vontades, prazeres e pensamentos. A quebra desse pensamento retrógrado acerca da mulher é a principal base descrita e inflamada pelo autor que a coloca enquanto ser social e humano.

Ovídio acreditava numa igualdade entre homens e mulheres, com a qual as mesmas pudessem não mais ser marginalizadas e acuadas por um regime dito opressor. Augusto é o *princeps* romano da época em que o poeta escreve sua obra; foi por ele que Ovídio terminou sendo coagido e exilado<sup>188</sup>. Às vezes, pode parecer que Ovídio é um homem sem pudores, animalesco e amoral, porém esse rótulo traduzido e intitulado na época de Augusto é, a nosso ver, errôneo. Poderíamos, então, dizer que ele era um homem simples, sem preconceitos e, acima de tudo, feliz. Pregava a todos e a todas, principalmente a elas, as mulheres, a libertação afetiva e a libertação enquanto seres coletivos.

O jogo entre homens e mulheres, a conhecida guerra dos sexos, ganha um foco estupendo, em *A arte de amar*<sup>189</sup>, obra em que ele deixa bem visível esta briga, porém com muito bom humor e classe; classe que acompanha toda a magnificência clássica e latina. É justamente nesse aspecto que Ovídio inova, pois ele não é apenas um escritor clássico nem latino. Há muitas desavenças entre as visões ditas literárias e aquelas, cujos defensores tentam distinguir

---

<sup>188</sup> GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*. Trad.: Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 76.

<sup>189</sup> OVÍDIO. *A arte de amar*. Trad.: Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.

seu conjunto de obras a partir de dois blocos: ora como repletas de elementos gregos, ora como constituídas por elementos romanos. Essas desavenças, porém, não acompanharam, em nenhum momento, o autor, pois apareceram *a posteriori*.

Para Ovídio, tudo era válido; em suas obras há elementos que refletem situações que lembram instantes de sua vida. Então, podemos dizer que a obra *Metamorfoses*<sup>190</sup> tem em seu cunho específico uma linguagem e um enredo dito grego, pois nela encontramos mitos desse universo. Em contrapartida, *A arte de amar* apresenta traços inovadores para a época em que foi escrita, principalmente por ser marcada por uma linguagem e por temas que, de certa forma, escandalizavam; temas que estavam à frente da época vivida pelo poeta.

O tema do amor une e consagra as obras de Ovídio, pois nessas há narrativas de inúmeras histórias de amor. A dualidade da escrita ovidiana é prazerosa e nada cansativa. Se quisermos chorar, devemos ler *Metamorfoses*, onde tematiza um amor dito grego, dito consternado. Mas, se quisermos rir e, ao mesmo tempo, ganhar pontos no jogo da sedução, devemos prestar muita atenção em *A arte de amar*, pois ela é uma espécie de guia de autoajuda para os que não tem toda desenvoltura necessária para as aventuras do amor, envoltas de prazeres e mistérios.

É válido salientar, em primeira instância, que as obras descritas, estudadas e refletidas têm uma perda muito grande de elementos por constituírem-se de traduções. Porém, entendemos que essas traduções, de bom nível, chegam muito perto da verossimilhança das obras.

Publius Ovidius Naso apresenta as mulheres gregas em *Metamorfoses* como altivas, desbravadoras e sem medo de amar e de serem amadas. Algumas vezes elas tornam-se perversas, em outras subordinadas e, neste caso, não só pelo amor, como também pela imposição social. É fato que estas histórias contadas na obra são míticas. As mulheres ganham foco narrativo nesses contos que

---

<sup>190</sup> OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad.: Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.

proporcionam análises psicológicas graças a comportamentos evidenciados nas mais variadas situações<sup>191</sup>.

*Ciniras e Mirra* – Mirra era filha de Ciniras e apaixonou-se pelo pai que não sabe deste amor tão medonho. Porém, em certo momento da narrativa, o pai a oferece em casamento a um pretendente e depois pergunta quem ela quer; ela responde que quer alguém igual a ele. Ciniras fica muito lisonjeado com a resposta da filha, contudo, jamais passa em sua cabeça que essa poderia estar apaixonada por ele. Com o passar do tempo, ela fica desolada com o casamento próximo e a paixão reprimida que sentia pelo pai. Certo dia, sua mãe entrou no quarto e a encontrou no momento do possível suicídio, impedindo a tragédia e tentando de todas as formas persuadi-la a dizer quem era a causa de sua aflição. Depois de muito choro e de muitas lágrimas, a mãe descobriu o amor da filha pelo esposo. Vendo a agonia de Mirra, a mãe diz ao esposo que tem uma mulher que o ama muito e ele fica lisonjeado e aceita conhecê-la no leito, porém a esposa ainda suplicou: ela é muito tímida, permita que o encontro de vocês seja às escuras. Ciniras não hesitou, aceitou e perguntou: mulher, como ela é? Ela responde: é igual à Mirra; sem saber do amor de sua filha, eles passam a noite juntos com as luzes apagadas, a fim de que não fosse descoberta tal armação entre mãe e filha. Entretanto, bate um remorso em Mirra e quando Ciniras a chama de filha em sinal de carinho ela o chama de pai e ele, o rei, reconhece a voz de sua filha, a princesa Mirra; enojado pelo incesto exige sua partida para não matá-la com suas próprias mãos. Mirra foge e maldiz o que fizera e pede aos deuses que não a deixem viva, pois ela não merecia o dom da vida. De repente, raízes saem do chão e começam a envolvê-la tornando-se, assim, uma árvore chamada Mirra. Assim, ela deu cabo a sua vida de sofrimento e pesar.

*Orfeu e Eurídice* – Orfeu tem sua esposa morta por um ferimento no pé, em pleno leito nupcial. Sua dor é irreduzível e nada a

---

<sup>191</sup> A narração e tradução de Bocage da obra aqui utilizada é toda em versos alexandrinos. Cf.: OVÍDIO. Op., cit., 2000.

faz melhorar; então, eis que surge a ideia de ir ao inferno para buscar sua amada. Ao chegar nesse lugar e depois de muito dialogar e negociar, consegue sua esposa de volta, contudo perdeu-a pela segunda vez e nunca mais teve outra mulher. Nutria-se apenas com a saudade de sua bela esposa morta, fugindo assim do amor e desdenhando todas as outras mulheres.

*Progne, Tereu e Filomena* – Pandião possuía duas filhas Progne e Filomena. Tereu recebe por sua esposa Progne, por seu auxílio ao monarca. A festa de casamento foi em ritmo funéreo e uma ave agoureira pousa sobre as cabeças dos ilustres personagens. Progne dá à luz a Ítis, seu filho com Tereu. Certa noite, enquanto afagava o esposo duro, pediu-lhe encarecidamente que trouxesse sua irmã. Então, ele fez sua vontade e foi buscá-la; chegando lá, ficou transtornado e perplexo com a beleza de Filomena. Pandião deixa sua filha ir ao encontro da irmã e, assim, enquanto iam rumo a Trácia, Tereu, sedento de paixão, estupra sua cunhada. Chegaram, enfim, ao lugar que lhe era destino; Progne vai ao encontro de sua irmã Filomena, a vê chorando e descobre a desonra feita por seu esposo. Dissimulada e dura, pede a sua irmã que pare de chorar; em seguida, em retaliação às atitudes de Tereu, ambas atacam onde mais lhe fere: em seu filho Ítis. Com toda frieza, matam-no e servem-no a Tereu que, sem nada saber, achava o banquete muito gostoso. Porém, Filomena, indignada, traz a cabeça de Ítis e insulta Tereu pelas atrocidades que ela e sua irmã passaram por sua causa. Tereu fica transtornado e as duas irmãs, assassinas, fogem, uma para os telhados e a outra, rumo aos bosques.

*Píramo e Tisbe* – história dita shakespeariana por se assemelhar a *Romeu e Julieta* e, além disso, é constituída por elementos do mito grego. Píramo e Tisbe eram apaixonados, porém suas famílias eram contra o romance. Os dois moravam lado a lado e entre suas casas havia uma fenda. Quando não podiam ver-se de longe nem acenar-se, iam todas as noites para esta fenda, beijavam-se por entre a parede e sentiam um o hálito sedento de amor do outro. Em certo momento, não aguentavam mais a separação e decidiram fugir. Chegada a noite de determinado dia, decidiram encontrar-se

num pé de amora, bem afastado do local de suas respectivas casas. Saiu primeiro Tisbe e não viu o mancebo, dito seu amor, no local combinado; então, foi passear, contudo deixou seu véu cair no chão. Píramo chega depois de alguns momentos e encontra o véu de sua amada no chão, visão que o deixa transtornado, pois pensara que os leões a teriam matado e comido. Pensando não poder viver mais sem sua amada e seu amor, ele se suicida. Ao chegar de novo à amoreira, Tisbe se depara com seu amor agonizando e ele diz que pensava que ela estivesse morta. Trocam juras de amor e ela também se suicida em nome desse amor. A amoreira aparece na narrativa como um símbolo de luto por um amor destruído pelo acaso, pois a cor roxa da amora reluz em termos ditos subjetivos: o luto, o sentimento de dor e tristeza. O desfecho se dá com a união das famílias e com a junção das cinzas do jovem casal em uma só urna.

Ainda fazendo alusão ao mítico, temos histórias de planetas, deuses, astros, minotauros, que representam a junção humana com o animal, o dito amor sem fronteiras; temos também, o amor humano que apresenta em maior proporção. É válido salientar a mescla destes personagens de diferentes universos, que acabam por demonstrar que o amor não tem barreiras nem limites.

Ovídio nessa obra traz uma sutileza muito especial, apresentando uma linguagem mais culta e mais romântica. A relação com a Grécia possibilitou ao poeta toda uma leveza ao falar do amor, que é por ele visto de várias formas. A diversidade de perfis femininos e de ações e reações realizadas por elas, fazem com que persista a dualidade entre o "real" e o mítico. É necessário salientar, antes da análise das personagens, uma referência aos fins das narrativas descritas por Ovídio, pois eles sempre têm um desfecho trágico. Isto se deve as características literárias da época vivida pelo autor, mais ou menos em 43. a.C.

Vejamos agora um diagnóstico melhor elaborado acerca das personagens de *Metamorfoses*.

Mirra é totalmente desprendida, ama seu pai, tem medo de seus sentimentos, mas não consegue deixá-los e em nenhum mo-

mento tenta esquecê-lo. O que acaba ocorrendo apenas com a morte, pois para ela, seu corpo e seu sentimento eram de Ciniras e de mais ninguém. Antes a morte do que se entregar a um amor por ocasião. Com uma personalidade forte e diante do repúdio por si mesma, após ter se deitado com o próprio pai, Ciniras reflete sobre os dogmas sanguíneos. Já a figura de sua mãe demonstra bravura, amor, doçura e força. Ela queria ver sua filha viva e feliz, mesmo que isso trouxesse sua infelicidade; o seu amor incondicional à filha a faz colocar o casamento em segundo plano, trazendo consigo a desvalorização do homem e das leis morais da época.

Eurídice, em nenhum momento, foi descrita na narrativa. Seu amor aparece como algo que corrompe o inferno e transpassa as linhas cíclicas do tempo grego. Orfeu, que se torna um bobo, um medíocre por não querer outra mulher que não sua bela Eurídice, tem um amor puro, fiel e verdadeiro. Perante a sociedade, ele era visto como solitário e como um homem sem vontade de viver. Ovídio, nesse momento, eleva a mulher ao ápice de uma santa, de um troféu, ou, ainda, de uma pessoa que em suas particularidades veio apenas ao mundo para roubar de um ser pacato, o amor e a vontade de viver e, ainda, para deixá-lo na mais profunda melancolia, destruindo, assim, sua vida por toda a sua existência. Nesse plano dito terrestre vivido por Orfeu, iniciado com a morte de Eurídice e finalizado com sua volta do inferno, o tormento se torna o sentimento mais forte, pois a mesma, possivelmente, ficara sem encontrá-lo. O que deixou Orfeu atordoado, demonstrando ainda toda sua vulnerabilidade sob o desígnio feminino e, principalmente, diante da morte.

Progne e Filomena, de vítimas no primeiro momento da narrativa, passam a ser símbolos da contradição “anjo/demônio”, que existiria na essência de cada mulher. Seria conveniente dizer que elas foram desumanas no relato referente à morte do filho de Te-reu? Homem bruto e inescrupuloso, que manchou por duas vezes a alma de duas mulheres: uma com um casamento amaldiçoado por um pássaro agourento; outra, por um estupro, que retirou sua virgindade e seu caráter puro e casto tanto psicologicamente como

corporalmente. Teria ele merecido tanta crueldade por seus atos insanos? Isto varia de opinião a opinião.

De toda forma, de "meninas moças", as duas irmãs passaram a mulheres pensantes e frias. Parece certo dizer que toda ação merece uma reação, porém fica obtusa a frieza da mãe para com o filho e os requintes de crueldade no assassinato de Ítis. Mas, convém salientar que esta criança é fruto do "monstro" que desgraçou a vida das próprias. Assim sendo, a criança aparece na narrativa como uma forma de vingança e, ao mesmo tempo, como uma lembrança das atrocidades vividas. As personalidades das irmãs se deslocam bruscamente da doçura, da subjugação, da afabilidade, para os caracteres de determinação e de destemor. Elas se tornam mulheres sem preceitos, com raciocínio lógico e rápido, com o único fim de pensar em si mesmas.

Enquanto Tereu emerge como uma "besta satânica" que traz o terror, com um amor dito tacanho, Pandião lembra um homem inerte a tudo e a todos, conhecido por "banana", um homem facilmente induzido e, por isso, considerado "fraco".

Píramo e Tisbe são conhecidos pelo seu amor "queijo com goiabada", nos remetendo ao romance de Shakespeare, *Romeu e Julieta* que, provavelmente, foi elaborado a partir de apropriações desta narrativa mítica de Ovídio. O amor entre esses dois jovens tem um caráter puro, verdadeiro e desenfreado. A atitude dele, ao matar-se, demonstra o quanto uma mulher pode ser mortífera, como diz a bíblia. Ele é fraco, porém ninguém pode lhe retirar todo seu charme romântico. Sua falta de raciocínio chega a ser ridícula, pois não procura nem os restos da amada que, supostamente, teria sido devorada pelos leões. Consideramos que os dois acabam padecendo por uma ignorância de Píramo em não saber a hora certa de concretizar seu amor ou de abster-lo da terra. Sendo assim, abstém da sua dor. Ela teve motivos mais claros para morrer, pois voltou e já o encontrou morto. O amor era mais forte que os dois, o que se percebe quando ela demonstra toda sua dor e revolta ao vélo caído estrebuchando de dor, ocasião em que profere ainda palavras de amor. De todas as mulheres já citadas, a temos como a mais

meiga e a mais cativada pelo amor. Além disso, pode ser vista também a mais fraca e a mais vulnerável, pois o único ponto que a torna forte em algum momento na narrativa é quando decide matar-se e quando foge, trazendo consigo um tom de rebeldia que não era comum às moças da época.

As metamorfoses são pontuadas pelas transformações ocorridas com os personagens no término de cada acontecimento trágico. Por exemplo: Mirra transforma-se numa árvore e Tereu transforma-se num pássaro agourento pela morte de seu filho que o desconcertou de uma forma tão corrosiva e, principalmente, pelo teor animalesco e brutal como tudo ocorreu.

Na próxima obra de Ovídio que será abordada, *A arte de amar*, observamos uma versatilidade de significâncias. Numa primeira vista sobre o livro, enquanto leitores modernos, não vemos nada demais, nenhum apelo significativo; porém, a liberação de Ovídio, ao tratar do feminino, lhe custou muito caro influenciando seu futuro como escritor. Segundo informações da época, Ovídio teria sido exilado por ter proferido em sua obra uma alusão aos meios de vida da princesa, a filha de Augusto, de sua forma um tanto ruidosa e desregrada para uma moça de tão alta estirpe e ligada a tão valoroso trono. Ela era um exemplo para todas as mulheres da época do governo de Augusto<sup>192</sup>. Outras fontes já dizem que o nosso exímio autor teria, de alguma forma, mencionado nas entrelinhas um possível escândalo que envolveria a família do Imperador.

De toda forma, aos cinquenta anos de idade, Ovídio foi retirado do seio de sua família e banido da sociedade local, sendo então deportado para a Trácia<sup>193</sup>. Chegando lá, sentiu um arrependimento brutal e, por isso, passava seus dias a lastimar sua desventura, sua má sorte e seu maléfico destino. Com o passar do tempo, Ovídio, instigado por seu remorso, começa a escrever uma obra

---

<sup>192</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., p. 76.

<sup>193</sup> GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. Trad.: Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

intitulada *Os Fastos*<sup>194</sup>, onde relata o calendário romano. Foi uma forma de fazer as pazes com Augusto, com o intuito de voltar para sua terra, porém Augusto em nenhum momento se compadece do nosso autor. Quando Ovídio ainda retocava a primeira parte de sua obra, ocorre a morte de Augusto, o que o levou a alterar a dedicatória, substituindo-a pela referência ao imperador que a esse sucedia. Na sequência, não teve êxito, pois sua reputação estava irremediavelmente arranhada.

Em *Os Fastos*, encontramos lendas, episódios, explicações relacionadas à etimologia de nomes e costumes. No calendário pagão, temos doze meses que fazem menção a divindades romanas, a exemplo de Julho (homenagem a Júlio César) e de Agosto (homenagem a Augusto). O poeta formou, assim, um apelo nacionalista e heróico, além de um apelo subjetivo para benefício próprio. Esta obra apresenta um caráter criterioso e de difícil interpretação. Temos nela algumas figuras femininas, porém estas não proporcionam elementos para um enfoque mais apurado sobre o feminino, como as demais obras assinadas pelo autor.

Voltemos, então, para nossa análise acerca do feminino em Ovídio, com a análise de *A arte de amar*, obra que emerge como consagração e, ao mesmo tempo, como motivo de aterro do nosso "mestre da sedução".

*A arte de amar* transforma as mulheres em seres legitimamente doces, frágeis e arcanjos, porém nela há também graciosidade, sedução e personalidade que representam elementos incomuns às mulheres da época de Augusto. Com um forte envolvimento na referida obra, Ovídio relata algumas de suas experiências, deixando subentendido que as amantes mais expansivas e sedentas de prazer a quatro paredes, porém recatadas diante da sociedade, são simplesmente adoráveis, emocionantes e perfeitas. Este misto de sensações e características torna a mulher um ser independente, com personalidade própria e gostos refinados. Apesar de Ovídio ter esta

---

<sup>194</sup> OVÍDIO. *Os Fastos*. Trad.: Antônio Luís Seabra e Antônio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc, s/d.

fama de libertino, é necessário salientar que possuía apenas uma amante a quem era fidelíssimo, sua esposa.

A paixão era vista sem pecado e malícia, como passou a ser vista pela tradição cristã. Daí que o único fim da obra de Ovídio era a busca pela felicidade; se tinha informações e um “dom” de ajudar seus concidadãos romanos a conquistarem a mulher amada ou desejada, não media esforços.

As disputas entre os sexos durante a conquista são importantíssimas. Ovídio dá toques para os homens conquistarem suas presas, as mulheres, dizendo ferozmente que eles se acham inteligentes e que, por isso, vão à caça. Porém, o poeta evidencia também que os homens são presas das supostas presas, pois antes mesmo de irem ao encontro de sua amante ou amada, já foram flechados pelo cupido, falando numa linguagem greco-mitológica. Há ciladas, armadilhas, tristezas, alegrias e tragédias. Como diz Ovídio: “a mulher é a flecha e o poema é o alvo”<sup>195</sup>. A melhor forma de fazer a corte ou aproximar-se de sua amada era através de presentes, mas apenas com poemas que lhe fizessem menção e demonstrassem toda a afabilidade para com ela, era possível ao amante alcançar sua alma e arrematar de vez seu coração.

A dissimulação é fatídica, tanto por parte da mulher quanto do homem, contudo a primeira ganha disparada. A “arte de amar” deve se preocupar também com a permanência do amor, desprezando assim fulgores do instante e validando, por assim dizer, as alegrias de duração. Poeta do corpo? Sim, Ovídio também o foi, pois não há outra pessoa que entenda e delimite tão bem os contornos e os sentimentos de um corpo desejoso. Segundo Ovídio, a mulher seduz o homem e o acomete aos mais variados perigos, situações e, até mesmo, a dissimulações. A elas é dado o poder de tudo poder e fazer e cabe a eles, os homens, apenas consentir e aceitar suas imposições e vontades.

Ovídio ajuda muito com suas palavras que não ensinam o sentimento, mas, sim, a habilidade; não o amor, mas a sedução. Re-

---

<sup>195</sup> OVÍDIO. Op., cit., 2006.

concilia os dois sexos e dá a mulher a sua participação e a sua iniciativa neste jogo sério e leviano, do qual séculos de civilização tentaram a excluir.

*A arte de amar* divide-se em três livros: no primeiro, a sedução é o tema principal. A mulher aparece como uma caça consentida e o homem como um caçador enganado. Além disso, a dissimulação e a autossuficiência da mulher, dada pelo autor, nos remetem a um tom de igualdade entre os sexos. No segundo livro, temos toda a indumentária da conquista em si, com referências a detalhes sobre cada passo a ser dado; temos também ensinamentos sobre a arte de manter o relacionamento, caso seja dada ao homem uma oportunidade. A partir daí, o fogo do prazer poderia se transformar em uma coisa segura, cotidiana, com uma relação de respeito e ternura a dois. O terceiro livro pode ser visto como a parte que a história renega, pois é nele que são dados à mulher os direitos a palavra e ao sexo como algo desmistificado; é, também, nele que Ovídio dirige-se abertamente à mulher, tratando-a como uma "pessoa".

A vida privada romana é outro fator implícito na obra, onde temos a autoridade do *paterfamilias*, ou seja, a perpetuação sob o tríplice aspecto de sacerdote, juiz e pai de família. Esse tinha o direito de vida e morte sobre os membros da família, esposa, filhos e agregados, equivalendo, assim, a um regime dito patriarcalista.

A condição da mulher romana modificou substancialmente quando se processaram as conquistas sociais resultantes das disputas por poder, ocorridas à época da República. Conquanto, legalmente a mulher continuasse como uma propriedade do homem, quando "matrona" ela exercia papel destacado no lar como principal mentora na educação dos filhos e conselheira de seu marido, mas também na sociedade, onde era cumulada de atenções.

As mulheres usavam em seu cotidiano vestimentas, como a túnica e a pala; nos pés, sandálias e mantinham a cabeça, na maioria das vezes, descoberta.

Em *A arte de amar*, os entretenimentos públicos ganham uma amplitude, pois nela vemos a utilização dos meios de divertimento

para ilusão e alusão social-política, a exemplo da prática do “pão e circo”.

O interesse despertado hoje por espetáculos, tais como futebol, corridas de cavalos e de carros, lutas de Box, touradas, cinemas, tinha o seu equivalente na Roma imperial. Com a diferença de que, naquela época, os divertimentos constituíam a principal, senão a única ocupação e preocupação do povo romano, dada a vida de ociosidade que esse passou a levar<sup>196</sup>. Eis aí o ponto de encontro entre damas e cavalheiros, além de ser uma ótima ocasião para se cortejar uma dama. Os espetáculos circenses, realizados, no que hoje chamamos de hipódromos, eram os preferidos dos romanos.

O Circo Máximo de Roma tinha capacidade para duzentos mil espectadores. Nele, disputavam-se as corridas de carros que dispunham de lugar apenas para seu condutor (“auriga”). Denominavam-se “bigas”, quando puxados por uma parelha de dois cavalos; “quadrigas”, quando por uma parelha de quatro cavalos<sup>197</sup>.

Os anfiteatros, existentes nas principais cidades do Império, notadamente o Coliseu de Roma, destinavam-se, principalmente, à realização de espetáculos sangrentos como a luta entre gladiadores e o lançamento de condenados às feras famintas. Os assentos mais próximos da arena alcançavam preços elevados. Sua capacidade comportava entre quinze e trinta mil pessoas. Outros centros de reuniões mundanas eram as termas, estabelecimentos de banhos públicos dotados também de salas para a prática de jogos esportivos, de restaurantes e até de bibliotecas<sup>198</sup>.

Ainda dentro da perspectiva temática de *A arte de amar*, temos *Os remédios para o amor* e *Os produtos de beleza para o rosto da mulher*. No primeiro, Ovídio constitui uma espécie de manual para os que querem curar-se do amor não correspondido ou aqueles que

---

<sup>196</sup> DICAMÔR; TAUNAY. *História antiga: a vida privada e social na Roma antiga*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.

<sup>197</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>198</sup> Idem, *ibidem*.

sofrem por amor. Então, vejamos uma passagem que resume a ideia deste livro tão espirituoso:

Venham às minhas aulas, jovens enganados, que no amor só encontraram decepções. Aquele que os ensinou amar os ensinará como se curar. A mesma mão lhes trará a ferida e o remédio. A terra produz ao mesmo tempo plantas saudáveis e plantas nocivas, e muitas vezes a urtiga está ao lado da rosa<sup>199</sup>.

Na obra *Os produtos de beleza*, ele utiliza este referencial para instruir as mulheres ao cuidado contínuo com a aparência, dando toques sobre o que um homem admira numa mulher e como ela deve utilizar sua beleza e malevolência para conseguir o que tanto quer. A conquista se pautaria, para Ovídio, em uma troca de interesses entre homens e mulheres.

Ovídio atua dos dois lados, proporcionando, assim, um jogo de competição irresistível. Fazendo um paralelo entre obras, podemos então dizer que *Metamorfoses* e *A arte de amar* são obras de compatibilidades e incompatibilidades. Dizemos, então, que o psicológico feminino é a parte de convergência do conjunto de sua produção, sendo o nosso enfoque nessa pesquisa. O autor defende as mulheres como seres autônomos, com desejos e vontades. Em *Metamorfoses*, o mítico dá o tom de rebelião quanto aos preceitos da sociedade e às mulheres que se vingam ou quebram as convenções. Ao contrário das mulheres alvo da arte, em *A arte de amar*, e que a essa estariam subordinadas, ele quer explicitar o grito de libertação feminino.

As divergências entre essas duas obras se dão devido às formas utilizadas para elaborar as imagens do feminino e da sociedade da época. Em *Metamorfoses* há um cunho leve e clássico, apesar do caráter trágico, que não traz aborrecimentos à sociedade. Ao contrário, em *A arte de amar*, há um ataque em cheio à ferida social, com uma linguagem acessível a todos e de entendimento rápido. Trata-se de uma obra que atinge, como uma bomba, a sociedade

---

<sup>199</sup> OVÍDIO. *Os remédios para o amor*. In: \_\_\_\_\_. Op., cit., 2006, pp. 118-119.

moralista da época que a via como um livro de tom grosseiro e libertino.

Demonstramos e evidenciamos nosso prazer nesta leitura aprofundada e deliciosa das obras de Publio Ovídio Nasão<sup>200</sup>, homem à frente de sua geração. Mais que isso, nos tornamos leitoras apaixonadas pelas obras lidas, o que nos instiga a buscar aprofundar esse estudo a partir das demais obras do nosso poeta, bem como, a partir de outras obras clássicas. O material, além de ser muito bom e de fácil entendimento, foi também de fácil acesso.

Enfocamos os ideais de liberdade, de igualdade e de poder feminino. Então, nada melhor do que terminar esta pesquisa com uma reflexão de Montesquieu, que define e remete a obra ao autor enquanto pessoa:

De todos os poetas, Ovídio foi quem desvendou os mais belos segredos da natureza. Ele ensinou aos homens soltar o suspiro adequado e às mulheres recebê-lo, aos homens, saber o momento propício aos amantes, e às mulheres, oferecê-lo. Como era um homem mundano que sabia amar o melhor e que amava a todos, ele humanizou tanto a virtude que o pudor se harmonizou com a galanteria<sup>201</sup>.

---

<sup>200</sup> Veja: ALBERTO, Paulo Farmhouse. *Ovídio*, Lisboa: Editorial inquérito, 1997 (Vultos da antiguidade).

<sup>201</sup> MONTESQUIEU. Apud *Prefácio*. In: OVÍDIO. Op., cit., 2006, p. 7.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBERTO, Paulo Farmhouse. *Ovídio*, Lisboa: Editorial inquérito, 1997 (Vultos da antiguidade).
- CARCOPINO, Jérôme. *Roma: no apogeu do império*, São Paulo: Companhia das letras, 1990. (coleção A vida cotidiana).
- DICAMÔR; TAUNAY. *História antiga: a vida privada e social na Roma antiga*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.
- GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*, trad.: Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GRIMAL, Pierre. *O século de Augusto*, trad.: Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997.
- LIMA, Marinalva Vilar de & ARAÚJO, Orlando Luiz. *Ensaio em estudos clássicos*. Campina Grande: Ed. UFCG, 2006.
- PERNIOLA, Mário. *Pensando o ritual: sexualidade, morte, mundo*, trad.: Maria do Rosário Toschi, São Paulo: Studio Nobel, 2000.
- ROBERT, Jean-Nöel. *Os prazeres em Roma*, trad.: Marina Appenzeler, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

## FONTES

- OVÍDIO. *A arte de amar*. Trad.: Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad.: Bocage. São Paulo: Hedra, 2000.
- OVÍDIO. *Os Fastos*. Trad.: Antônio Luís Seabra e Antônio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc, s/d.

## 10 AMOR E CASAMENTO: UM ESTUDO COMPARATIVO NA ROMA IMPERIAL

Guaíra Moreira Camilo de Melo

Há um primeiro fato que nunca devemos esquecer: aos olhos dos romanos, os amores, sob todos os aspectos – amor conjugal ou paixões juvenis, tentações de todo tipo, do coração e da carne –, não são atinentes a uma única regra moral. O ato de amor em si não poderia ser julgado bom ou mau; seu valor em bem ou em mal depende apenas do objeto com o qual se realiza e das consequências que acarreta<sup>202</sup>.

O presente ensaio busca abordar o sentido moral atribuído ao amor e ao casamento na Roma imperial. Neste sentido, nos fundamentamos em autores, como Jêrôme Carcopino<sup>203</sup>, Pierre Grimal<sup>204</sup> e Paul Veyne<sup>205</sup>, especialistas na história romana, com o objetivo de comparar o enfoque dado aos temas “amor” e “casamento” nas diferentes obras estudadas. Portanto, o tema a que nos dedicamos foi tratado a partir de um exercício de pesquisa bibliográfica. Estes autores, que escrevem sobre a Roma imperial, nos mostram que amor, casamento e mulher são temas que se relacionam.

Ao estudar a Roma antiga, é importante observar como o tema do “amor” é constantemente mencionado nos escritos que relatam sua história; ele já aparece nas tramas que nos remetem à própria fundação da cidade. Embora tal sentimento esteja muito presente em Roma, não é encontrada, em suas histórias de fundação, nenhuma “mulher sensata”, como afirma Grimal<sup>206</sup>. Todos os

---

<sup>202</sup> GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins fontes, 1991, p. 6.

<sup>203</sup> CARCOPINO, Jêrôme. *Roma no apogeu do império*. São Paulo: Companhia das Letras; Circulo do livro, 1990.

<sup>204</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit.

<sup>205</sup> VEYNE, Paul. *O império Romano*. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

<sup>206</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit.

exemplos são de mulheres movidas pelo amor. Como o autor afirma:

É preciso admitir que, de Dido a Lavínia, de Réia Sílvia a Larência, nas lendas das origens só encontramos fúrias, criaturas insignificantes ou prostitutas vulgares. O amor nobre, desinteressado, a ternura serena estão ausentes. Somos tentados a pensar que as mulheres só são mencionadas porque os homens precisavam ter mãe ou nutriz<sup>207</sup>.

Partindo de seu surgimento, a principal lenda de fundação de Roma é narrada por Virgílio na Eneida<sup>208</sup>. Nesta história, Anquises, o sobrinho do rei troiano Laomedonte, foi alvo da paixão de Vênus (Afrodite para os gregos), a deusa do amor. Com Vênus, Anquises tem um filho, Enéias que, futuramente, será uma figura de suma importância para Roma. Com a tomada de Tróia, Enéias deixou a cidade levando consigo seu pai e seu filho ainda criança, Ascânio, a um lugar para o qual os deuses o conduziam: o Lácio. Sua esposa, Creusa, foi deixada no decorrer dessa peregrinação, chegando a morrer sozinha. A atitude de Enéias de abandonar sua esposa, embora possa ser tida como cruel para nossos olhares modernos, não pode, dentro de seu contexto, ser interpretada dessa forma, visto que salvar seu pai e seu filho e prezar pela sua raça, era uma atitude vista como dever Divino. Por outro lado, seu sentimento por Creusa não passava de um amor humano, sendo o sacrifício desta algo que feriria apenas seu coração, ou seja, algo de menor importância, tendo em vista seu objetivo maior: chegar à “Terra Prometida”<sup>209</sup>.

Enéias, mais uma vez, prefere o futuro de sua raça aos seus sentimentos, ao desposar e abandonar Dido, Rainha africana, de Cartago, que acolheu a ele e a seu grupo de náufragos em sua cidade. Compelidos por Vênus e Juno, respectivamente, Enéias e Dido

---

<sup>207</sup> Idem, *ibidem*, p. 23.

<sup>208</sup> VERGÍLIO. *Eneida*. Trad: Carlos Alberto Nunes. São Paulo: A Montanha Edições, 1981.

<sup>209</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., p. 14-15.

acabam por descobrir, um no outro, o amor. No entanto, lembrado pelos deuses de seu dever, Enéias parte em busca da "Terra Prometida", deixando para trás Dido que, com uma imensa fúria e vergonha, escolhe a morte. Mais uma vez, a atitude de Enéias faz jus aos costumes da época. "E o que era a morte de uma mulher diante da fundação de Roma?"<sup>210</sup>, interroga Grimal, reafirmando ser mais importante na época a criação de uma nação e o futuro de um povo, do que o amor humano.

Mais adiante, na fundação de Roma, temos conhecimento da história da Vestal Réia Sílvia e de seus filhos, Rômulo e Remo. A história de Réia Sílvia conta que, condenada por seu tio, Amúlio, usurpador do trono de seu pai, a moça foi dedicada ao culto da deusa Vesta, culto este que obrigava suas seguidoras à castidade, impedindo-as de terem filhos. Sem filhos, Réia não poderia ameaçar o reinado de Amúlio, pois não poderia prover herdeiros para o trono. No entanto, seduzida pelo deus Marte, Réia deu à luz a Rômulo e Remo, futuros fundadores de Roma.

Liderados por Rômulo, seus companheiros, que buscavam uma pátria onde pudessem se estabelecer, refugiaram-se no Capitólio. Para fundar uma cidade, no entanto, eram necessárias as mulheres. Estas foram encontradas no país vizinho. Foi sob o disfarce da realização de jogos em homenagem aos deuses, que os companheiros de Rômulo convidaram os habitantes das aldeias vizinhas a reunirem-se com eles em seu território. No momento em que encontravam-se reunidos para a realização dos jogos, o grupo de Rômulo apoderou-se de todas as moças presentes para fazerem delas suas mulheres. Seus pais, desarmados, não puderam vingar-se; então, voltaram para suas aldeias enquanto suas filhas foram levadas à Roma e repartidas entre seus cidadãos.

Como forma de vingança, os sabinos, liderados por Tito Tácio, planejaram invadir Roma. Para chegarem ao Capitólio, os sabinos contaram com a ajuda de Tarpéia, filha do comandante da cidade que, movida por uma paixão pelo rei Tácio, mostrou-lhe um

---

<sup>210</sup> Idem, *ibidem*, p. 18.

caminho desconhecido até a cidadela, acreditando que, com isso, o rei a tomaria por esposa. Seguindo suas informações e obtendo sucesso, o rei dos sabinos, no entanto, não se casou com Tarpéia, mas castigou-a com a morte por ter traído sua própria pátria.

Versa a lenda que foram as eloquentes palavras de ternura e amor ditas pelas sabinas aos romanos que contribuíram para por fim à guerra iniciada com a invasão de Tácio e seus homens. As jovens raptadas, que haviam sido desposadas pelos romanos, estavam satisfeitas com suas novas condições e intervieram em meio à guerra entre seus pais e maridos, suplicando por seu fim. Seguindo-se à trégua, os dois povos decidiram formar um só, tendo Roma como sede do poder e nomeando de “colegas” seus dois reis, o sábino e o romano.

Seja na história de Anquises e Vênus, seja na de Réia Sílvia, bem como, na de Tarpéia ou das sabinas, as mulheres ocuparam importantes papéis na história da fundação de Roma. Segundo Grimal, “o nascimento de Roma assinalou a ascensão da mulher e instaurou o reconhecimento de valores quase inteiramente estranhos à idade heróica do mundo grego”<sup>211</sup>. Elas foram as mães e esposas, que deram a seus filhos e maridos a oportunidade de estabelecerem uma “Terra Prometida”, de fundarem a Roma que serviria de berço para um povo que realizara e realizaria inúmeras conquistas na história do mundo.

Quanto ao amor, Grimal mostra-nos uma atitude ambígua dos romanos ao longo de sua história, colocando-nos: “desconfiavam dele como de uma loucura, de uma perdição passageira, e ao mesmo tempo eram fascinados por seu poder, que os levava a pressentir seu caráter divino”<sup>212</sup>.

Na análise de Grimal, podemos encontrar um imenso respeito existente na relação conjugal, bem como, para com as mulheres, sejam estas casadas ou não. A nudez, vista como sagrada, revelava o mais íntimo do ser, e o amor, ato sagrado, não era permitido ser

---

<sup>211</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., p. 26.

<sup>212</sup> Idem, ibidem, p. 319.

profanado pelo olhar. O autor justifica a não inclinação do amor à satisfação de desejos carnavais como consequência da crença de que esses atos eram resultados da intervenção divina.

Contraopondo-se ao ideal do deus Eros dos gregos, os romanos tinham a Vênus. Enquanto o primeiro, homem, era caracterizado por seu espírito de ação e conquista, a segunda, uma mulher, era a imagem de bondade e zelo à maternidade. Este detalhe religioso mostra como os romanos, até mesmo em sua esfera divina, remetiam o amor a algo feminino. Era à mulher que pertencia o poder de amar e deixar-se amar. Era ela, a mãe e nutriz de tudo que triunfava perante a guerra e desarmava os heróis, como no exemplo das sabinas.

Com relação à instituição do casamento, Carcopino, Grimal e Veyne nos trazem diferentes pontos de vista acerca deste assunto. Enquanto Grimal nos traz a imagem de casamento como uma "iniciação nas coisas divinas, Veyne<sup>213</sup>, ao abordar um período que vai do século I a.C. até por volta do século II d.C, aponta a instituição privada do casamento como proibida para os romanos que viviam antes da era cristã; ainda que todos eles pudessem recorrer à instituição cívica do casamento, visto que não existia demasiada burocracia para a realização deste. Tanto que o autor chega a afirmar que somente o casal poderia ter realmente a certeza de que estavam casados.

Na análise de Veyne, naquela época, as pessoas casavam-se para conquistar um dote e para ter herdeiros. As uniões eram realizadas racionalmente e não pelos sentimentos e, no fim da República, o casamento se tornara um instrumento político. Compreensão com que concorda Grimal: "*Era no casamento, respeitado ou não, que se afirmava o orgulho de uma casta*"<sup>214</sup>. Ainda que frágeis, os casamentos citados por Veyne, continuavam a ser essenciais à sobrevivência dessa sociedade.

---

<sup>213</sup> VEYNE, Paul. Op., cit.

<sup>214</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., p. 270.

A partir de certo momento, conforme nos informa Veyne<sup>215</sup>, o estoicismo, filosofia de grande influência para os antigos, passou a pregar uma nova moral acerca do casamento. A primeira moral dizia que casar era um dos deveres do cidadão; a segunda passava a dizer que os homens de bem só devem fazer amor com o objetivo de ter filhos e não para o próprio prazer. Com essa mudança de moral, o papel da mulher também ganhou um diferente espaço dentro do casamento.

Na “velha moral”, a esposa era apenas um instrumento para fazer-se cumprir o dever de cidadão. Segundo Veyne<sup>216</sup>, sua posição era tal qual um dos demais elementos da casa, assim como os escravos, servos e filhos. O amor conjugal não estava pressuposto na condição deste casamento. Os esposos tinham apenas a obrigação de cumprir suas tarefas e se, além disso, se dessem bem e desenvolvessem algum afeto um pelo outro, isto era visto como uma vantagem. Na segunda moral, a estóica, a mulher já é vista como uma amiga, uma companheira para toda uma vida, ainda que fosse submissa a seu esposo.

A análise de Carcopino<sup>217</sup> que vem a contrapor-se às ideias de Grimal, ao tratar de um amor carnal, acompanha Veyne em seus relatos acerca do casamento e da mulher dentro desta “moral estóica” vigente. Primeiramente, o autor nos remete a três formas de casamento que afirma ter existido na Roma antiga: a *confarreatio*, uma oferenda solene a Júpiter Capitolino, feita diante de um sumo pontífice e de um sacerdote; a *coemptio*, uma venda fictícia da filha pelo pai ao marido; por fim, o *usus*, em que, após a coabitação ininterrupta entre um plebeu e uma patrícia, os mesmos efeitos legais eram conferidos ao casal. A todas essas práticas, uma bem semelhante à praticada por nós na contemporaneidade se seguiu e passou a substituí-las.

---

<sup>215</sup> VEYNE, Paul. Op., cit.

<sup>216</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>217</sup> CARCOPINO, Jérôme. Op., cit.

Na sequência, Carcopino<sup>218</sup> nos mostra a mudança de conceito de casamento durante o Império e a mudança do papel da mulher dentro do mesmo. Segundo ele, diferentemente do que ocorria na época republicana, as mudanças de conceito e práticas do que era casamento em Roma, serviram para dar uma certa liberdade às mulheres na época imperial. Momento em que os casamentos eram baseados não no sentimento, mas na conveniência; no entanto, as mulheres já entravam no casamento em pé de igualdade moral e intelectual com o esposo, pois dispunham de dignidade e autonomia suficientes para criar a imagem de força e de caráter, tão venerada à época.

Carcopino nos traz uma imagem de mulher diferente da apresentada por Veyne, quando este comenta sobre a “moral cívica”, segundo a qual ela era apenas mais um elemento da casa. As mulheres, para Carcopino, eram adoradas e tidas como heroínas; eram “*uma das mais belas encarnações da grandeza terrena*”<sup>219</sup>. As esposas passavam uma imagem de dedicação, distinção e honestidade. Tidas como nobres e puras, muitas eram as mulheres que preferiam morrer junto a seus maridos a deixá-los sozinhos em meio ao sofrimento. Como é o exemplo de Arria, a mãe, casada com Caecina Paetus que, não só foi capaz de cuidar de todos os preparativos fúnebres de seu filho sem deixar que seu marido tomasse conhecimento disto, pois estava muito doente na época, como também salvou o esposo da enfermidade de que padeceu o filho; e, mais futuramente, ao chegar a hora da execução de Paetus, por ordem de Cláudio, chegou a matar-se também.

Carcopino<sup>220</sup> cita-nos Plínio, o Jovem, que, se por um lado, trazia Arria como grande modelo conservador de mãe e esposa, pregava certo liberalismo dos pais para com os filhos; liberalismo esse que, ao fugir do poder dos romanos, por volta do século II d.C., acabou por criar uma geração de filhos mimados, indiscipli-

---

<sup>218</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>219</sup> CARCOPINO, Jérôme. Op., cit., p. 110.

<sup>220</sup> Idem, *ibidem*.

nados e acostumados ao luxo. Por outro lado, em sua própria vida conjugal, o que é observado é certa indiferença resultante de uma possível vingança à liberdade adquirida pelas mulheres, demonstrada por meio da frieza e descaso com relação ao sofrimento de sua esposa ao perder seu filho.

Os novos costumes de casamento em Roma descritos por Carcopino, muito se distanciam do conceito trazido por Grimal que o coloca como uma instituição divina e sagrada. Esses novos costumes tornaram-se responsáveis pela formação de mulheres bastante diferentes das descritas por Plínio, o Jovem. Mulheres que evitavam a maternidade visando à boa aparência, que traíam, abandonavam e rivalizavam com seus maridos sem pudor, tornaram-se comuns durante o Império. Essa “emancipação” feminina foi fator importante para a nova geração de casamentos estéreis em Roma. Sem filhos, as mulheres da aristocracia passaram a dedicar-se a funções tidas, até então, como masculinas. Juvenal critica esse comportamento e vem a elogiar aquelas mulheres que, ainda submissas, “*não compreendiam tudo o que liam*”<sup>221</sup>. Grimal justifica isto que ele chama de “pessimismo”, contido no discurso de Juvenal e demais romanos da época, como despeito de homens que sonhavam com mulheres submissas e tinham que encarar a realidade que lhes era decepcionante.

Decerto, as mulheres (esposas) ocupavam um papel fundamental na organização da sociedade romana. Fica clara, em muitos casos, a “dominação” da mulher sobre o homem dentro dos casamentos, assim como, sua influência política e adoração. No entanto, em contradição à imagem de mulheres puras e nobres, submissas a seus maridos, que chegavam a sujeitar-se à morte diante da condenação destes, o “feminismo”, sobre o que comenta Carcopino, proliferado em Roma durante o Império, teve como resultado mulheres viciadas em álcool, gluttonas; mulheres que, com o objetivo de “viver a vida”, traíam seus maridos sem a menor demonstração de medo ou pudor. A nova legislação atuante no Império dava à mu-

---

<sup>221</sup> CARCOPINO, Jérôme. Op., cit., p. 116.

lher igualdade de direito no que se referia ao adultério e a sua punição, além de dispor de uma maior facilidade para o divórcio. Não havia severidade suficiente na legislação para por fim aos casos de adultérios, mas foi a facilidade de contrair divórcios que reduziu seu número.

Foi com o objetivo de fomentar a natalidade que Augusto redigiu leis que incentivavam o divórcio, de modo que os casamentos estéreis fossem desfeitos e novas e férteis uniões fossem legalizadas. No entanto, a facilidade proveniente destas leis acabou por resultar numa epidemia de divórcios, principalmente em meio à aristocracia, ambiente onde as leis augustanas exerciam maior força. Os casamentos *sine manu*, ao diminuir a autoridade do marido, concedia direitos iguais às mulheres, inclusive o direito de divorciar-se. Caso o matrimônio da mulher fosse adquirido sob o poder de seus ascendentes ou próximos agnatos, cabia, a uma palavra destes, o rompimento da relação. Caso a mulher já houvesse perdido seus pais, cabia a ela mesma pronunciar o rompimento do matrimônio.

Se, por um lado, os divórcios foram facilitados, a ruptura dos noivados foi proibida, visto o grande número dos que foram rompidos como forma de os celibatários adiarem suas bodas, fugindo às leis e sanções. Outro fator diferencial na questão dos divórcios foi o dote. Com as novas leis, a mulher agora, ao divorciar-se podia reaver seu dote, o que lhe asseguraria uma oportunidade para um novo casamento. Com essa mudança, muitos casamentos passaram a ser ainda mais superficiais, pois o que passou a conservar muitas uniões não foi o amor, mas o dote que seria perdido no caso de uma separação.

Juntamente com a mudança de República para Império, novas leis foram efetivadas. Leis essas que mudaram, quase que por completo, a ideia de casamento na Roma antiga. Os costumes e comportamentos femininos mudaram, o papel da mãe e esposa foi revolucionado e quase abolido, a criação dos filhos foi afetada e prejudicada e o aspecto religioso, antes enfatizado no matrimônio, foi deixado para trás.

As distinções de análises do tema pelos três autores é perceptível. Podemos perceber várias situações de divergência em suas obras. Então, a título de exemplificação, vejamos os excertos a seguir:

O amor (...) é o gênio que permite a todos comunicar-se com o princípio universal da vida. O amor dá ao mortal o meio de triunfar sobre a própria morte e perpetuar-se em sua raça e em suas obras<sup>222</sup>.

O amor conjugal era sorte, não base do casamento nem condição do casal. Todos sabiam que o desentendimento era um flagelo difundido por toda parte e resignavam-se; os moralistas diziam que, aprendendo a suportar as falhas e os humores de uma esposa, o homem se formava para afrontar as penas do mundo<sup>223</sup>.

Nenhuma mulher podia corar por romper o casamento, pois as damas mais ilustres haviam adquirido o hábito de contar seus anos não pelos nomes dos cônsules, e sim pelos dos maridos. Divorciavam-se para se casar. Casam-se para se divorciar<sup>224</sup>.

Ainda que se contrapondo em alguns aspectos de suas teses, tanto Carcopino, quanto Grimal e Veyne trouxeram à luz as grandes mudanças que envolveram o conceito de casamento na Roma imperial. As crenças, leis e costumes relacionados ao casamento, vividas durante o Império, serviram para elaborar novos conceitos acerca do que seria esta instituição para os romanos, assim como, a importância do amor para este povo e sua posição, bem como, a da mulher, dentro das diferentes formas de casamento.

Sobre esta mudança de costumes, crenças e conceitos na Roma imperial, Grimal nos traz uma reflexão interessante, seguida de um questionamento, onde ambos nos fazem ver que aquilo que foi vivenciado em Roma, foi a busca por soluções para as exigências da época. Grimal conclui dizendo:

---

<sup>222</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., p. 332.

<sup>223</sup> VEYNE, Paul. Op., cit.

<sup>224</sup> CARCOPINO, Jérôme. Op., cit., p. 124.

Não pensaremos que Roma foi apenas a Babilônia impura, dos amores monstruosos, evocados com muita frequência: ela tentou conciliar as exigências morais e sociais, com as quais o amor tantas vezes conflita, e as aspirações mais profundas da alma, que é perigoso mutilar. Terá conseguido resolver esse problema? Provavelmente não, mas sem dúvida porque ele é insolúvel. Houve no mundo alguma sociedade à qual se possa reconhecer o mérito de tê-lo conseguido?<sup>225</sup>.

---

<sup>225</sup> GRIMAL, Pierre. Op., cit., p. 334.

## BIBLIOGRAFIA

GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins fontes, 1991

CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do império*. São Paulo: Companhia das Letras; Circulo do livro, 1990.

VEYNE, Paul. "O império Romano" In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da Vida Privada: do império romano ao ano mil*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

## FONTES

VERGÍLIO. *Eneida*. Trad: Carlos Alberto Nunes. São Paulo: A Montanha Edições, 1981

## 11 O ADVENTO DO CRISTIANISMO: A GÊNESE DA NOVA RELIGIÃO NA PROVÍNCIA DA PALESTINA

Gustavo Henrique Silva

Desde os primórdios, o homem sempre está em busca de respostas para o inexplicável. Os grandes mistérios foram atribuídos a obras de uma força superior (um deus ou deuses), não cabendo a nós desvendá-los. Quando nos utilizamos desta máxima, automaticamente obtemos uma pseudo-resposta para estas indagações.

Esta é a principal função da religião: confortar os seus seguidores, livrando-os da difícil busca por respostas, pois estas já seriam facilmente encontradas conforme a sua doutrina.

O poder da religião é enorme: por sua causa, guerras foram e são travadas; através dele, a morte de suicidas fundamentalistas é justificada; serve de conforto para as pessoas que idealizam um paraíso, a fim de acalmarem sua alma diante da perda de um ente querido ou ao estarem prestes a morrer. No campo econômico e social, a religião teve o poder aliciante de recrutar trabalhadores para a construção das pirâmides do Egito. Serviu até para justificar o sofrimento de certas "classes" da sociedade medieval e, trazendo esta discussão para a atualidade, os americanos se auto classificam como a "nação escolhida por Deus" para serem hegemônicos economicamente perante o resto do mundo.

No que se refere à religião, o cristianismo é uma das maiores e mais influentes. Mesmo sendo mais jovem do que outras religiões, como o budismo, o hinduísmo e o próprio judaísmo, hoje, mais de um terço da população mundial segue ou afirma seguir os ensinamentos de Cristo. Outro fato que merece destaque é a sobrevivência desta doutrina num cenário bastante hostil: a Palestina.

Região que tem sua história ligada ao império romano, cuja constante expansão permitiu que o poder romano levasse sua jurisdição até a Ásia menor. No ano de 65 a.C. Pompeu converte a Síria em província e, conseqüentemente, a ela anexa a região da

Palestina. No ano de 37 a.C., o senado imperial nomeia como rei da Judéia o aventureiro Herodes, “o grande”. Este sempre agia com astúcia e com o apoio de amigos influentes em Roma para governar o território que se estendia da Síria ao Egito. Herodes logo implantou características do urbanismo romano na região. As principais cidades foram reorganizadas com o alargamento das ruas e a construção de palácios, anfiteatros, piscinas e jardins<sup>226</sup>.

O vasto período de tempo de submissão política, o excesso de taxas exorbitantes e a opressão do governo motivaram uma forte resistência ao domínio romano na região. Durante este período, eram comuns as insurreições populares que eram, em sua maioria, arquitetadas pela ordem dos zelotas<sup>227</sup>. A propagação das ideias desta seita foi facilitada pela situação social e econômica da região; ultranacionalistas, eles pregavam a eliminação de todo estrangeiro das terras da Judéia, mesmo que, para isto, fosse necessário o uso da força. Por estas características, este grupo era bastante perseguido pelas autoridades romanas.

Os vários fracassos dos levantes e lutas armadas contribuiriam para o fortalecimento de uma antiga crença judaica: a vinda de um messias. Não havia uma unanimidade sobre o assunto, mas grande parte do povo judeu acreditava que um verdadeiro descendente da casa de Davi libertaria o seu povo de todo o sofrimento e humilhação, impostos pelos romanos. Alguns (os zelotas, principalmente) acreditavam que esta libertação se daria através da liderança de um salvador sobre os exércitos semitas.

---

<sup>226</sup> BENOIT, André; SIMON, Marcel. *Judaísmo e cristianismo antigo*: de Antíoco Epifânio a Constantino. Trad.: Sonia Maria Siqueira Lacerda. São Paulo: EDUSP/Pioneira, 1987, p. 53.

<sup>227</sup> Seita religiosa dissidente dos fariseus, os zelotas eram compostos pelas camadas mais simples da população, camponeses em sua maioria. Esperavam a vinda do messias para que este pudesse libertar os judeus do domínio de Roma, libertação que se daria através do uso da força. Sobre a questão veja: FURNARI, Pedro Paulo. *O contexto histórico em que viveu Jesus*. São Paulo: Duetto, 2006 (Revista História Viva-Grandes Religiões 1 - Cristianismo).

É neste contexto conturbado, tanto no âmbito político, como no religioso, que nasce Jesus, cujo nascimento pode ser associado à origem da religião cristã. Na obra *Judaísmo e cristianismo antigo*, Marcel Simon e André Benoit nos fala que “as origens do cristianismo encontram-se na personalidade, no ministério e na pregação de Jesus (...)”<sup>228</sup>.

José, pai de Jesus, era natural de Belém<sup>229</sup> e, seguindo as regras de recenseamento impostas por César Augusto, teve que se dirigir, junto com sua mulher grávida, até a sua cidade natal. Chegando a esta, Maria teria dado à luz ao menino batizado com o nome Jesus. Começa aí a primeira dúvida a respeito do nascimento de Cristo<sup>230</sup>, pois alguns estudiosos afirmam que a cidade natal de Jesus é o povoado de Nazaré. A segunda incompatibilidade diz respeito às datas; os dois primeiros evangelhos narram que Jesus foi concebido no período final do reinado de Herodes e morto em 4 a.C.. Já os livros de Lucas e João, mostram que o seu nascimento se deu entre os seis primeiros anos da era cristã, período em que ocorreu o recenseamento na província romana.

Os confrontos e as diferenças de fatos e datas não ocorrem apenas em relação ao nascimento de Jesus; os evangelhos sinópticos<sup>231</sup> mostram disparidades em relação ao livro de João no que diz respeito à data de sua morte, que poderia variar de 30 a 36 d.C., bem como, no que toca ao tempo de seu ministério. Segundo Marcos, a vida de pregações de Jesus teria durado por volta de um ano. Em contrapartida, o evangelista João escreve que a vida pública de Cristo durou no mínimo três anos.

O fato que dá início ao ministério de Jesus foi a sua participação no ritual de imersão nas águas do rio Jordão, cerimônia que

---

<sup>228</sup> BENOIT, André; SIMON, Marcel. Op., cit., p. 85.

<sup>229</sup> Povoado localizado a 8 km de Jerusalém.

<sup>230</sup> A palavra Cristo vem do grego: *Christós*, que significa “o Ungido”. Palavra que na língua hebraica é escrita deste modo: *Meshiha*, Messias.

<sup>231</sup> São denominados sinópticos os três primeiros evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas respectivamente) por possuírem enorme semelhança em seus conteúdos.

foi ministrada por João batista, homem que provavelmente participava de uma seita que tinha por objetivo principal anunciar a “boa nova” e preparar a vinda do messias. Ele passara um bom tempo no deserto, onde se vestia com peles de camelo e se alimentava de gafanhotos e de mel silvestre<sup>232</sup>.

Após o batismo no Jordão, Jesus parte em retirada para o deserto da Judéia, onde permaneceu durante 40 dias, alimentando as necessidades físicas com os dons do espírito, a fim de alcançar uma elevação. Em meio a desfiladeiros e ravinas, conforme nos informam as escrituras, Jesus era posto à prova e tentado pelo demônio<sup>233</sup>.

Após este acontecimento e tendo ciência da prisão de João, Jesus retorna à região da Galiléia<sup>234</sup>, localizada à cidade de Cafarnaum; aí inicia suas pregações de conteúdo muito semelhante aos discursos de João, de quem se diferenciava por, ao invés de anunciar a vinda do messias, reivindicar para si tal denominação. No início de seu ministério, a mensagem era simples: “arrependam-se dos seus pecados porque o reino dos céus está próximo”<sup>235</sup>. Este tipo de pregação, saliente-se, já era anunciada por João Batista.

Foi na Galiléia que Jesus recrutou seus primeiros seguidores, a quem denominou de apóstolos<sup>236</sup>. Estes seguidores eram pescadores, constituindo um grupo bastante marginalizado; era justamente entre os mais excluídos que a mensagem de Cristo ia sendo

---

<sup>232</sup> Mt. 3. 4-6.

<sup>233</sup> Segundo a visão cristã: espírito imundo, muito astuto, que se opõe a Deus e ataca as pessoas com todo tipo de males. Cf.: KASCHEL, Werner. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 52.

<sup>234</sup> Uma das províncias da terra de Israel; era localizada ao norte e destacava-se por sua riqueza agrícola. Os galileus tinham fama de serem atrasados culturalmente.

<sup>235</sup> Mt. 4. 25

<sup>236</sup> Cada um dos 12 homens que Jesus escolheu para serem seus seguidores e para lançarem as bases da igreja (Mt 10.2-4; Ef 2.20). Apóstolo quer dizer “mensageiro”, isto é, aquele que é enviado para anunciar a mensagem de Deus. Por anunciarem o evangelho, Paulo e alguns outros também foram chamados de apóstolos (1Co 1.9; At 14.14).

aceita com maior facilidade. Isso por conta das frustrações geradas pelas revoluções armadas. Esta nova perspectiva surgiu como uma alternativa aos problemas gerados pela dominação romana. Era um momento em que o discurso pacifista, aparentemente impossível de ser pensado em uma época tão conturbada, ganhava espaço, como se o povo estivesse dando uma chance ao diferente. Deste modo, Jesus ganhava fama em toda a região.

O anúncio do reino é o eixo central da mensagem de Cristo, sofrendo algumas variações, conforme as fases que seu ministério ia atravessando. Vejamos o que Simon e Benoit nos mostram a respeito disso:

Alguns textos apresentam o reino como fato do futuro – futuro que se imaginava em geral muito próximo – cujo advento dar-se-ia de um só golpe, como a instantaneidade do relâmpago, em momento só conhecido por Deus. Outros ao contrário, dão a entender que as palavras e atos de Jesus já constituíam uma espécie de antecipação do reino, assinalando a fase inaugural de um processo de que o resultado final e o completo desabrochar estariam no futuro, a se cumprir após uma série de cataclismos<sup>237</sup>.

Jesus procurava, também, dá novas interpretações às Leis de Moisés<sup>238</sup>, mas sem alterar sua fundamentação:

Não pensem que eu vim para acabar com a lei de Moisés ou com os ensinamentos dos profetas. Não vim para acabar com eles, mas para dar o seu sentido completo. Eu afirmo a vocês que tudo isto é verdade: enquanto o céu e a terra durarem, nada será tirado da lei – nem a

---

<sup>237</sup> BENOIT, André; SIMON, Marcel. Op., cit., p. 85.

<sup>238</sup> Com muita frequência, o termo é usado para designar os cinco primeiros livros do antigo testamento, o Pentateuco. Neste sentido, o termo geralmente aparece com a inicial maiúscula. Várias vezes outras expressões são usadas com este mesmo sentido, como “Lei do Senhor”, “Livro da Lei”, “Livro de Moisés”. Esta Lei se refere aos mandamentos, preceitos e regras da Aliança do Sinai, dados a Israel por intermédio de Moisés (Rm 3.19-20; Gl 3.17-21).

menor letra, nem qualquer acento. E assim será até o fim de todas as coisas<sup>239</sup>.

Mesmo não modificando a ideia central dessas leis, estas novas interpretações acabaram despertando grande desconfiança entre as ordens religiosas mais conservadoras, principalmente entre os fariseus<sup>240</sup>, ordem judaica bastante afastada das demais por cumprir rigorosamente as leis da Torá. Seus membros foram bastante criticados por Jesus justamente por se aterem às minúcias de ordem formal e esquecerem a essência das leis.

Outro fato que chama a atenção destes grupos mais inflamados é o modo com que Jesus se refere a Deus, chamando-o de pai, tipo de referência que, à época, era considerada uma blasfêmia grave. Estas facções judaicas viam o divino como algo muito distante, tão distante a ponto de não se poder mencionar diretamente o nome de Deus.

O questionamento de alguns dogmas judaicos também foi causa de discussões bastante acaloradas. Como exemplo, podemos citar o momento em que Jesus e seus discípulos recolhem espigas de trigo num sábado, dia dedicado entre os judeus para o descanso e total adoração e, ao ser censurado pelos fariseus, responde: *“o sábado foi feito para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado”*<sup>241</sup>.

Ao discursar contra a riqueza e o acúmulo desmedido de bens, dizendo que *“é mais difícil um rico entrar no Reino de Deus do que um camelo passar pelo fundo de uma agulha”*<sup>242</sup>, Jesus acaba despertando a ira de outro grupo judeu: os saduceus<sup>243</sup>. Grupo que, mes-

---

<sup>239</sup> Mt. 5. 17.

<sup>240</sup> Fariseu em hebraico significa separado; separatista. Mesmo sendo duramente criticados por Jesus, esta ordem acabará influenciando a religião cristã por possuírem a crença na imortalidade da alma, na existência de seres celestiais e na ressurreição da carne.

<sup>241</sup> Mc 2. 27.

<sup>242</sup> Mc 10. 25.

<sup>243</sup> Os saduceus baseavam seus ensinamentos principalmente no Pentateuco (cinco primeiros livros da Bíblia). Negavam a ressurreição, o juízo final e a existência de anjos e espíri-

mo pequeno quantitativamente, possuía grande influência, por ser composto por grandes proprietários de terras e pela elite sacerdotal que comandava o Sinédrio<sup>244</sup>. Apenas o fato de Jesus se compadecer dos leprosos<sup>245</sup> e andar em meio a mulheres, pescadores, cobradores de impostos e outros grupos marginalizados, contribuiu para aumentar a desconfiança desta ordem religiosa.

Estes acontecimentos acabam unindo as duas facções, até então rivais – fariseus e saduceus – num objetivo comum: seguir os passos de Jesus e esperar um momento propício para efetuar a prisão deste novo líder. Sacerdotes e outras autoridades representantes destas seitas passaram a camuflar-se em meio à multidão em todas as pregações de Cristo, chegando a argui-lo sobre questões delicadas da época, com a intenção de pegá-lo em contradição para, assim, censurá-lo.

A gota d'água que fez com que os fariseus e saduceus partissem para uma articulação voltada ao campo da ação, foi a entrada de Cristo em Jerusalém montado num jumento. Fato que recebe em sua narrativa bíblica um caráter triunfal e, nos dias de hoje, levanta algumas questões. Pesquisadores afirmam que Jesus estava apenas ironizando com as autoridades romanas que, ao mesmo tempo, desfilavam do outro lado da cidade em seus cavalos de guerra. Mas, se este episódio reuniu uma grande massa para saudar Jesus, onde estaria este povo no momento que ele foi levado a Pilatos<sup>246</sup>? Por que não se manifestaram em favor de Cristo quando o pretor

---

tos. Por pensarem de forma bastante diferente, os saduceus nunca se deram bem com os fariseus. Esses grupos se unem apenas para combater Jesus e seus seguidores. Cf.: KASCHER, Werner. Op., cit., p. 141.

<sup>244</sup> O mais alto tribunal religioso dos judeus, do qual faziam parte os sumos sacerdotes (o atual e os anteriores), chefes religiosos (anciãos) e professores da lei. Tinha 71 membros, incluindo o presidente (Jô 11. 47). Cf.: Idem, *ibidem*, p. 146.

<sup>245</sup> A lepra não era considerada uma doença comum, e sim um castigo de Deus para aqueles com excesso de pecados, por isso, os leprosos eram hostilizados e isolados da sociedade.

<sup>246</sup> Governador romano da Judéia no período de 26 a 36 d.C.

da Palestina permitiu que a população escolhesse entre Jesus de Nazaré e Jesus Barrabás, para escapar da pena de morte e ser libertado?

A expulsão dos comerciantes do templo de Jerusalém também foi um fato importante para que arquitetassem com maior gana a execução de Jesus, pois ao cometer este ato, Cristo atingia diretamente a ordem dos fariseus, um grupo formado basicamente por comerciantes e artesãos, além de, automaticamente, reivindicar para si uma autoridade sobre o templo que nem o mais importante dos sacerdotes havia reivindicado.

Para complicar ainda mais a situação, boa parte da população que estava ao lado de Cristo no decorrer do seu ministério, simplesmente abandona a sua causa. Isto se deu ou por falta de paciência em relação ao seu discurso pacifista, ou por medo de represálias, já que o cerco destas autoridades se fechava cada vez mais.

Diante de todos estes acontecimentos, ocorre o que parecia inevitável: Jesus é preso. Isto ocorre após a famosa traição de Judas, um de seus apóstolos. Com isso, o nome de Judas é considerado até hoje sinônimo de traidor; mas, teria mesmo Judas traído a Jesus apenas pelo fator financeiro? Estuda-se a hipótese de que ele seria simpatizante das causas mais reacionárias e, ao ver que a mensagem de Cristo em nada estava contribuindo para a expulsão dos romanos do território palestino, vende-o no intuito de usar o dinheiro para apoiar esta luta. Especula-se também que o discípulo era um zelota que no momento estava apostando nesta nova alternativa, mas, no fim, acabou frustrando-se<sup>247</sup>.

---

<sup>247</sup> De acordo com alguns estudiosos, Judas de Iscariotes teria sido membro da seita dos zelotas. No quadro de um Messianismo Político do séc. I da era cristã, estaria convencido de que ele, com todo o seu poder, concretizaria a chegada do Reino tão desejado por Israel. Mas, com o tempo, teria começado a sentir-se desiludido, porque Jesus não teria correspondido aos seus ideais e expectativas. Desencantado com Jesus, o teria entregue ao Sinédrio para, assim, unir o povo judeu numa revolta contra Roma e desencadear o estabelecimento imediato do Reino de Deus. Cf.: BORGES, Anselmo. *Diário de notícias*. Secção

Logo, após a sua prisão, Jesus é levado até a casa de Anás, sogro do grande sacerdote Caifás. Lá, é arguido de várias formas a fim de que conseguissem um bom motivo para crucificá-lo. E, logo, arranjam tal acusação.

Como as autoridades judaicas não tinham permissão para sentenciar penas capitais, recorreram ao pretor romano Pôncio Pilatos que não entendeu de imediato o que havia ocorrido para que um homem, aparentemente inofensivo, despertasse tanta ira nas seitas religiosas mais importantes.

Ao cumprir uma velha tradição de páscoa que consistia em deixar que o povo escolhesse um preso a ser solto, Pilatos, segundo os evangelhos, fica bastante surpreso ao ver que a população escolhe Jesus Barrabás ao invés de Cristo. Ora, isso faz total sentido, pois Barrabás era um zelota que sempre esteve à frente de revoltas e levantes contra Roma. Ele seria muito útil em novas insurreições, ao contrário de Jesus, que pregava uma libertação espiritual e discursava que todos os males sofridos em vida, seriam recompensados com a vida eterna no reino dos céus.

Mesmo ciente de que não havia motivos para condenar Jesus à morte, Pilatos decide acatar o pedido das autoridades sacerdotais temendo aumentar a ira do povo judeu e a instabilidade política da província, pois se a situação da Palestina se agravasse, ele corria o risco de perder o seu cargo.

Desta forma, Jesus é condenado à crucificação, tipo de pena de morte utilizado pelos romanos de forma corriqueira na época. Mas, mesmo sendo um instrumento tão comum, a cruz acabou ganhando um caráter mítico; tornou-se símbolo da religião cristã e passou a ser associada, de forma exclusiva, ao martírio físico sofrido por Cristo.

A cruz possuía vários formatos além da tradicional representada pelos cristãos; podia ter forma de "X", ou apenas uma haste fincada ao chão verticalmente. A vítima nem sempre era pregada;

poderia ser açoitada e amarrada até que morresse, ter apenas os pulsos pregados, ser dependurada de cabeça para baixo até não resistir mais, dentre outras formas. Apenas uma coisa parece certa: a grande maioria das vítimas não tinha os seus corpos sepultados. Eram devorados por corvos e cães comedores de carniça. São raras as tumbas de casos de crucificação que a arqueologia conseguiu encontrar. Isto só alimenta a discussão entre céticos e religiosos a respeito da ressurreição de Cristo. De um lado, os crentes afirmam que o corpo de Jesus não pode ser encontrado porque a profecia se cumpriu e, no terceiro dia, após sua morte, ele ressuscitou. Já os estudiosos, que não são ligados à religião, defendem que o corpo não é encontrado porque este tipo de sentença não permitia que os restos mortais pudessem ser recolhidos.

Se finda, assim, a vida de Jesus Cristo, mas suas ideias dão origem a uma seita do judaísmo que, inicialmente, foi duramente perseguida tanto por esta religião, quanto pela religião tradicional romana. Mesmo com muitas adversidades, conseguiu espalhar-se por quase todo o império, finalmente atingindo, no ano de 313, a oficialização. Origina-se então o cristianismo, uma das maiores e mais influentes religiões do mundo atualmente.

## BIBLIOGRAFIA

BENOIT, André; SIMON, Marcel. *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epi-fânio a Constantino*. Trad.: Sonia Maria Siqueira Lacerda. São Paulo: E-DUSP/Pioneira, 1987.

BIJAOU, Remy. *O processo de Judas*. Imago, 1999.

COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Trad.: Frederico Ozanam P. de Barros. São Paulo: Editora das Américas, s/d.

DIAKOV, Victor; KOVALEV. *História da antiguidade*. Lisboa: Editora Estampa, s/d.

FURNARI, Pedro Paulo. *O contexto histórico em que viveu Jesus*. In: Revista História Viva: Grandes religiões-Cristianismo. São Paulo: Duetto, 2006.

HITCHCOCK, Susan Tyler; ESPOSITO, John L. *História das religiões: onde vive Deus e caminhamos peregrinos*. São Paulo: Editora Abril, 2005.

KASCHEL, Werner. *Dicionário da bíblia de Almeida*. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

## FONTES

BÍBLIA SAGRADA. Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Paulinas, 2005.

*National Geographic*, abril de 2006.

*História Viva*, novembro de 2003, pp. 61-65.

BORGES, Anselmo. *Diário de notícias*. Secção Opinião, 21/5/2006.

## 12 FACES DA ANTIGA GERMÂNIA: O COTIDIANO NA VI- SÃO DE TÁCITO

Jean Paul Gouveia Meira

Nesta pesquisa, procuramos compreender como foi possível a construção do primeiro relato sobre os povos germânicos (a *Germânia*) pelo historiador romano Caio Tácito, durante os sécs. I e II d.C., a partir dos procedimentos teóricos e metodológicos da historiografia romana por ele utilizados. Ao longo dos estudos sobre a *Germânia*, percebemos, de um lado, que existem muitos traços da civilização romana que influenciaram as tribos germânicas; de outro, que o Império Romano estabeleceu contatos com elas a partir de seus interesses políticos, econômicos, sociais e culturais.

Assim, neste trabalho buscamos perceber nas experiências cotidianas dos germanos narradas por Tácito, o contexto das relações romano-germânicas. Além disso, interessa-nos mostrar algumas influências, provocadas pelo contato com os germanos, na obra deste historiador romano.

De início, buscamos informações sobre Caio Tácito, para, em seguida, relacioná-lo ao contexto histórico em que se situa a obra *Germânia*, como também, a maneira pela qual esse historiador interpretou o conceito de história. Depois, mapeamos as descrições realizadas por Tácito sobre os germanos, povo que é o foco por ele abordado. Finalmente, procuramos entender os resultados da fusão de elementos romanos e germanos em ambos os povos. Para efetivação desta pesquisa, utilizamos como suporte a obra *Germânia* de Tácito e, além disso, dialogamos com Jérôme Carcopino, Breno Silveira, R. G. Collingwood, Jaques Le Goff, entre outros historiadores que compartilham das novas abordagens sobre a história clássica.

Sendo assim, o mais que se conhece de *Publius Cornelius Tacitus* é tomado das referências que o próprio historiador fez de si mesmo em seus escritos. A melhor fonte, neste assunto, são as onze cartas que Tácito enviou ao seu amigo íntimo, Plínio, o Moço. Cidadão de rica família, Tácito nasceu em 55 e viveu até os 65 anos de

idade; atravessou a fase de governo de vários imperadores; foi questor durante o reinado de Vespasiano<sup>248</sup>, tribuno no governo de Tito; em 88, tornou-se pretor. Como tal, admite-se que tenha ido administrar uma província nas redondezas da Germânia. “*Das oportunidades proporcionadas pelo posto que foi ocupar é que resultou o livro Germânia, trabalho de observação arguta e profunda a respeito dos povos ‘bárbaros’, contra os quais advertiu os Romanos, por constituírem, no seu pensar, ‘ameaça’ à segurança do Império*”<sup>249</sup>.

Mas, apenas durante os anos do governo de Nerva Trajano<sup>250</sup>, os romanos entraram em duras guerras com esses povos habitantes da região que corta os rios Reno e Danúbio, conhecida na época como Germânia. Tácito já havia voltado para Roma, onde conquistou o *status* de cônsul em 97; era também um eminente homem público, reconhecido por sua oratória. Foi na Roma de Trajano que a vida desse historiador, então senador, se fez próspera. “*(...) se viu aureolado de todas as mais elevadas dignidades públicas e intelectuais a que um cidadão do seu tempo poderia aspirar - afora a dignidade de imperador*”<sup>251</sup>.

Entretanto, não seria possível apresentar, com apreciável suficiência, a figura de Caio Tácito e sua obra *Germânia* sem se esboçar o quadro da época em que ele atuou. Mais precisamente, o Império de Trajano, período em que foi escrita uma importante descrição das tribos germânicas, considerada precisa para a época. Tribos, contra as quais os romanos estavam em guerra.

Sendo assim, Trajano foi o imperador em cujo governo o Império Romano atingiu sua máxima extensão. As riquezas obtidas dos saques das regiões conquistadas serviram grandemente para o financiamento de novas construções no Império, o que provavelmente era importante para os romanos conquistarem a aceitação

---

<sup>248</sup> O reinado de Vespasiano começou em 69 d.C. e encerrou-se em 79 d.C.

<sup>249</sup> SILVEIRA, Breno. *Prefácio*. In: TÁCITO. Anais. Trad.: J. L. Freire de Carvalho. São Paulo: W. M. Jackson Editores, 1950, p. 6.

<sup>250</sup> O governo de Trajano começou em 98 d.C. e encerrou-se em 117 d.C.

<sup>251</sup> TÁCITO. Op., cit., p. 7.

das províncias anexadas, sobre quem se consideravam superiores. Entre essas obras, destaca-se a criação do foro de Trajano que, situado no centro da *urbe*, ligava o foro de César ao de Augusto: “no centro da praça erguia-se a estátua equestre do imperador”<sup>252</sup>. Era nessa praça que as pessoas se encontravam para as conversas de todos os tipos, principalmente no que tange aos aspectos políticos. Aí também, eram proferidos os discursos dos imperadores e dos oradores, a exemplo de Tácito.

Situada a um metro acima do foro, a Basílica Ulpia, assim chamada em homenagem à família de Nerva Trajano, o superava em opulência. “Separava as duas bibliotecas em estreito quadrilátero de 24 por 16 metros, no meio do qual se erguia, e se conserva ainda hoje, quase intacta, a maravilha dessas maravilhas: a Coluna de Trajano”<sup>253</sup>. Apenas mais tarde, a coluna de Trajano se tornaria o túmulo de seu autor, que decidira erigi-la com a finalidade de eternização das vitórias sobre o inimigo externo.

Por um lado, Marco Úlpio Nerva Trajano se preocupou em realizar aquelas construções, necessárias para melhorar as condições de vida dos cidadãos: abriu caminhos em terras distantes, criou novas vias, construiu aquedutos e pontes, entre os quais se destaca o que fez sobre o Danúbio para facilitar a conquista da Dácia.

Por outro lado, levantou edificações que, além de contribuir para a perpetuação de sua memória, buscavam o embelezamento da *urbe*, assim como, um aumento das possibilidades de diversão dos romanos: teatros, circos, termas, etc.

Entretanto, durante todo o primeiro século da era cristã, Roma possuía um contexto político-social marcado por tiranias, por inquietações, por luxos desregrados e por intimidação. Eram sempre constantes as conspirações. O objetivo imediato geralmente era o assassinato de um imperador, senador, tribuno ou juiz, além das delações de companheiros para se conseguir favores do monarca.

---

<sup>252</sup> CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do império*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do livro, 1990, p. 22.

<sup>253</sup> Idem, *ibidem*.

Diante disso, a ascensão ao poder por Trajano trouxe para o senado a recuperação da liberdade perdida, pois com a colaboração deste, o imperador implantou o voto secreto e efetuou um plano de regeneração moral e política que teve consequências na administração, na justiça e na economia. Preocupou-se em aumentar os recursos dos impostos, com o fim de levar a cabo sua política de construções e melhorias na infraestrutura. Desse modo, o tempo favorecia o aumento da natalidade.

Assim, não podemos esconder que a capital do Império devia sofrer os efeitos de um superpovoamento pior que os das nossas. Se em sua época alcançou um desenvolvimento tão grande, guardadas as proporções, quanto Nova York na nossa; se Roma, rainha do universo antigo, deusa dos continentes e das nações, é Roma, que nada iguala e da qual nada se aproxima, tornou-se, no tempo de Trajano, a cidade tentacular e colossal cuja grandeza deixava perplexos os estrangeiros e os provincianos, como a da metrópole americana surpreende a Europa de hoje, parece que ela pagou ainda mais caro o gigantismo com o qual seu papel dominador acabou por afligi-la<sup>254</sup>.

Nesse contexto, antes de entrarmos nas considerações em torno das descrições dos povos germanos, convém que exponhamos a maneira pela qual Tácito interpretou o conceito de história. Ele não deixou em parte alguma de suas obras, a definição clara daquilo que entendia que devia ser a História. Através de suas obras, é que podemos esboçar algumas compreensões. Para Tácito, a história tinha como princípio básico a pesquisa para o encontro da verdade e do ensinamento moral. A verdade deveria ser procurada nos documentos oficiais, ou nas conversações com figuras austeras, sobreviventes às ocorrências narradas. Segundo Collingwood: *“Tácito imita a perspectiva estreita dos gregos do século V a.C., sem imitar as suas qualidades. Preocupou-se excessivamente com a história das ocorrências na cidade de Roma, negligenciando o Império, ou vendo-o ape-*

---

<sup>254</sup> CARCOPINO, Jérôme. Op., cit., p. 40.

nas refractado através dos óculos dum romano que não sai de casa"<sup>255</sup>. Sendo assim, a sua visão dessas ocorrências exclusivas da cidade de Roma é, para Collingwood, extremamente estreita. Para tanto, ele sempre esteve a serviço dos senadores, desprezando uma administração pacífica, em contraposição a uma administração pelas conquistas e pela glória militar.

Seguindo esses preceitos, Tácito descreve, de um modo geral, os germanos sobre os seguintes aspectos:

1. *Características físicas*: São fortes devido ao clima e ruivos com olhos azuis.

2. *Organização política*: "Os reis são eleitos conforme a sua nobreza, mas os capitães, escolhidos segundo a sua capacidade"<sup>256</sup>. Entretanto, esse poder não é absoluto. Nesse contexto, os reis costumam deliberar a respeito das coisas mais simples, pois as de maior importância são tratadas em assembleias. Em dias com lua nova e lua cheia, eles tratam dos negócios por acharem momentos mais favoráveis. Ademais, era desonroso para o príncipe ser excedido por seus soldados em bravura no campo de batalha, pois esses não poderiam igualá-lo em valor.

3. *Justiça*: "As penas não são consideradas como castigos ou execução das ordens de um comandante, mas impostas pelos deuses"<sup>257</sup>. Elas variam de acordo com o delito. Por exemplo: para traidores, tinha-se o enforcamento nas árvores; para covardes e efeminados, oferecia-se afogamento nos pântanos, com uma grade por cima da cabeça. Se por acaso o acusado confessasse seus erros, as penas seriam mais leves, a exemplo da cobrança de multas de uns cavalos ou de cabeças de gado. Sendo assim, parte dessas multas era paga aos reis ou à comunidade e, outra parte, era dada ao ofendido e à sua família. Eram as assembleias que elegiam os chefes responsáveis pela

---

<sup>255</sup> COLLINGWOOD. R. G. *A ideia de História*. Trad.: Aberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, s/d. p. 67.

<sup>256</sup> TÁCITO. *Germania*. Disponível em:

<<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/germania.html>> Acesso em: 17/12/2006.

<sup>257</sup> Idem, *ibidem*.

justiça, além da eleição de cem homens como assistentes. Ademais, uma pessoa tornava-se cidadã e poderia usufruir de seus direitos, a partir do momento em que se torna um bom soldado bem armado. Entretanto, não armam um indivíduo sem o consentimento do Estado.

4. *Organização militar*: “Como se pode supor pelas suas armas, não há ali ferro em abundância.”<sup>258</sup>. Eram raros os que utilizavam gládios ou lanças maiores; no geral, usavam *frâmeas*, de fino e curto ferro, mas tão aguçadas e de fácil manejo, pois com essas mesmas armas, lutavam de perto ou de longe. Nesse contexto, os soldados da cavalaria guerreavam com escudo e *frâmea* apenas, “e seus cavalos não primam pela elegância e pelo porte, nem pela agilidade nem tampouco são treinados na variação dos movimentos”<sup>259</sup>. Já a infantaria utilizava lanças, flechas e dardos. Esses guerreiros andavam nus ou cobertos de um saiote e, além disso, não colocavam nenhum enfeite em seus corpos além dos escudos das mais variadas cores. Ademais, suas táticas de guerra consistiam em atacar sempre em conjunto de maneira que ninguém ficasse na retaguarda. Sendo assim, o exército era composto em forma de cunha. Nessas batalhas, era considerado um crime caso um dos combatentes perdesse seu escudo, tendo como punição a proibição de assistir aos sacrifícios e de tomar parte nas assembleias. Eles carregavam os corpos de seus companheiros mesmo no perigo da batalha. Além disso, mulheres e crianças acompanhavam seus homens nos combates.

5. *Economia*: Devido ao clima áspero e duro, a maioria dos solos da Germânia era fértil em grãos, mas não em frutas; as terras cultiváveis eram repartidas proporcionalmente ao número dos que as cultivavam. Ademais, essas regiões eram fecundas em rebanhos. Entretanto, “não sei se foi por mal ou por bem, o certo é que os deuses lhe negaram ouro e a prata”<sup>260</sup>. Nesse contexto, as práticas de empréstimo, de lucro e de usura eram desconhecidas entre os germanos. No

---

<sup>258</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>259</sup> TÁCITO. *Germânia*. Op., cit.

<sup>260</sup> Idem, *ibidem*.

caso da questão dos escravos, eles possuíam habitação própria e governavam a si mesmos. Recebiam certa quantidade de gêneros, de gado e de roupas, e nisto se baseava sua escravidão. Entretanto, o crime praticado contra o escravo não recebia punição.

6. *Habitações*: “É sabido que os germanos não habitam em cidades cercadas, nem admitem a construção de casas umas próximas das outras”<sup>261</sup>. Além disso, não edificam as aldeias, diferentemente dos romanos. Ademais, não usam pedra ou telha, mas a madeira bruta, sem preocupação com estética. Costumavam escavar subterrâneos para se protegerem do frio e armazenarem os víveres.

7. *Família*: “As mães não entregavam os filhos às servas ou às damas: elas próprias os amamentam”<sup>262</sup>. Os filhos sempre herdavam e, por isso, não precisavam de testamentos. Existia um forte carinho pelos tios igualando-se ao dedicado aos pais.

8. *Casamento*: O marido tinha que oferecer o dote à mulher; geralmente eram bois, um cavalo e um escudo com a *frâmea* e o gládio. Se a mulher aceitasse, ela tinha que oferecer armas ao esposo. “Os adultérios eram raríssimos entre povo tão numeroso e quando há a punição não se faz esperar e cabe ao marido ministrá-la”<sup>263</sup>. Poderia expulsá-la de casa, cortar-lhe os cabelos e desnudá-la na presença de parentes. Essas adúlteras não encontravam nunca mais quem as recebessem como esposa. Além disso, não existia o ideal de amor, elas se casavam por intenções pro-criativas e, por isso, limitar o número de filhos era considerado um grave crime.

9. *Vestimentas*: Usavam roupas simples como uma saia com uma fivela, e o resto do corpo ficava descoberta. “Os mais ricos se distinguem pelo traje, não tão amplo como o dos sármatas ou o dos partos, mas bem ajustado e tanto, que se lhes desenham os contornos do corpo”<sup>264</sup>. Em outros casos, também se vestiam de peles de animais, geralmente eram os habitantes do interior da região da Germânia. Al-

---

<sup>261</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>262</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>263</sup> TÁCITO. *Germânia*. Op., cit.

<sup>264</sup> Idem, *ibidem*.

gumas mulheres gostavam de usar roupas de linho, listradas de púrpura, além de deixarem os ombros, braços e seios descobertos.

10. *Refeições*: Os germanos eram bons hospitaleiros e negar a estadia a um peregrino era considerado um crime. Ademais, “*assim que despertam, pois de ordinário se levantam já com alto sol, lavam-se às mais das vezes em água quente, como se vivessem em permanente inverno*”<sup>265</sup>. Em seguida, tomavam “*café da manhã*” sempre armados, em mesas separadas. Comiam frutos silvestres, o que caçavam e leite coalhado. Bebiam muito e a embriaguez não era considerada um aspecto vexatório. Além disso, fabricavam um licor de cevada e trigo fermentado à semelhança do vinho que apreciavam muito.

11. *Espetáculos e jogos*: Os espetáculos são todos de um único gênero: “*rapazes nus que se exercitam neste jogo, saltam e dançam por entre as pontas das espadas e das frâneas contrapostas*”<sup>266</sup>. Faziam isso sem nenhuma remuneração. Também jogavam dados e acabavam até apostando a sua liberdade e o seu corpo.

12. *Religião*: os germanos tinham como principais deuses Mercúrio, Hércules, Marte e Ísis (divindades vindas da Grécia, de Roma e do Egito), afora Tuistão e seu filho Mano que são os fundadores das cidades da Germânia. Deuses que são reverenciados com cantos, sempre com súplicas voltadas para se obter uma boa vitória nas guerras. Além disso, muitos sacrifícios humanos são oferecidos, principalmente ao deus Mercúrio. Esses deuses não têm fisionomia humana, são naturais. As venerações geralmente ocorriam nos bosques e nas selvas. De resto, “*os funerais eram realizados sem pompa. Em relação aos homens ilustres costuma-se queimar-lhes os corpos com lenha especial, de madeira odorífera*”<sup>267</sup>. Lançavam nessas fogueiras as armas dos mortos e seus cavalos.

Outro dado importante a ser considerado trata-se da fusão de elementos germanos e romanos na cultura de ambos os povos. Sendo assim, o primeiro esboço dessa fusão foi a anexação desses

---

<sup>265</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>266</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>267</sup> TÁCITO. *Germânia*. Op., cit..

germanos pelo exército romano, além da instalação de algumas dessas tribos em seu território como federados. Isso foi promovido pelos romanos não só para neutralizarem seus ataques, mas também para confiar-lhes o cultivo de terras e manter com eles relações comerciais. Conforme Jacques Le Goff:

De facto, há duas atitudes romanas tradicionais perante os Bárbaros. A princípio, conforme as circunstâncias e os homens, dispunham-se a acolher os povos que se lhes apinhavam à porta e, mediante o estatuto de federados, respeitavam-lhes as leis, os costumes e a originalidade; desse modo lhes moderavam a agressividade e faziam deles, em seu proveito, soldados e camponeses – minorando a crise de mão-de-obra militar e rural<sup>268</sup>.

Nesse contexto, Roma adotou, além de táticas de guerra, armamentos eficazes em batalhas desconhecidos dos romanos, como a espada comprida, cortante e a pontiaguda. Além disso, possuíam técnicas metalúrgicas muito evoluídas: a arte do couro e as técnicas de ourivesaria que muito agradavam ao Império Romano.

No entanto, o aspecto mais importante dos germanos incorporado pelos romanos, além do militar, foi o linguístico, pois a partir dos dialetos desses povos os romanos passaram a designar os termos de guerra, de instituições e da própria vida cotidiana. Caminhando no mesmo sentido, Roma também exercia forte atração para esses povos da Germânia. *“Não se apresentavam como inimigos das instituições romanas, mas como seus admiradores”*<sup>269</sup>.

Sendo assim, os chefes de algumas tribos germânicas não só chamaram romanos para serem seus conselheiros como procuraram imitar as denominações dos títulos político-sociais, como cônsules, patrícios, etc. Além disso, os germanos aqueceram seu comércio, com a utilização de moedas. Aspectos das artes romanas e do direito também foram incorporados.

---

<sup>268</sup> LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Trad.: Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1964, v.I, p. 31.

<sup>269</sup> Idem, *ibidem*.

Aos olhos modernos, a *Germânia* de Tácito pode ser tratada como uma obra literária que se afasta dos padrões de um trabalho histórico, sobretudo pelo uso de antíteses e hipérboles que lhe realçam o valor estético de várias de suas passagens. Está claro que, como qualquer homem, Tácito deve ter cometido “erros” e utilizado contradições e que, por vezes, se deixou conduzir mais pelos impulsos pessoais do que pela razão. Além do mais, ele serviu-se de poucas fontes, mas essas poucas fontes eram tudo o que se encontrava disponível em seu tempo. Apesar disso, essa obra é um documento de grande relevância para se acessar os costumes dos povos da antiga Germânia, por seu caráter de verossimilhança.

## BIBLIOGRAFIA

- CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do império*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do livro, 1990.
- COLLINGWOOD. R. G. *A ideia de História*. Trad.: Aberto Freire. Lisboa: Editorial Oresença, S/D.
- DUJOVNE, León. *El pensamiento histórico en la antigüedad grecorromana*. In: La filosofía de la historia en la Antigüedad y en la Edad Media. Buenos Aires - Argentina: Galatea - Nueva Visión, 1958.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Trad.: Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1964, (Vols. I-II).

## FONTES

- TÁCITO. *Anais*. Trad.: J. L. Freire de Carvalho. São Paulo: W. M. Jackson Editores, 1950.
- TÁCITO. *Germânia*. Disponível em:  
<<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/germania.html>> Acesso em: 17/12/2006.

## SOBRE OS AUTORES

**CARVALHO, Andrey Willy.** Graduado em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG.

**CORDÃO, Michelly Pereira de Sousa.** Graduada e Mestre em História pela UFCG, Integrante do grupo de *Estudos Culturais*; Doutoranda em Ciências Sociais pela UFCG. Desenvolve estudos na área de História Antiga e Moderna e Sociologia Política.

**DINIZ, Muriel Oliveira.** Graduada em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG. Mestranda em História pela UFCG.

**LIMA, Marinalva Vilar de.** Professora das áreas de História antiga e medieval da Unidade Acadêmica de História e Geografia; Doutora e Pós-Doutora em História Social pela USP; Mestre em História do Brasil pela UFPE; Líder do grupo de Estudos Culturais da UFCG; Professora dos programas de Pós-graduação em História e em Ciências Sociais da UFCG. Desenvolve estudos na área de História antiga e medieval e cultura popular.

**MEIRA, Jean Paul Gouveia.** Graduado em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG. Mestrando em História pela UFCG.

**MELO, Guaíra Moreira Camilo de.** Graduada em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG.

**NOGUEIRA, Camila B.** Graduada em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG.

**OURIQUES, André Luiz Almeida.** Graduado em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG. Mestrando em História pela UFCG.

**SANTOS, Harriet Karolina Galdino dos.** Graduada em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG. Mestranda em História pela UFCG.

**SANTOS, Lauriceia Galdino dos.** Graduada e Mestre em História da UFCG; Integrante do grupo de *Estudos Culturais*, CNPq-Plataforma Lattes. Desenvolve estudos na área de História antiga e História do movimento docente.

**SILVA, Gustavo Henrique.** Graduado em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG. Mestrando em História pela UFCG.

**SOUTO, Gabriela Barbosa de.** Graduada em História (licenciatura e bacharelado) pela UFCG.

RDS GRÁFICA E EDITORA LTDA.  
FORTALEZA - CE  
TIRAGEM: 300 exemplares  
TIPOGRAFIA : Book Antiqua (textos)  
Adobe Arabic (títulos)  
FORMATO: 16x23 cm  
PAPEL DO MIOLO: Offset 70 g/m<sup>2</sup>  
PAPEL DA CAPA: Cartão tríplex 250 g/m<sup>2</sup>  
LAMINAÇÃO DA CAPA: Fosco  
NÚMERO DE PÁGINAS: 174  
ACABAMENTO: Encadernado e colado

---

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCCG

